

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
LUCIANO RODRIGUES TAVARES**

OBOÉ: UMA HISTÓRIA DO TALENTO NA EMPRESA DA VIDA

Juiz de Fora
2022

LUCIANO RODRIGUES TAVARES

OBOÉ: UMA HISTÓRIA DO TALENTO NA EMPRESA DA VIDA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Centro Universitário Academia – UniAcademia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Gervason Defilippo

Juiz de Fora

2022

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia

T231

Tavares, Luciano Rodrigues,
Oboé: uma história do talento na empresa da vida. / Luciano Rodrigues Tavares, orientadora Prof.^a Dra. Juliana Gervason Defilippo.– Juiz de Fora : 2022.
126 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário UniAcademia, 2022.

1. Afrodescendência. 2. Gestão de pessoas. 3. Oboé. 4. Literatura Brasileira. 5. Talento. I. Defilippo, Juliana Gervason, orient. II. Título.

CDD: B869.3

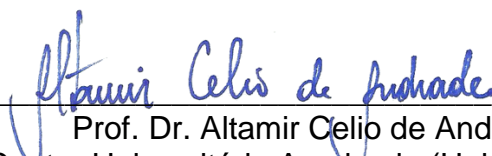
FOLHA DE APROVAÇÃO

TAVARES, Luciano Rodrigues. **Oboé:** uma história do talento na empresa da vida. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro Universitário Academia – UniAcademia, Área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura, realizada no 1º semestre de 2022.

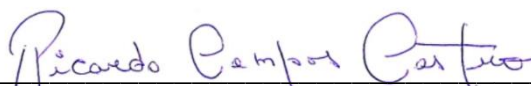
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Juliana Gervason Defilippo
Centro Universitário Academia (UniAcademia)



Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade
Centro Universitário Academia (UniAcademia)



Prof. Dr. Ricardo Campos de Castro
Universidade Federal do Acre (UFAC)

Aprovada em: 24 de março de 2022

Dedico este trabalho a todas as pessoas que compartilham comigo o encantamento pela Administração/Gestão de Pessoas e sua interdisciplinaridade com a Literatura, em especial ao Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira (UniAcademia) e à Prof.^a Dr.^a. Juliana Gervason Defilippo (UniAcademia), por ter aceitado esse desafio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por ter me ungido todos os dias dessa caminhada.

À minha mãe, que lutou comigo e sempre me incentivou para que este sonho se tornasse realidade.

À minha filha, Vitória Braga Tavares, por ser minha inspiração e equilíbrio, pelo carinho, pelo companheirismo e pelo amor incondicional. Filha, te amo muito.

Às minhas irmãs e ao meu irmão que sempre estiveram ao meu lado.

À minha esposa, Ana Paula Pontes de Castro. Desde quando você passou a fazer parte da minha vida, experimento uma espiral construtiva. Esta é uma das muitas conquistas ao seu lado.

Aos meus amigos, pelas orações e pelos pensamentos positivos para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

À minha afilhada, Gabriela, por todo o amor e carinho para comigo.

O caminho para o negro continua estreito (ITAÚ, 2017, n.p.).

RESUMO

TAVARES, Luciano Rodrigues. **Oboé**: uma história do talento na empresa da vida. 2022. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro Universitário Academia – UniAcademia, Juiz de Fora, 2022.

A presente dissertação encontra-se inserida na linha de pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura, do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia – UniAcademia, Área de Concentração: Literatura Brasileira, e busca apresentar à comunidade acadêmica e à crítica literária em particular uma análise crítica da novela **Oboé** (2014), de Oswaldo de Camargo, escritor paulistano e reconhecido pesquisador da Literatura Afro-brasileira. Pretende, ainda, investigar a escrita do autor enquanto meio de expressão acerca do tema da construção identitária afrodescendente, assim como estabelecer um percurso de reflexão no que diz respeito à importância atribuída ao talento pessoal como suposto instrumento viabilizador da inserção da identidade afrodescendente nos vários âmbitos que constituem a sociedade brasileira. Considerando esse aspecto, almeja também a identificação e a problematização – sob o viés da transdisciplinaridade, com destaque para campos do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia e a Administração – da relevância atribuída à posse do talento por parte dos indivíduos, sejam esses afrodescendentes ou não, enquanto fator gerador e motivador da progressão funcional e profissional no âmago das estruturas empresariais brasileiras. Para tal, a proposta de pesquisa vale-se dos aportes teóricos de autores como os administradores Kárpio Márcio de Siqueira (2013), Idalberto Chiavenato (2015) e Luis Adonis Correia (2012) no campo da administração, bem como os autores Édimo de Almeida Pereira (2010), Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes (2018) no campo da literatura, dentre outros.

Palavras-chave: Afrodescendência. Gestão de pessoas. Oboé. Literatura Brasileira. Talento.

ABSTRACT

TAVARES, Luciano Rodrigues. **Oboé**: uma história do talento na empresa da vida. 2022. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro Universitário Academia – UniAcademia, Juiz de Fora, 2022.

[This](#) dissertation [is](#) inserted in [the line of](#) research Brazilian Literature: tradition and rupture, from the Master's Program in Literature: Brazilian Literature, from Centro Universitário Academia – UniAcademia and it seeks to present to the academic community and to literary critics, in particular, a critical analysis of the novel *Oboé* (2014), by Oswaldo de Camargo, a writer from São Paulo and renowned researcher of Afro-Brazilian Literature. It also intends to investigate the author's writing as a means of expression on the theme of the construction of African descendant identity, as well as to establish a path of reflection regarding the importance attributed to personal talent as a supposed instrument to enable the insertion of African descendant identity in the various spheres that constitute Brazilian society. Considering this aspect, it also aims to identify and problematize - under the transdisciplinarity bias, with emphasis on fields of knowledge such as Anthropology, Sociology and Administration - the relevance attributed to the possession of talent by individuals, whether they are Afro-descendants or not, as a generating and motivating factor for functional and professional progression at the core of Brazilian business structures. To this end, the research proposal draws on the theoretical contributions of authors such as Kárpio Márcio de Siqueira (2013), Idalberto Chiavenato (2015) and Luis Adonis Correia (2012) in the field of administration, as well as the authors Édimo de Almeida Pereira (2010), Edimilson de Almeida Pereira and Núbia Pereira de Magalhães Gomes (2018) in the field of literature, among others.

Keywords: Afrodescent. People management. Oboe. Brazilian literature. Talent.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O CORPO NEGRO DO AUTOR E O CORPO NEGRO DO OBOÉ	14
2.1 OSWALDO DE CAMARGO: VOZ ATIVA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	17
2.2 O CORPO NEGRO DO OBOÉ	21
3 O TALENTO COMO APORTE NA EMPRESA E NA VIDA	31
3.1 CICINHO: UM AFRODESCENDENTE DE TALENTO	61
3.2 O TALENTO COMO APORTE NAS ORGANIZAÇÕES EMPRESARIAIS.....	65
4 COM O QUE MAIS NOS TOCA O TALENTOSO OBOÉ	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	101

1 INTRODUÇÃO

A Pátria, para o negro brasileiro,
tem sido, quase sempre, uma
sinhazinha surda e cega (VERÍSSIMO¹ apud CAMARGO, 2014, p.11).

Este trabalho de dissertação, resultante de pesquisa integrada ao Programa de Mestrado em Letras, Área de concentração: Literatura Brasileira, do Centro Universitário Academia – UniAcademia, vinculado à Linha de Pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura, busca apresentar à comunidade acadêmica e à crítica literária, em particular, uma análise da novela **Oboé**² (2014), de Oswaldo de Camargo, escritor paulistano e reconhecido pesquisador da Literatura Afro-brasileira. Pretende, ainda, investigar a escrita do autor, tomando-a enquanto meio de expressão acerca do tema da construção identitária afrodescendente, assim como estabelecer um percurso de reflexão no que diz respeito à importância atribuída ao talento pessoal como suposto instrumento viabilizador da inserção da identidade afrodescendente nos vários âmbitos que constituem a sociedade brasileira. Levando em consideração esse aspecto, este estudo almeja também a identificação e a problematização – sob o viés da transdisciplinaridade, com destaque para campos do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia e a Administração – da relevância atribuída à posse do talento por parte dos indivíduos, sejam esses afrodescendentes ou não, enquanto fator gerador e motivador da progressão profissional e funcional no âmago das estruturas empresariais brasileiras.

Oswaldo de Camargo é um escritor de múltiplas especificidades: contista, poeta, romancista, jornalista, ensaísta, músico e crítico literário. Ele é autor de inúmeros textos fundamentais para fruição e compreensão das artes negras brasileiras, dentre eles os livros como **O homem tenta ser anjo** (1959) e **15 poemas negros** (1961), a novela **A descoberta do frio** (1979), o livro de poesias **O estranho** (1984), além de diversos ensaios, como o seminal **O negro escrito** (1987) e **Solano Trindade: aproximações** (2012). Oswaldo de Camargo também é

¹ Fundador da Sociedade Propugnadora Luiz Gama, 1920 (apud CAMARGO, 2014).

² “O oboé é um instrumento musical de sopro e de palheta dupla que pertence à família das madeiras. O corpo do oboé, um tubo ligeiramente cônico com cerca de 60 cm de comprimento que termina num pequeno pavilhão, é geralmente feito de ébano. O instrumento fica completo quando incorporamos uma palheta dupla (duas canas ligeiramente curvas e sobrepostas) na extremidade mais fina do instrumento [...]. O oboé é ainda constituído por um mecanismo de chaves que, ao serem pressionadas, definem a altura dos sons e a respetivas notas musicais.” Disponível em: <https://www.amoa.pt/testimonials/oboe/>. Acesso em: 19 maio 2021.

coordenador de Literatura no Museu Afro-Brasil, em São Paulo. Em 1998, recebeu da Secretaria de Cultura de Santa Catarina a Medalha de Mérito Cruz e Sousa, pelas publicações e pelas palestras em torno do poeta e, em 2013, a Medalha Zumbi dos Palmares, da Câmara Municipal de Salvador (BA), pelo trabalho desenvolvido como escritor na divulgação da importância cultural e social do negro no Brasil.

A narrativa inscrita na novela **Oboé** (2014) se faz por meio do relato do protagonista que performa fragmentos de sua história, mesclando dados biográficos e ficcionais, em um exercício de reminiscência, em especial os de sua vivência de menino na fazenda cafeeira Cristiana, quando, aos seis anos, depara-se com um oboé, instrumento cujos som e forma o encantam e passam a reger sua vida na propriedade cafeeira da Senhora Maria Emília do Santo Céu, uma viúva na faixa etária dos sessenta anos. Em 1934, chegam à propriedade vinte e cinco imigrantes alemães, o que muda o futuro do filho de trabalhadores negros apanhadores de café.

Assim, a novela **Oboé** (2014) traz um encontro significativo com a construção reflexiva atribuída ao talento pessoal como suposto instrumento viabilizador gerador e motivador da progressão funcional e profissional no âmago das estruturas empresariais brasileiras, da inserção da identidade afrodescendente nos vários âmbitos que constituem a sociedade brasileira, evidenciando um rompimento do legado patrimônio colonial, o qual fora transmitido a esses sujeitos.

O diálogo se desdobra a partir das características a serem consideradas no indivíduo. No ambiente das organizações, apresenta-se a noção do talento pessoal como elemento diferenciador de relevante importância. Por outro lado, tal talento traz para o campo da reflexão as práticas socialmente excludentes, de modo que sujeitos que fogem ao padrão do gênero masculino, branco, cisgênero, heteronormativo e sem deficiência são sistematicamente preteridos. É negado a esses grupos o acesso aos direitos humanos mais básicos, perpassando por tipos distintos de violência na vida cotidiana, os quais se manifestam de forma verbal, física, psicológica e patrimonial.

A fim de sistematizar e desenvolver reflexões a respeito desse imbricado quadro de questões ora exposto, o presente trabalho de dissertação está organizado em cinco seções, o que se pode associar à ideia de serem cinco árias, a partir da relação do oboé, instrumento de importância não somente na história da música,

mas, principalmente, devido à potência do seu significado na obra de Camargo (2014), objeto da análise proposta.

Nesta primeira seção, procede-se à introdução deste trabalho com o fito de auxiliar na orientação da leitura que irá se suceder.

No que se denomina *Aria di Bravura*, ou seção dois, há uma aproximação, um entrelaçamento entre a vida e a arte, numa remissão à noção de unidade da responsabilidade, conforme Bakhtin (2003), em um movimento de transformação de um inacabamento singular ao ser humano. Dessa forma, o próprio título, **O corpo negro do autor e o corpo negro do Oboé**, proporciona uma reflexão sobre a vida do autor e sobre a narrativa do protagonista, remontando a uma concepção do ser humano como um ser social, ao mesmo tempo produto e produtor do contexto histórico e cultural do grande tempo.

Na seção três, apresenta-se o movimento, tanto na arte – **Oboé** (2014) –, quanto na vida, sobre os horrores da escravidão que deixaram marcas profundas, sejam físicas, psíquicas e/ou simbólicas, configurando obstáculos e entraves para a população afrodescendente. Nesse sentido, a seção está representada pela *Aria d'abilità* (ou de habilidade) que, numa peça musical, revela um elevado grau de desafio para o cantor ou instrumentista. A referida seção convida-nos à reflexão sobre as estruturas históricas, econômicas e sociais das lutas travadas por esses sujeitos numa tentativa de romper esse universo perverso e excludente. Sendo assim, a dificuldade encontrada pelo artista é também vivenciada por essa enorme parcela da população brasileira na busca por respeito, visibilidade e valorização da sua identidade étnico-cultural.

Na seção quatro, ou *Aria de carattere*, aproximando a arte como transformação da vida, como estética da existência, o destaque fica por conta do protagonismo do autor tanto na obra através da criação do personagem Cicinho, quanto no humano Oswaldo de Camargo, que, ao escrever a narrativa em questão, optou por “[...] assumir posições axiológicas a cada momento da vida ou posicionar-se em relação a valores” (BAKHTIN, 1995, p.187, apud FARACO, 2017). Assim sendo, essa ária propõe uma aproximação da alteridade de Bakhtin com a obra de Camargo, visivelmente na unidade da responsabilidade, já que “[...] arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (BAKHTIN, 2003, p. XXXIV).

Nesse movimento, é viável verificar que a escrita empreendida por Oswaldo de Camargo na novela **Oboé** (2014) traz em si a marca da ruptura em relação a certa tradição canônica da Literatura Brasileira, visto que, apresenta – do ponto de vista do afro-brasileiro – questionamentos no que concerne à própria identidade e aos embates e aos procedimentos para que sua ascendência africana seja aceita e inserida no âmbito da sociedade. Comumente, pode-se observar na Literatura Brasileira o predomínio de escritas em que o narrador se reporta a um sujeito afrodescendente para contar-lhe a trajetória; em **Oboé** (2014), contudo, vislumbra-se uma quebra na mirada do narrador, o qual, sendo negro, fala de si e das angústias e dos questionamentos que o acompanharam desde a origem humilde até determinados espaços da sociedade aos quais não teria acesso não fosse o seu virtuosismo como músico.

Chega-se às considerações finais com a escolha da *Aria concertata*, destinada a solos de instrumentos. Embalados ao som do oboé, o qual “[...] reforça e dobra a linha melódica dos violinos, criando assim uma combinação timbrística única” (JUSTI, 2007, p. 86), assumindo “[...] a função de instrumento solista nas árias das cantatas” (JUSTI, 2007, p. 86), Camargo nos incita, por meio da ideia da arte como uma espécie de resposta ao meio social, a contemplar, como bem assevera Bakhtin (2003), a perspectiva de que:

O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro. [...]. O reflexo de mim mesmo no outro (BAKHTIN, 2003, p. 394).

Levando em consideração o fato de que a música é a arte que traz em seu âmago e formação a harmonia, analogamente à presença do outro (BAKHTIN, 2003), apresentam-se as referências aos teóricos que harmonizaram as reflexões desenvolvidas no presente trabalho dissertativo com suas valiosas contribuições e ensinamentos, dentre os quais merecem destaque os nomes de autores do campo da administração, como Kárpio Márcio de Siqueira (2013), Idalberto Chiavenato (2015) e Luis Adonis Correia (2012), e do campo da literatura, como Édimo de Almeida Pereira (2010), Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes (2018), além de outros devidamente relacionados.

Desse modo, a partir da já mencionada Linha de Pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura, do Programa de Mestrado do Centro Universitário Academia – UniAcademia, desenvolve-se este trabalho de dissertação dentro das inúmeras possibilidades de leitura que lhe proporcionou a novela **Oboé** (2014) no que diz respeito ao estudo do talento como forma de aproximar o indivíduo de certa mobilidade social, entrecruzando essa temática com outra relacionada aos modos como o talento vem sendo observado no ambiente das organizações empresariais nacionais. Isso demonstra, por mais de uma vez, a riqueza contida na pluralidade de diálogos viabilizados a partir da escrita de Oswaldo de Camargo e das múltiplas relações e possibilidades que a Literatura estabelece com outras áreas.

2 O CORPO NEGRO DO AUTOR E O CORPO NEGRO DO OBOÉ

Veja: sou hoje um homem desbotado, mas tive a minha cor. O oboé mostrou minha cor, de preto que se alçou e, então, foi notado; eu luzi, brilhei por cinquenta anos, na fazenda de Sinhazinha, em Pretéu, Vila Morena, em Mundéu, Tuim [...]; depois na capital (CAMARGO, 2021, p. 37).

A epígrafe desta seção se mostra capaz de, numa alusão à ética e à estética bakhtiana,³ permitir-nos observar quão interessante é a possibilidade de uma aproximação entre a vida do autor e o reflexo dela na obra por ele escrita e que se constitui como *corpus* literário da pesquisa em que resulta o presente texto dissertativo. Em **Oboé** (2014), entrelaçam-se reflexões realizadas pelo próprio autor e aspectos presentes na narrativa de vida do protagonista. Oswaldo de Camargo, em diversos momentos em que é solicitado a falar de sua biografia, demonstra que o domínio de certo talento para a literatura possibilitou-lhe a tomada das rédeas e da direção da própria vida.⁴ Por outro lado, a narrativa da vida de Cicinho, personagem que se destaca em decorrência de seu talento para a música e das oportunidades que se criam a partir dessa sua habilidade, de certo modo, embasa a exposição do posicionamento do próprio Oswaldo de Camargo a respeito da identidade do negro, que, na contramão das imposições excludentes de uma sociedade discriminatória, almeja e reivindica reconhecimento e melhores condições de vida para si e para os seus.

O autor, conforme relatos por ele mesmo trazidos a público, revela a oportunidade que teve de acesso à cultura, à literatura, à música, à imprensa e a outros bens de valor não patrimonial, mas todos de fundamental importância para a constituição de um indivíduo. Autor de **A descoberta do frio** (1979), Camargo participou do Movimento Negro Brasileiro, principalmente por intermédio da literatura, por meio da qual se manifesta e enfrenta o problema do preconceito, dando destaque à cultura afrodescendente no Brasil.

³ Bakhtin compreende o homem como ser histórico-cultural e discute a estética como relação entre autor-objeto-interlocutor, o que coaduna com seu conceito de dialogismo. Da mesma forma, o ético em Bakhtin se refere ao sujeito responsável, ou seja, aquele que tem responsividade, que dialoga, responde ao seu interlocutor. Assim, os aspectos ético e estético bakhtinianos estão enraizados na sua história e na sua cultura, não sendo possível descolar o autor de sua obra, ponto de vista que nos permite relacionar o autor de Oboé à sua obra.

⁴ Nesse sentido, ver entrevista concedida pelo autor Oswaldo de Camargo ao Portal **Literafro**. Entrevista concedida a Soraya Fideles. Mediação Maria Nazareth Soares Fonseca. Portal Literafro, TV UFMG, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mzc2uDBf1MI>. Acesso em: 07 jun. 2020.

Nessa linha de pensamento, ao se referir à novela **Oboé** (2014), a professora Leda Martins destaca que:

Neste texto de Oswald de Camargo, o oboé empresta ao narrador protagonista cor, identidade, versatilidade, consciência de si como negro, além de constituir a linguagem literária como grafia musical, melódica, rítmica, cheia de cadências vocais e tímbricas (MARTINS apud CAMARGO, 2014, p. 16-17).

Ao se perceber enquanto negro, o protagonista reflete não apenas sobre sua condição, mas também sobre a de seus familiares, com destaque para a figura do pai, e demonstra inquietação e angústia em ter alcançado sucesso à contramão do que ocorre com outros tantos de sua mesma origem que não obtiveram tal oportunidade. Metaforicamente, o musicista passa por um processo de embranquecimento⁵ ao alcançar a ascensão social, histórica e supostamente reservada a setores específicos da sociedade brasileira, conforme demonstra o narrador:

Não é minha vida, doutor; não possuo brio para extensão de escrita. Sou apenas um homem que aprendeu, em pequeno, a tocar oboé. E oboé abriu via para outros conhecimentos: Literatura e história dos povos, pela aproximação de Veríssimo, que visitei bastante antes de seu desaparecimento; música e religião com Noé. Depois, na capital, enfrentei alegrias e tormentas no meio de projetos juntados em associações de cultura, de baile, até uma certa impressão que eles mantinham para dar rumo de respeito ao povo da raça (CAMARGO, 2014, p. 121).

Da mesma forma, supõe-se que se trata de uma inquietação que é também própria do autor, tendo em vista que se encontra em um lugar de reconhecimento que não é alcançado com facilidade por grande parte dos afro-brasileiros.

A leitura da novela **Oboé** (2014) nos conduz a reflexões sobre a identidade e sobre o lugar do afrodescendente em nossa sociedade, temática que reiteradamente

⁵ Segundo Vaccari, a ideia de embranquecimento provém das relações estabelecidas entre brancos e negros, em uma sociedade desigual: “[...] a única alternativa de sobrevivência mínima do negro na sociedade patriarcal brasileira era tentar aproximar-se, ainda que minimamente, do branco dominador. Se era vedado ao negro qualquer reconhecimento como gente, ao mulato e ao pardo – dois de seus desdobramentos – faziam-se, devido à sua parcela branca, algumas exceções. Deve ser por isso que, ao longo da história, conferiu-se a célebres personalidades de origem comprovadamente africana em seu sangue, a alcunha de mulato ou pardo; será que não seria de muito bom tom, à época e mesmo hoje, ter um grande escritor como Machado de Assis tratado como puramente negro? Ou o poeta Castro Alves? Ou, na música, nada mais que José Maurício e Carlos Gomes? O “embranquecimento”, destarte, visava a deixar “um pouco mais brancos” os artistas, homens públicos e literatos negros ou descendentes de escravos, de modo a conferir-lhes senão o status de pessoa, ao menos o “gentil” apelido de mulato – “cor de mula”, a princípio” (VACCARI, 2018, p. 179).

se apresenta na literatura afro-brasileira de diferentes modos. **Oboé** (2014) contribui para evidenciar um abismo que se forma na sociedade brasileira, destacando o valor estético da obra e confirmando o elo entre Camargo e as novas gerações de autores dessa literatura. Há mais de sessenta anos atuando ativamente na divulgação dessa arte, Oswaldo de Camargo constrói, com muita propriedade,⁶ um lugar de importância para a afirmação da produção literária negra no Brasil. Segundo Martins (2014):

Oswaldo de Camargo é um escritor de múltiplas letras, íntimo da escrita, íntimo da música. Romancista, contista, poeta, jornalista, historiador literário, ensaísta. E é também pianista e organista. Em sua vasta obra, ao longo de mais de cinquenta anos, tem oferecido aportes significativos à história da Literatura Brasileira e à do pensamento crítico-reflexivo sobre as artes, as culturas e o papel de destaque do negro no processo de construção civilizatória e na formação do Brasil, papel esse ainda invisibilizado pela persistência e denegação do racismo em nossa sociedade [...]. Destaca-se também sua postura participativa e comprometida com todas as causas que têm o sujeito negro como sujeito da história deste país (MARTINS *apud* CAMARGO, 2014, p. 15-16).

Apoiando-se na ideia de que fora levado a esse movimento por uma questão de circunstâncias, Camargo se percebe já idoso diante da escrita como um elo entre os autores negros mais jovens que acabam por morrer mais cedo que ele (CUNHA, 2017). Sofrendo forte influência da cultura erudita, o autor destaca como foi de fundamental importância para a formação de sua subjetividade a convivência com negros que tiveram acesso à instrução formal e que criaram associações de negros em Bragança Paulista, além do contato com histórias que se traduzem como resquícios dos anos iniciais de sua vida em uma fazenda.

Da mesma forma, **Oboé** (2014) se traduz em uma narrativa relativamente curta, já que se trata de uma novela, através da qual o personagem principal se configura como um pensador sobre as questões do negro em uma fazenda cafeeira e na sociedade, posicionando-se como um efeito do acaso, da circunstância de ter

⁶ Em entrevista concedida a Milton César Nicolau, Oswaldo de Camargo afirma que: “[...] a partir do momento que o negro resolve falar de sua realidade e identidade como negro, trazendo as marcas de sua história, mesmo dentro de uma língua portuguesa, ortodoxa, acadêmica, que seja, se ele conseguir fazer isso com arte e se essa literatura estiver sancionada por uma produção, ela existirá. A produção existe. É fato. Portanto, atestada pela produção, a literatura negra existe. Quando o negro pega suas experiências particulares e traz, sobretudo o ‘eu’, a persona negra, com suas vivências, que um branco pode imitar mas não pode ter, o nome que damos a isso é literatura negra” (Entrevista concedida a Milton César Nicolau no Portal Afro, 10 dez. 2020). Disponível em: https://www.portalafro.com.br/dados_seguranca/literatura/oswaldo/oswaldo.htm Acesso em: 16 mar. 2021.

tido a oportunidade de encontrar o oboé, o qual lhe propiciou novas condições para dar seguimento à própria existência.

Mediante esses aspectos, a novela em questão demonstra ser um manancial de provocações capazes de sustentar o percurso investigativo proposto neste trabalho dissertativo, razão pela qual se faz necessário discorrer um tanto sobre a biografia do autor e sobre a obra, o que se sucede nas subseções que se seguem.

2.1 OSWALDO DE CAMARGO: VOZ ATIVA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Nascido no ano de 1936, em uma fazenda em Bragança Paulista, filho de apanhadores de café, Oswaldo de Camargo passa a primeira infância em uma fazenda cafeeira. Menino livre, pés no chão, vivencia as primeiras experiências com a cultura negra junto a seus pais. Aos seis anos, porém, sua mãe falece tuberculosa, e, um ano depois, também falece seu pai. Na concepção do autor, externada em uma entrevista ao Portal **Literafro** (2018)⁷, a orfandade remonta a toda a sua trajetória de vida: é levado ao internato no **Preventório Imaculada Conceição**⁸ e recebe a bênção de sua fundadora, a Viscondessa da Cunha Bueno. Camargo é alfabetizado e passa a conviver, então, em meio a pessoas brancas e ricas. Em outra entrevista concedida a Soraya Fideles (CAMARGO, 2018), o próprio autor atribui sua obediência à disciplina rígida do internato ao interesse de se sentir amado, o que lhe trouxe o benefício do contato com a pintura, com a literatura e com o mundo letrado.

Segundo o autor, na mesma entrevista, **Oboé** (2014) traz transfiguradas suas reminiscências de infância. É, pois, um símbolo, uma metáfora do contato com a cultura branca, que é supostamente muito forte. Quando pequeno, o escritor cantava em holandês e atuou como organista em algumas igrejas. Por esse motivo, percebe o impacto da reação da sociedade em relação a si quando se descobre negro.

⁷ **Literafro** – portal da literatura afro-brasileira é fruto do trabalho do Grupo de Interinstitucional de Pesquisa Afrodescendências na Literatura Brasileira, constituído em 2001 e sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA), da Faculdade de Letras da UFMG. Além do portal, o grupo participa de inúmeras publicações, com destaque para a coleção **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica (UFMG, 2011, 4 vol.) e para os volumes didáticos **Literatura afro-brasileira** – 100 autores do século XVIII ao XXI (Pallas, 2014) e **Literatura afro-brasileira** – abordagens na sala de aula (Pallas, 2014).

⁸ Preventório Imaculada Conceição, situado em Bragança Paulista (SP), fundado em 1913, para abrigar filhos de pessoas carentes da capital paulista com tuberculose.

Entretanto, não se afasta de suas origens; pelo contrário, insere-se em todos os movimentos, nas manifestações e nos eventos negros em que pode. Em sua trajetória, não aceita sua condição de menino pobre, negro e analfabeto. Nesse sentido, a realidade experimentada pelo autor aparece talvez representada na fala de Cicinho: “Sem oboé, minha vida seria um brejo, com rumo pra nada: sem poder andar no barro, porque mole; sem conseguir singrar água limpa” (CAMARGO, 2014, p. 52).

De acordo com Flávio Carrança (2017), no artigo intitulado **Oswaldo de Camargo**: elo entre gerações, Camargo iniciou seus estudos eclesiásticos no Seminário Menor Nossa Senhora da Paz, em São José do Rio Preto, aos 13 anos (CARRANÇA, 2017). Todavia, não conseguiu dar continuidade à vocação, tendo sido cerceado em sua vontade de ser padre, já que nenhum seminário em São Paulo o aceitou pelo fato de ser negro. Nesse ínterim, a escrita passa a fazer parte de sua vida, iniciando a partir de cópias de poemas que inclusive decorava, até conseguir escrever um soneto (CAMARGO, 2018). De acordo com Camargo (2018), escrever preenchia as lacunas deixadas pelo fato de se descobrir negro. Outro aspecto em torno da identidade do autor diz respeito ao estudo da música. Inicia seus estudos de harmônio (instrumento semelhante a um órgão), e o fato de se tornar um musicista influencia a escrita de várias obras, dentre elas, **Oboé** (2014).

Pelo amor à palavra, ao texto, à poesia e à contação de histórias, Oswaldo de Camargo se aproxima do jornalismo. O soneto por ele composto é entregue ao diretor do Jornal **O Estado de São Paulo**, que se interessa pelo poema. O escritor passa, então, por um processo de seleção e recebe a oportunidade de se tornar revisor no jornal, atividade por meio da qual passa a ter acesso aos textos de escritores famosos.

Camargo, ao longo de sua obra, revela a influência de vários escritores, tanto daqueles a quem teve acesso durante seu período no Seminário, quanto daqueles com quem teve contato na redação do jornal. Dessa maneira, pode-se admitir que Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Dias, Cruz e Souza, Nelson Rodrigues, Mario de Andrade, Machado de Assis, entre outros escritores, formam uma plêiade inspiradora para a escrita de **Oboé** (2014).

Cabe ressaltar que Oswaldo de Camargo faz parte da literatura afrodescendente, que difere-se da literatura negrista.

Ao estudar sobre a literatura negra, Oliveira (2014) conclui que os primeiros escritos literários sobre o negro não são propriamente uma literatura afrodescendente, ou seja, a literatura do próprio negro engajado no movimento antirracista em busca do reconhecimento, respeito e valorização da cultura negra. Marginalizado, o negro não tinha espaço na cultura e na sociedade para produzir, ou melhor, divulgar sua produção literária. Assim, o sentimento de valorização do negro no Brasil começa a apontar na literatura negrista (o negrismo) no final do século XIX e fortalecendo-se no início do século XX com o movimento modernista.

Autores brancos, a partir de suportes formais ocidentais, por dentro e por fora do cânone, a partir de um ponto de vista simpático, mas externo, relatam temas e situações relativos ao coletivo afrodescendente (OLIVEIRA, 2014, p. 4).

Em suas obras, esses autores, segundo Oliveira (2014) valorizavam o negro e destacavam seus feitos e participações heroicas. Inspiram-se no movimento negrista europeu, no qual artistas diversos, não só da literatura, como também de outros ramos artísticos como a escultura e a pintura por exemplo, recuperam a estética africana valorizando a arte daquele continente.

No entanto, de acordo com Oliveira (2014), o movimento modernista brasileiro, mesmo recebendo forte influência cubista e da efervescência da representatividade negra na arte, não foi capaz de “romper os lugares comuns dos estereótipos, nem ainda conseguiram impulsionar a primazia do negro em relação ao índio, vistos aqui enquanto agendas sociais” (OLIVEIRA, 2014, p. 11). Isso repercute em uma troca do racismo pela “simpatia diluída” ao negro.

O escritor negrista, ao mesmo tempo em que opera transformações no cenário social, insere em seu discurso e atitude política aspecto próprio de um coletivo oprimido, que ainda reproduz no âmbito de seu discurso literário propriamente dito, posicionamento tipicamente conservador (OLIVEIRA, 2014, p. 14).

Trata-se, afinal, de brancos falando sobre os negros, que ainda não conseguem sair de seu lugar de classe dominante.

Oliveira (2014) considera como divisor de águas o movimento da literatura afrodescendente, inaugurado no Brasil com os Cadernos Negros na década de 1970. Trata-se de uma literatura feita pelo próprio negro em um movimento de valorização da cultura negra e afro-brasileira, sem maquiar a realidade do racismo

ainda existente no país. Ao contrário, expõe todos os problemas do racismo e da desvalorização do negro.

Oswaldo de Camargo faz parte deste último movimento, ou seja, da literatura afro-brasileira, de luta e manifestação cultural negra, inclusive escrevendo para os referidos Cadernos Negros.

Por lutar pela inserção e pela valorização do negro na Literatura Brasileira, Oswaldo de Camargo se torna uma referência, inaugurando, inclusive, o 1º Caderno do **Quilombhoje**, importante periódico que publica textos de afrodescendentes desde 1978. O movimento do escritor no âmbito da Literatura Afro-brasileira ganha força a partir de várias publicações, dentre elas mais três no próprio **Quilombhoje**, além da publicação na Associação Cultural do Negro. Segundo o autor, na já mencionada entrevista concedida a Soraya Fideles, “[...] a palavra ‘angústia’ permeia toda a literatura preta” (CAMARGO, 2018). Para o autor de **Oboé** (2014), o drama do negro existe dentro de si mesmo, por carregar os resíduos da escravidão, o que faz necessária a criação da literatura negra como mecanismo de resistência.

Oswaldo de Camargo é um dos principais nomes da literatura contemporânea brasileira, em específico da Literatura Afro-brasileira, não apenas como autor, mas também em especial como pesquisador e crítico. No texto **O sucesso embranquece, afirma Oswaldo de Camargo em debate sobre Mário de Andrade**⁹, do jornalista Pedro Borges, publicado em 02 de abril 2020, no portal **Alma Preta Jornalismo Preto Livre**¹⁰, (CAMARGO apud BORGES, 2020) afirma que:

É uma pena que a gente perde, devido à cor duvidosa, que resvala para o outro lado. Não estou negando o lado branco dos pardos e mulatos, mas eles geralmente resvalam só para o lado branco. É uma pena para a luta pela justiça, igualdade do negro brasileiro (CAMARGO apud BORGES 2020, n.p.).

⁹ “O sucesso embranquece’, afirma Oswaldo de Camargo em debate sobre Mário de Andrade - Oswaldo de Camargo, um dos principais nomes da literatura contemporânea, participou de debate sobre o mais recente livro publicado pelo autor, Negro Drama: a cor duvidosa de Mário de Andrade. A apresentação do livro e as reflexões do escritor foram a público no dia 30 de março, sábado, em debate organizado no Sesc Paulista, das 17h às 18h30. Ao lado de Oswaldo, participaram o músico Felipe Antunes, a poeta Patrícia Meira e a escritora Neide Almeida, que mediou a atividade.”

¹⁰ **Alma Preta Jornalismo Preto Livre** - Criado em 2015 por um grupo de jovens comunicadores da UNESP, o Alma Preta é uma agência de jornalismo especializado na temática racial do Brasil. Em seu conteúdo, você encontra reportagens, coberturas, colunas, análises, produções audiovisuais, ilustrações e divulgação de eventos da comunidade afro-brasileira.

A identidade racial é um tema que faz parte da realidade da sociedade brasileira. **Oboé** (2014) aborda o talento de um jovem negro como aporte para seu acesso ao que se assemelharia – estabelecendo uma imediata comparação entre ficção e realidade – à casa-grande. A obra camarguiana se torna importante e nos chama à reflexão a respeito do quanto o negro é preterido e privado em todos os seus direitos, tais como o acesso à educação, à moradia, à saúde, bem como ao emprego. A escrita do autor nos leva a refletir acerca do tema da construção identitária afrodescendente, assim como a estabelecer um percurso de reflexão no que se refere à importância atribuída ao talento pessoal como suposto instrumento viabilizador da inserção da identidade afrodescendente nos vários âmbitos que constituem a sociedade brasileira.

2.2 O CORPO NEGRO DO OBOÉ

Oswaldo de Camargo aparentemente remonta a cenários de sua vida, ilustrados em **Oboé** (2014) com passagens que se aproximam de seu passado, contando fragmentos de sua história de vida que são entrelaçados com a existência do personagem Cicinho (protagonista, narrador) na fazenda cafeeira Cristiana, propriedade da Senhora Maria Emília do Santo Céu, uma viúva a quem o narrador chama Sinhazinha.

Oboé (2014) é uma narrativa em primeira pessoa, na qual o narrador, já aos 86 anos, evoca um narratário a quem ele chama **doutor** e lhe reconta a história de um menino, recordando as primeiras reminiscências da infância, perpassando o encontro com o instrumento musical oboé e o traçado de sua trajetória de vida, a qual é transformada graças ao seu talento musical.

Inscrevem-se na narrativa as memórias da infância de Cicinho, o pai, o carinho fugidio da mãe, a lembrança e o desejo de ser notado pela Sinhazinha, porém não se esquecendo de todos os outros indivíduos que o cercavam, os outros personagens e seus lugares, a rica redondeza, desenvolvendo, assim, uma vasta memória de si mesmo.

Há de destacar que criança e infância são denominações criadas, a princípio, para remeter-se a um padrão básico: a criança branca e a infância europeia. Entretanto, esses conceitos são extremamente amplos,

independentemente do espaço-tempo em que ocupam, encontram-se em um permanente processo de transformações.

Ao pesquisar sobre a criança e a infância no Brasil colonial, sem o intuito de aprofundar e esgotar o tema, haja vista não ser este o objetivo do trabalho, percebe-se que esse segmento etário da sociedade brasileira foi praticamente ignorado, em uma lógica de se **invisibilizar** sujeitos, categorias e raças.

Essa invisibilidade pode ser constatada em um trecho do livro **Casa Grande & Senzala**, do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, no que se refere ao papel da criança negra.

Ao moleque companheiro de brinquedo do menino branco e seu leva-pancadas [...]. Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra, por dentro; de pó de serra e de pano como os judas de sábado de aleluia.” Logo a crianças deixa o berço”, escreve Koster [...], dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce seus caprichos. [...] eram-lhe o cavalo, o leva pancadas, os amigos, os companheiros, os criados. [...]. Nas brincadeiras, muitas vezes bruta, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro [...] entre os canaviais, os meninos brancos brincam de carro de cavalo com moleques e até molequinhas filhas das amas, servindo de parelhas. Um barbante serve de rédea; um galho de goiabeira de chicote (FREYRE, 1981, p. 419-420).

Assim sendo, é essa a realidade na qual nosso personagem principal, Cicinho, encontra-se. Oriundo de um amplo processo de exclusão e invisibilidade, o menino de seis anos de idade, ao vivenciar a chegada de imigrantes alemães à fazenda de Sinhazinha no ano de 1934, sequer imagina a transformação pela qual sua vida passará.

A partir desse encontro, outro, marcado principalmente por meio da divergência de figuras que até então lhe eram comuns e determinantes pelo gênero e pela raça marcantes na sociedade brasileira e pelo protagonismo de figuras femininas, brancas e estrangeiras, como Liddy Anne, caracteristicamente notória pelo “seu aroma de sabonete alemão” (CAMARGO 2014, p. 81), pela sua mãe Frau Divina, reunirá condições necessárias capazes de promover-lhe um processo de **libertação**, em um processo cronotópico¹¹, ainda que metafórico.

¹¹ Refiro-me ao conceito de cronotopia cunhado por Bakhtin, que se refere à grande temporalidade, ou seja, à relação tempo-espaço que se dá na produção de um discurso, considerando o espaço

No Brasil, as condições de transformação social só passam a existir através da interferência estrangeira. Não havia possibilidades de transformação do negro, no sentido de ascensão social, na sociedade brasileira. A partir do momento em que os imigrantes alemães começam a chegar ao país, as condições de vida e as transformações sociais começam lentamente a acontecer.

Cicinho, aos seis anos, vivencia a chegada de imigrantes alemães à fazenda de Sinhazinha no ano de 1934. Através do contato do personagem Cicinho com as imigrantes alemãs, este inicia seu processo de transformação social. A metáfora presente na obra traduz um momento histórico de transformação social e libertação, proporcionando, a alguns, novas condições de vida. Na história, a alemãzinha faz chegar às mãos de Cicinho um oboé, instrumento que o menino sopra alegre e constantemente, só tendo parado por insistência da mãe da menina alemã. Ali nasce uma paixão arrebatadora pela música, que mudaria o rumo de sua vida. Como pode-se ler em Camargo (2014):

O oboé na minha vida se deveu à alemãzinha Liddy Anne, uma entre os vinte e cinco emigrantes que aportaram a Cristiana, herdade antiga de Sinhazinha, na primeira leva que lá chegou, em 1934, para espanto e susto dos simplórios camaradas, gente preta, a maior parte (CAMARGO, 2014, p. 36).

O instrumento foi logo dominado pelo talento de Cicinho, tornando-se porta para diversos aprendizados e passagens para lugares dos quais nunca mais se esqueceria. O caráter do personagem é forjado a partir do aprendizado do meio à sua volta, no qual desperta conhecimentos de si mesmo, seu sentido de localização e de busca de acessos que alteram a trajetória esperada para ele: negro, músico, executor de um instrumento clássico, em uma sociedade altamente discriminatória.

Criança preta, pais apanhadores de café, absurdo que, com sete anos, sempre descalço, vadiando na fazenda Cristiana –, em uma região hoje chamada Vale dos Castelos –, havendo me aproximado do notável instrumento logo alcançasse habilidade e inexplicável brilho (CAMARGO, 2014, p. 39).

Mesmo com o passar do tempo, Cicinho não se esquece da privação de oportunidades imposta ao seu pai. Este, mesmo sendo um talentoso compositor, fora suprimido e ignorado pelos patrões, retrato de mal disfarçada discriminação. Ao

em seu viés social e o tempo em sua construção histórica. Nesse sentido, cronotopo é a relação tempo-espço no movimento das transformações e dos acontecimentos (GEGER, 2009).

traçar seu caminho desde a mais tenra idade, Cicinho consegue essa ascensão social. O mesmo não ocorre com seu pai, que já vinha com sua trajetória de vida construída historicamente pela circunstância do racismo estrutural instalado na sociedade cafeeira. Tal discriminação sempre maltratava o coração de Cicinho, que não compreendia o motivo pelo qual ele, aprendiz de oboé, podia adentrar o casarão da fazenda, tocar na capela dedicada à Imaculada, ficar próximo à Sinhazinha e aos seus conhecidos, apresentando seu talento e brilho, que eram admirados por muitos na região do Vale dos Castelos, enquanto o pai, em sua percepção muito mais talentoso e autor de belas e majestosas cantorias, nunca pudera adentrar o casarão da fazenda e jamais recebera um convite ou até mesmo uma promessa de apresentar sua arte. A infância parece, pois, ser promissora, permitindo que novas trajetórias sejam traçadas a partir da descoberta e do reconhecimento do talento de uma criança; o que não acontece com o adulto já com seu caminho traçado, impedido, então, pelo racismo estrutural, de sofrer mudanças e ser socialmente reconhecido.

Por outro lado, Pretéu, lugar de pretos e vilas adjacentes à fazenda Cristiana, abraçava e reconhecia seu pai como talentoso e promissor artista negro. Esse emaranhado de pensamentos e de vivências monta um cenário que perturba o menino. Ao perceber que sua cor e condição social são uma enorme barreira que priva o acesso à sociedade, Cicinho abandona sua inocência de criança e tem atingida sua alma. A exclusão que o angustia tira sua condição de criança e implica a formação de um duro entendimento da realidade: “Eu tinha seis anos, doutor, ia passar pra sete. Eu era só um bichinho; absurdo estar ali. Mas dali brotava a história do meu oboé” (CAMARGO, 2014, p. 86).

Cicinho é tomado por uma triste e visível amargura em decorrência da percepção do racismo ao seu entorno. Por um lado, observa a mãe, mulher “[...] preta alta e magra, aparência comum de mulher trabalhadeira em cafezal, pano na cabeça ou chapéu largo de palha e suor” (CAMARGO, 2014, p. 51), por outro lado, percebe o pai, cheio de brilho e de potencialidades, porém sem receber nenhum reconhecimento por isso:

Meu pai era um tanto apessoado, jeito fino no rosto, de leve chegado a branco no nariz, no lábio. Cabelo, sim, era muito de preto, pixaim bem cerrado. Meu pai era mais vistoso que minha mãe [...]. Doutor, vejo hoje, quase em choro: minha mãe era mãe. [...] Durante anos de minha vida, meninice, juventude, convidado nas vilas do Vale para me apresentar com

meu oboé, minha mãe ficou muito esquecida, tal o sucesso do meu sopro. De meu pai, sim, eu falava, se aparecia vazio para uma prosa com aqueles brancos que me ouviam ou visitavam o casarão ou a capela de Sinhazinha (CAMARGO, 2014, p. 55).

Mediante o acesso ao casarão dos patrões, Cicinho se vê em meio à riqueza: seus olhos nunca haviam apreciado tanta beleza e fartura, um privilégio que se mistura a uma inquietação, já que seu pai não tinha o mesmo acesso e não teria a mesma oportunidade:

Só mesmo por eu tocar oboé; mas, quando sucedeu isso de eu ser chamado pela Sinhazinha para tocar no casarão dela, eu já ia nos meus doze anos, e um tanto sofrido, porque ninguém lá nem ligava para a música que meu pai inventava, só mesmo em Pretéu, nas festas como a de São Benedito ou na comemoração do passamento do Beato Nego Vito. E eu queria que ligassem (CAMARGO, 2014, p. 44).

A novela configura uma tríade de reflexões: o significado do encontro com o instrumento oboé; a distonia entre as oportunidades de Cicinho no que diz respeito ao acesso às classes sociais mais altas, enquanto seu pai, tido pelo narrador como muito mais habilidoso, não o consegue; e a reflexão sobre o ser negro em uma sociedade altamente racista e discriminatória. A obra reporta ao cenário de vida de um personagem que alcançou o sucesso em virtude de seu talento, marcado pela libertação representada pelo instrumento oboé. No entanto, em seu íntimo, o personagem ainda não se encontrou:

Sou apenas um homem que aprendeu, em pequeno, a tocar oboé. E oboé abriu via para outros conhecimentos: literatura e história dos povos [...]; música e religião com Noé. Depois, na capital, enfrentei alegrias e tormentas no meio de pretos juntados em associações de cultura, de baile, até uma certa imprensa que eles mantinham para dar rumo de respeito ao povo da nossa raça.

Hoje, sou resto.

– Por que, doutor? (CAMARGO, 2014, p. 125).

Cicinho viveu na fazenda Cristiana até os 16 anos, quando a deixou para explorar outros lugares em razão dos benefícios decorrentes de seu talento musical. Seu pai, ofuscado pelo filho, experimenta uma transformação na própria identidade: de Zé da Cantoria, passa a ser chamado “pai do molequinho do oboé”. Ele sofre um acidente com o caminhão e tem inutilizado o braço esquerdo (CAMARGO, 2014). O pai nunca fora valorizado e continua mero trabalhador braçal na fazenda, de forma a não conseguir realizar o sonho de morar em Pretéu (povoado formado por negros e

próximo à fazenda Cristiana). A mãe “[...] ficou muito esquecida, tal o sucesso do meu sopro” (CAMARGO, 2014, p. 52). Não se ouvira mais falar nela, nem mesmo o próprio Cicinho dá a ela muita voz. Já sobre Liddy Anne, o protagonista tem notícias dela por meio de correspondências de Engel (padrasto da menina). Frau Divina atou amizade com judeus e aproximou-se de um quarteto de músicos que tocava na capela de Sinhazinha, tendo oportunidade de cantar e de ser ouvida e valorizada pela patroa. A família alemã continuou vivendo na fazenda sob a admiração de Sinhazinha.

A estrutura social em que se insere a narrativa lembra-nos as reflexões contidas em **Casa grande e senzala** (1981). Curioso notar que, nessa obra, o autor também rememora os tempos de infância e de juventude, procurando reavivar os sentimentos de uma geração.

O tema da escravidão e os traumas causados por ela foram silenciados desde a abolição da escravatura, em 1888, até a publicação de **Casa grande & senzala**, de Gilberto Freyre, em 1933. Esse autor inaugura, de certa forma, a discussão desse assunto em uma época em que o assunto ainda não era discutido no meio cultural brasileiro. Conforme Melo (2009), as chamadas elites brasileiras queriam se isentar de suas responsabilidades históricas e aderiam a um paradigma de ciência racista que sustentava hierarquizações raciais, sem levar em conta as relações sociais, como as da escravidão.

A obra freyreana, portanto, apresenta uma vertente saudosista que trata as relações sociais de forma lírica e idealizada, por mais dura e desigual que essa fosse na realidade escravista que a dominou por mais de 300 anos. Em paralelo a essa reflexão, Alfredo Cesar Melo elabora a seguinte análise sobre a outra perspectiva desse trabalho de Freyre:

A outra esfera critica o latifúndio, a perversidade sistêmica da escravidão, fazendo a denúncia da desnutrição da população, da monotonia rural e da violência que pautava as relações da sociedade escravocrata. No primeiro caso, Freyre pretende resgatar dimensões da memória social brasileira, enquanto no segundo, almeja desmistificar estereótipos e mentiras criadas também por essa memória social. (MELO, 2009, p. 284).

Segundo Freyre (1981), os proprietários de escravizados aprenderam a explorá-los para o máximo rendimento. Precisavam conservar a energia do africano e não abusar para evitar prejuízo da eficiência da mão de obra:

A eficiência estava no interesse do senhor conservar no negro – seu capital, sua máquina de trabalho, alguma coisa de si mesmo: donde a alimentação farta e reparadora que Peckolt observou dispensarem os senhores aos escravos no Brasil (FREYRE, 1981, p. 44).

Na mesma linha de pensamento, por meio da novela **Oboé** (2014), Camargo reflete sobre o regime de matriz escravocrata em que o personagem Cicinho e seus pais viveram, traçando a dicotomia do menino negro, filho de descendentes de escravizados, que, por seu talento, vivencia experiências da sociedade branca, enquanto seus familiares não recebem as mesmas oportunidades. A narrativa traz o questionamento constante do protagonista, que não aceita a dicotomia entre a sua condição e a de seus familiares. Assim também o faz Freyre (1981), segundo o qual:

É ilusão supor-se a sociedade colonial, na sua maioria, uma sociedade de gente bem-alimentada. Quanto à quantidade, eram no geral os extremos: os brancos das casas-grandes e os negros das senzalas. Os grandes proprietários de terras e os pretos seus escravos. Estes porque precisavam de comida que desse para os fazer suportar o duro trabalho da bagaceira (FREYRE, 1981, p. 33).

Freyre (1981) critica a escravidão em sua obra. Por outro lado, apresenta essa discussão de forma lírica. Em **Oboé** (2014), Oswaldo de Camargo, de certa maneira, também aborda o tema de forma que é viável fazer uma alusão às mesmas disparidades de tratamento entre os escravizados que tinham acesso à casa-grande e os que eram submetidos ao trabalho forçado nas mais diversas esferas da sociedade brasileira. Vale ressaltar que, embora a fazenda Cristiana representada em **Oboé** (2014) não contasse mais com o trabalho escravizado, a estrutura que predominava na propriedade era ainda a das grandes fazendas dos senhores escravocratas de até finais do século XIX. Em **Casa-grande e senzala** (1981) e em **Oboé** (2014), pode-se notar os ritos litúrgicos do catolicismo português, que se juntam aos elementos políticos da organização social do Brasil, dada a relação do senhor de terras com seus escravizados e a relação dos grandes fazendeiros com os trabalhadores/colonos rurais.

De acordo com Jessé de Souza, o patriarcalismo que Freyre cita em sua obra também é elemento constituinte e mantenedor da sociedade colonial. Esse simbolismo patriarcal reflete a desigualdade entre o negro e o branco, sobre a qual Freyre cria o drama social do Brasil colônia.

A família patriarcal como que reunia em si toda a sociedade. Não só o elemento dominante, formado pelo senhor e sua família nuclear, mas também os elementos intermediários constituídos pelo enorme número de bastardos e dependentes, além da base de escravos domésticos e, na última escala da hierarquia, os escravos da lavoura (SOUZA, 2000, p. 75).

O ponto central é a afirmação assimétrica da desigualdade tirana, que a relação escravizado e senhor propicia com intimidade e até, em alguns casos, afetividade e comunicação entre as culturas. Nesse ponto, surge a discussão do que afinal constituiria a especificidade da escravidão brasileira. De onde ela veio? Como e por que ela se distinguiria de outras sociedades escravocratas?

Sobre os dois sistemas narrados, acredita-se que ainda é possível fazer algumas reflexões. Sem dúvida, há um ponto insistentemente repetido tanto em **Casagrande & senzala** (1981) quanto na narrativa de **Oboé** (2014): fundamentalmente o sistema econômico de produção escravocrata – e de herança escravocrata em **Oboé** (2014) – é monocultor, e a organização da família é patriarcal. Esses são pontos que aproximam todas as formas das sociedades escravocratas.

No entanto, se os pontos essenciais são os mesmos, isso não significa que as diferenças acessórias não sejam importantes ou até decisivas no estudo comparado de sociedades de um mesmo tipo. Em termos mais contemporâneos, as sociedades industriais avançadas são essencialmente semelhantes, por exemplo, no modo de produção econômico e no tipo de família, para usar precisamente os mesmos termos de Gilberto Freyre quando aproxima as sociedades escravocratas brasileiras e os regimes e concepções dos europeus. Ao falar da especificidade do regime no Brasil, Freyre (1981) compara o escravizado na senzala a uma simples máquina de trabalho e observa que aqueles que se aproximam da Casa-grande possuem uma colocação de destaque, algumas vezes sendo quase uma pessoa da família.

Em Freyre (1981), fica clara a diferença que existia entre os escravizados que viviam dentro da Casa-grande e aqueles que trabalhavam nas lavouras. Os primeiros eram **promovidos** dentre todos por se destacarem em alguns aspectos, como se pode observar nos dizeres do teórico em questão:

É natural que essa promoção de indivíduos da senzala à casa-grande, para o serviço doméstico mais fino, se fizesse atendendo a qualidades físicas e morais; e não à toa e desleixadamente. A negra ou mulata para dar de

mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos boçais e as mais ladinhas – como então se dizia para distinguir as negras já cristianizadas e abasileiradas, das vindas há pouco da África; ou mais renitentes no seu africanismo (FREYRE, 1981, p. 352).

Não obstante o caráter e o critério seletivo duramente imposto aos escravizados a partir da visão meramente interesseira de senhores e senhoras do Brasil escravagista¹² à qual se refere Freyre (1981) – os quais não se deve tomar como nada aproximado à naturalidade, vale a ressalva –, essa mesma atmosfera é, de certo modo e de certa forma, recriada e habilmente criticada por Oswaldo de Camargo em **Oboé** (2014). Por um lado, identifica-se na obra a recriação ficcional da estrutura social da fazenda Cristiana de maneira a estabelecer a representação daquela configurada nas fazendas e nos engenhos do período de vigência da escravidão no Brasil. Em outra perspectiva, a crítica a esse aspecto revela-se no fato de, a todo tempo, Cicinho questionar os motivos pelos quais somente ele, por ser um músico, foi exitoso em extrapolar o roteiro de vida supostamente traçado para todos os trabalhadores afrodescendentes daquela propriedade. O negro que se destaca dentre os demais e passa a ter acesso à casa-grande, à igreja, à companhia de Sinhazinha, enfim, adentra os espaços reservados à sociedade branca. Indubitavelmente esse é um tema de grande importância a ser objeto de reflexão no desenvolvimento do presente trabalho de dissertação. De modo ampliado, vê-se que **Oboé** (2014) nos abre a possibilidade de estudo acerca da importância do reconhecimento das potencialidades de cada indivíduo no âmbito das sociedades contemporâneas e mesmo no âmbito das relações das empresas com seus trabalhadores. Esses aspectos serão, pois, objeto de reflexão na próxima seção.

¹² É válido ressaltar que, apesar de formalmente abolida, a escravidão ainda é um tipo de trabalho utilizado no Brasil. Com o advento do capitalismo e com a emergência da democracia liberal na maior parte dos países do globo, o capitalismo não finda os tipos de trabalhos anteriores ao regime de trabalho assalariado. Ao contrário, ele se apropria também destes. Exemplo mais recente foi a descoberta de 110 pessoas trabalhando em regime análogo à escravidão, com direitos humanos violados, sem condições básicas de higiene ou trabalho. A empresa de cigarros e acessórios Souza Paiol foi descoberta pelo órgão de fiscalização trabalhistas do Estado brasileiro. A cobertura jornalística foi encabeçada pelo portal Repórter Brasil e pode ser lida na íntegra no site a seguir: <https://reporterbrasil.org.br/2021/10/em-maior-resgate-do-ano-souza-paiol-e-responsabilizada-por-manter-116-trabalhadores-escravizados-na-colheita-de-palha-para-seus-cigarros/>

3 O TALENTO COMO APORTE NA EMPRESA E NA VIDA

Ao longo de toda a História da humanidade, sucedem-se os desdobramentos da atividade laboral do ser humano. Quem trabalha para quem, quem faz a guerra para quem, quem é o escravo de quem, quem é o dominador, quem é o chefe e coisas do gênero, tudo isso mostra que o trabalho vem sendo desempenhado sob múltiplas formas e diferentes tipos e usos (CHIAVENATO, 2008, p. 61).

No processo histórico brasileiro, o negro africano foi incorporado à sociedade primeiramente como escravizado, em seguida foi rejeitado, relegado às condições de pobreza e submetido à segregação social, sem alfabetização e sem condições de retorno aos seus países de origem. Abolido o regime escravocrata, os ex-escravizados e seus descendentes permaneceram no Brasil abandonados ao descaso da sociedade e do Estado, o que influenciou intensamente o atual contexto social no que concerne às relações étnico-raciais e socioeconômicas do país. Mesmo sendo uma questão em constante discussão, a exclusão socioeconômica do negro ainda é uma realidade no que tange ao acesso à igualdade e ao bem-estar desse indivíduo na sociedade brasileira. Como afirmam Pereira e Gomes (2018),

No interior dessa moldura social, negros e mulheres articulam suas estratégias de ocupação de espaços, de modo especial nos meios de comunicação. Contudo, uma análise de suas presenças nesse ambiente social demonstra que continuam a ser apresentados de acordo com o padrão estético que a ética patriarcal elaborou. Para tanto, basta observar o processo de retificação que atinge mulheres e negros quando suas representações na mídia são utilizadas para vender produtos e não para evidenciar-lhes os aspectos de agentes sociais (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 213).

Os referidos teóricos acrescentam à reflexão o tratamento designado ao afrodescendente que, por ser destaque em alguma área, consegue, de certa forma, furar a barreira da exclusão social como se essa fosse a única forma viável de alcançar o respeito e a valorização identitária que deveria ser destinada a todos os indivíduos da mesma origem. Segundo Pereira e Gomes (2018):

Na cena social, os atores envolvidos pela ideologia que define as frases como jogo desempenham seus papéis de maneira ambivalente – isto é, procuram ocultar suas identidades de agressor e vítima

justamente quando participam das contendas. Apesar dessa ambivalência dos atores, os resultados da discriminação são evidentes na realidade, insistindo na fórmula de que negros valem menos e brancos valem mais (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 114).

As indagações em que se pautam os autores mostram como a sociedade brasileira trata as relações entre os indivíduos que a compõem, direcionando o racismo numa democracia racial “[...] que interfere na ideologia dominante, permitindo-lhe lançar os dados e construir o discurso sobre os resultados obtidos” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 115). Ainda segundo os teóricos,

A manipulação dos resultados – sempre lembrando os aspectos diacrônicos e sincrônicos que os modulam – tem possibilitado a elaboração de discursos que exprimem a perversidade das relações sociais no Brasil. Exemplo disso, é a constatação de que entre nós prevalece um “racismo cordial” em que o indivíduo, mesmo tendo preconceito contra negros, afirma o contrário (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 115).

A realidade social brasileira é marcada por um discurso que elabora e dissemina entre seus integrantes a figura do indivíduo exemplar, por ser detentor dessa ou daquela potencialidade, expediente, no entanto, que guarda certa contradição. Se, por um lado, o discurso que desqualifica o negro passou a ser visto como incorreto, o mesmo discurso, entretanto, ainda se faz presente de forma dissimulada no cenário social da nação. Pereira e Gomes (2018) destacam que:

É interessante observar as contradições que atravessam o discurso do novo. A primeira surge na medida em que a reificação é utilizada como argumento para evidenciar aspectos positivos dos negros. Em vista disso, a autoestima e a identidade dos negros se assentam sobre bases opostas às noções de autoestima e identidade, isto é, na medida em que todas reificações constituem um processo de esvaziamento das qualidades definidoras do sujeito e de suas heranças socioculturais (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 167).

Nesse contexto, observa-se o processo de balizamento social definido pelos padrões preestabelecidos pela sociedade burguesa e capitalista, que são repetidos inúmeras vezes como forma de legitimar o descrédito imposto às qualidades definidoras do sujeito e de suas heranças socioculturais, “[...] contrastando com a realidade na qual os negros existem como pluralidade

individual, coletiva, estética, ideológica etc.” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 167).

Os autores prosseguem argumentando no sentido de que

Assim, contra os antigos Slogans – “Negro de alma Branca”, “Negro, se não suja na entrada, suja na saída” e “Negro do cabelo duro” – são apresentados, como proposta do novo, os slogans “Negro é lindo”, “O negro que chegou lá (venceu as barreiras sociais)” e “Negro tem autoestima”. A esses enunciados juntam-se argumentos como: “Os negros não apareciam de forma positiva na mídia, mas agora têm espaço como atletas e artistas. Veja-se a aceitação pública de negros como Pelé, Milton Nascimento e Zezé Mota...”. São argumentos gerais, divulgados como voz consensual, que procuram minimizar as contradições do novo (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 168, grifos dos autores).

Em uma tentativa de forjar uma sociedade em que supostamente não existiria mais o racismo, pesam tais discursos negristas que legitimam políticas e ações que permanecem desfavorecendo o negro na sociedade, mas que, contraditoriamente, valorizam o negro que apresente uma outra potencialidade ou um talento que o torne indivíduo de destaque nessa mesma sociedade, “contradições do novo” de acordo com o que apontam os teóricos acima.

Desse modo, conforme nos demonstra o professor Silvio Almeida (2018a), no livro intitulado **O que é racismo estrutural?**, há que se falar na existência de uma concepção de um racismo estrutural no Brasil, auxiliando-nos na busca da compreensão acerca dos modos de organização da sociedade brasileira, oferecendo-nos uma análise mais integrada dos diversos elementos envolvidos nesse fenômeno. Almeida (2018a) afirma que

[...] Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal (ALMEIDA, 2018a, p. 63).

A prática do racismo estrutural se aprofunda em nossa sociedade na medida em que se passa a acreditar que o preconceito sempre foi natural e que não há condições de se fazer nada para mitigar ou anular os seus efeitos. Como pode-se observar nas reflexões do autor em questão:

A meritocracia se manifesta por meio de mecanismos institucionais, como os processos seletivos das universidades e os concursos públicos. Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial, mesmo nos sistemas de ensino público e universalizados, o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio

no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral, associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade e heterossexualidade e cisnormatividade (ALMEIDA, 2018a, p. 63).

Assim, o racismo se apresenta de forma cruel nas instituições e nas estruturas sociais, a ponto de parecer uma ordem natural da realidade. Nesse sentido, a escritora, historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (2018), na obra **Sobre o autoritarismo brasileiro**, argumenta que a origem do racismo na sociedade brasileira remonta à escravidão, de tal modo enraizada no Brasil que

[...] foi muito mais que um sistema econômico; ela se transformou numa linguagem, com imensas consequências: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferenças fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia estrita (SCHWARCZ, 2018, p. 23).

Dessa forma, é importante ressaltar que o racismo e as ações discriminatórias cotidianas são atos que extrapolam uma atitude pontual. O racismo está assentado não apenas no imaginário popular, mas foi uma das principais ferramentas de colonização. Afinal, já em 1500, no processo de invasão do território brasileiro, violências e escravização foram perpetradas pelo “homem branco” aos povos originários, ou seja, os povos indígenas. Essa colonização propiciou constituir e manter as diferentes estruturas políticas, econômicas e sociais durante todo o período colonial, moderno e contemporâneo. O racismo se reinventou em cada um dos períodos históricos, com aparências distintas, porém permaneceu com a mesma essência. As instituições se tornam campo fértil para a perpetuação do racismo corriqueiro, como destaca Almeida (2018):

É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e de gênero. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá tornar-se uma correia de transmissão de privilégios e violência racista e sexistas (ALMEIDA, 2018a, p. 37).

A sofisticação que o racismo alcançou no tempo presente é tarefa difícil de ser enxergada, analisada, compreendida e neutralizada. Essa sofisticação

perpassa todas as esferas da vida comum, está presente em ações e discursos. Emerge no campo do particular e do comum. A sofisticação alcançada pelo racismo ocupa lugares até do que não é explícito, porém permanece violento, discriminatório e racista,

Quando a pessoa acusada de racismo diz que foi um mal entendido, ela está correta, porque de fato, o racismo só pode acontecer numa sucessão de mal entendidos. Ele se manifesta nos espaços vazios, no mal entendido, naquilo que não é dito e é exatamente pelo fato de não ser dito e ser possível o mal entendido é que o racismo consegue se naturalizar (RIBEIRO; FERREIRA; JÚNIOR, 2019).

Perante o exposto, não se pode abordar a questão de raça sem mencionar a função que o Estado desempenha sobre os corpos lidos socialmente como não brancos na atualidade. O racismo está impresso na constituição do que se convencionou denominar Estado brasileiro, como discutido anteriormente. Assim sendo, o racismo está impresso no exercício concreto e real das tarefas de órgãos públicos, por exemplo, das polícias, da assistência social, das instituições de ensino e de saúde etc. A concretização também se dá nos vazios, fantasiados de mal-entendido, como Almeida (2018a) explorou.

Dessa forma, como é realizado pelos agentes do Estado, resguardados pela própria constituição histórica do Estado nacional brasileiro, através da política econômica, social e cultural, enquanto sociedade, naturalizam-se o racismo e as suas consequências. Isso ocorre não só nos espaços de serviços públicos, mas também em organizações privadas que ofertam serviços variados.

O que me leva a “naturalizar” a ausência de pessoas negras em escritórios de advocacia, tribunais, parlamentos, cursos de medicina e bancadas de telejornais? O que nos leva – ainda que negros e brancos não-racistas – a “normalizar” que pessoas negras sejam a grande maioria em trabalhos precários e insalubres, presídios e morando sob marquises em calçadas? Por que nos causa a impressão de que as coisas estão “fora de lugar” ou “invertidas” quando avistamos um morador de rua branco, loiro e de olhos azuis e um médico negro? (ALMEIDA, 2018a, p. 49, grifos do autor).

Reconhecer a responsabilidade do Estado na perpetuação do racismo não exime da responsabilidade individual aqueles que realizam ações racistas,

que se dissimulam por trás de uma imaginada garantia de leis. Almeida (2018a) argumenta que:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2018a, p. 25).

Os discursos meritocráticos utilizam-se do aparato do mérito de uns em detrimento do demérito de outros. Nessa lógica, aqueles que não apresentam méritos não estariam sendo injustiçados. Nesse sentido, tais discursos são usados para justificar a falta de políticas e ações que busquem a equidade social. O capitalismo e sua lógica meritória, somados a esses tipos de discursos, aprofundam o abismo existente entre o negro e o branco na sociedade:

Abdias do Nascimento, na obra **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado** (2016), afirma que os discursos na literatura científica estavam sempre traçando estratégias para anular a existência do negro como parte da sociedade brasileira e que, como tal deveria estar também nos espaços de decisões, mas a própria constituição do país não reconhece identidades raciais, aqui todo mundo é brasileiro. Aos negros ainda são negados identidade, vontade, subsídios para sobreviver e liberdade, apesar do africano escravizado ter construído fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Grupos de idealizadores que lutam em busca de equidade continuam sofrendo ataques desses discursos e acabam, de certa forma, perdendo força ou, até mesmo, nem chegam a se fortalecer. O processo de segregação parte de uma suposta democracia racial que encontrou solo fértil em um país miscigenado, onde a pretensa mobilidade do **mulato** foi utilizada como alegoria que silenciou a luta negra (CALMON, 2012, p. 148).

É possível observar, por conseguinte, que o expediente de se atribuir ao negro a condição de objeto é historicamente arraigado na sociedade racista brasileira. Pereira e Gomes (2018) asseveram que:

A representação do negro como objeto implica a aplicação de juízos de valor que desqualificam a pessoa como sujeito social. A reificação desqualifica a pessoa, mas, ao transformá-la em objeto, ressalta as qualidades que a tornam um objeto interessante para os agentes da discriminação (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 193).

Nesse sentido, essa visão do negro como suposto objeto é vantajosa para uma sociedade que se organiza no modelo capitalista, pois serve como mecanismo de agregação de mão de obra barata. A falta de ações em prol da equidade social resulta em que os negros permaneçam sem estudo, sem oportunidades, sem estrutura para uma qualificação e, contraditória e paradoxalmente, baseia-se na ideia de que tais indivíduos sejam capazes de conquistar o que lhes é negado por si só, já que, para a lógica do burguês capitalista, a dívida histórica gerada a partir da abolição da escravidão no Brasil já foi quitada. Conforme ressaltam Pereira e Gomes (2018):

Os negros – tanto na realidade do cotidiano quanto na representação dessa realidade – são considerados como meio para que a sociedade se organize e desenvolva. A dupla condição de objeto dos negros se configura, portanto, como um processo histórico de saturação de representação que dificulta a compreensão dos negros a partir de outros campos de produção dos sentidos (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 188).

Tudo isso nos leva a concluir que, apesar de mais de um século de superação formal da abolição da escravidão e de tortura e preconceito com o povo negro, o aprofundamento do estudo das raízes históricas e antropológicas brasileiras revela que o rompimento com a estrutura formal escravocrata não se traduziu em emancipação, mas em sofisticação de parte da sociedade, lapidada na cristalização de um padrão identitário ariano, classista e sexista.

Essa busca por uma sociedade branca no Brasil remonta ao surgimento do mulato no país, a partir da miscigenação do branco com o negro, segundo Nascimento (2016),

Situado no meio do caminho entre a casa grande e a senzala, o mulato prestou serviços importantes à classe dominante. Durante a escravidão, ele foi capitão-do-mato, feitor e usado noutras tarefas de confiança dos senhores, e mais recentemente, o erigiram como um símbolo da nossa “democracia racial”. Nele se concentraram as esperanças de conjurar a “ameaça racial” representada pelos africanos. E estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil (NASCIMENTO, 2016, p. 53, grifos do autor).

Ainda segundo Nascimento (2016), o constante massacre em curso no país está diretamente conectado com um processo de renovada desumanização dos negros, fundado na usurpação do seu lugar de fala e na

limitação das suas possibilidades identitárias, cujas demandas são diuturnamente silenciadas para que a sociedade possa conviver sem perturbação com os números inadmissíveis de um genocídio em curso. O autor esclarece que:

O processo de miscigenação, fundamentado na exploração sexual da mulher negra, foi erguido como um fenômeno de puro e simples genocídio. O “problema” seria resolvido pela eliminação da população afrodescendente. Com o crescimento da população mulata, a raça negra iria desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país. Tal proposta foi recebida com os elogios calorosos e grandes sinais de alívio otimista pela preocupada classe dominante (NASCIMENTO, 2016, p. 53, grifo do autor).

A propagação de concepções como a defendida por Veríssimo na citação acima explora a tese de branqueamento da população brasileira, uma busca por um modelo racial. Trata-se do negrismo, que esconde o racismo e fortalece, pois, o discurso dominante.

Discursos como os de José Veríssimo acerca da mestiçagem confirmam a concepção de que foi uma estratégia de embranquecer a sociedade visando exterminar a raça negra, através da sobreposição da raça branca e progressivo clareamento da população; haveria com o tempo, mais pessoas pardas e mulatas e cada vez menos pessoas negras (p. 70): Como nos asseguram os etnógrafos, e como pode ser confirmado à primeira vista, a mistura de raças é facilitada pela prevalência do elemento superior. Por isso mesmo, mais cedo ou mais tarde, ela vai eliminar a raça negra daqui. É óbvio que isso já começa a ocorrer (VERÍSSIMO apud NASCIMENTO, 2016, p. 53).

Essa proposição eugenista foi implantada como política de Estado, com estímulos econômicos para a população de pobres imigrantes europeus no século XIX que viriam se instalar em território brasileiro; “entre 1890 e 1914, mais de 1,5 milhão de europeus cruzariam o Atlântico rumo a São Paulo, com a maioria (63,6%) das passagens pagas pelo governo do Estado” (ANDREWS, 1998, p. 98). Isso se estabeleceu visando a embranquecer a população com previsão de “que até 2012 a população brasileira seria composta por 80% de brancos, 17% de indígenas e 3% de mestiços, enquanto a raça negra teria desaparecido (SOUZA; SANTOS, 2012, p. 756).

Sobretudo, esse processo pode ser assegurado através da extrema violência sob os corpos dos sujeitos históricos negros. Especificamente, com as mulheres negras, a violência parte também para investidas sexuais e

estupro. Esse ainda é o grupo social o qual mais sofre com as consequências históricas da invasão, da colonização e da escravidão. Mulheres negras compõem a base da pirâmide, são os rostos que se sobressaem e se multiplicam na extrema pobreza, vivendo e sobrevivendo através de trabalhos vulneráveis sem condições de higiene e com os direitos trabalhistas desrespeitados. Sistemáticamente a dignidade delas é fustigada. De forma dissimulada, continuam desprezando esses sujeitos, como se pode observar através da pesquisa realizada pelo Made (Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da Universidade de São Paulo - USP), publicado como “Nota de Política Econômica nº 010”¹³, em abril de 2021.

Antes da pandemia, a pobreza atingia 33% das mulheres negras, 32% dos homens negros e 15% das mulheres brancas e dos homens brancos. Já o cenário com o AE¹⁴ nos valores de 2021 a leva a, respectivamente, 38%, 36%, 19% e 19%. Por sua vez, a taxa de extrema pobreza, antes da crise, era de 9,2% entre mulheres negras, 8,9% entre homens negros, 3,5% entre mulheres brancas e 3,4% entre homens brancos. Com o AE nos valores de 2021, a pobreza extrema continua em valores muito acima dos verificados antes da crise: respectivamente 12,3%, 11,6%, 5,6% e 5,5%” (NASSIF-PIRES; CARDOSO; OLIVEIRA, 2021, n.p.).

Consequentemente, diante desse cenário, é viável falar com certeza acerca de um fenômeno secular cometido pelo Estado brasileiro e por suas forças: o genocídio da população pobre, favelada e negra.

O genocídio do povo negro não é um problema atual, e considerando que sempre foi uma questão extremamente séria, somente agora passa a ter evidência e reconhecimento de sua existência, nas esferas nacional, internacional, estatal, governamental e política. O mito da democracia racial acentua a existência institucionalizada da equivocada noção de que a relação racial no Brasil é amistosa e miscigenada, mas o reconhecimento popular tal qual o ditado prescreve, ou seja – branca para casar, negra para trabalhar e mulata para fornicar –, revela que a raça negra foi prostituída, e prostituição [...] de baixo preço. [...] a mulher negra escravizada gerou a miscigenação forçada, isto é, o estupro que produziu a mulata¹⁵, a

¹³ O relatório do estudo pode ser consultado na íntegra no seguinte endereço eletrônico: <https://madeusp.com.br/wp-content/uploads/2021/04/NPE-010-VF.pdf>

¹⁴ Sigla para se referir ao Auxílio Emergencial, criado pelo Congresso Nacional durante a Pandemia do Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), no ano de 2020 durante o período do isolamento social.

¹⁵ Pereira (2010), em nota de rodapé, recorre às anotações de Chagas (1997, p. 32-33) para destacar que a autora afirma que, na realidade brasileira, o preconceito contra o negro, fabricado de forma “sutil e eficaz”, revela-se em práticas como a apologia da “mulata”, que

qual passou a ser objeto de fornicação e prostituição. Por outro lado, o estupro que resultou no homem mulato delegou a ele a função de capitão do mato e feitor para prender e matar os negros escravizados, atendendo à vontade dos seus senhores, além de ser utilizado em outras tarefas de confiança dos mesmos (CALMON, 2019, p.148 apud NASCIMENTO, 2016, p. 70).

Vale ressaltar, nas reflexões desses autores, ainda, que há utilização do termo **raça negra**¹⁶ como forma de diferenciação da pluralidade étnico cultural, que caracteriza os seres humanos. **Raça** sendo usada, portanto, em seu sentido sociológico. Não se pode olvidar o fato da comprovação científica biológica da existência de uma única raça: a raça humana.

Chagas (1997) afirma que a autoestima, base para a construção de uma identidade satisfatória, no grupo negro, é construída através de atributos e categorizações que lhes são conferidas. A identidade do negro é atribuída, externamente, com base nos estereótipos criados por uma sociedade excludente e introjetados pelo grupo negro. Nessa perspectiva, os meios de comunicação ainda são, no Brasil, um dos principais responsáveis pela replicação desses estereótipos.

Embora havendo vários debates sobre ações afirmativas e leis contra o racismo e contra o preconceito racial, os programas televisivos e a mídia em geral trazem, ainda, em sua maioria, o negro em condições de inferioridade, seja na telenovela, nos comerciais, nos filmes ou nas diversas mídias. Édimo de Almeida Pereira (2010), em sua obra **Metamorfoses do abutre: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura**, afirma que: “[...] o discurso da mídia sobre o negro é muito mais estético do que político, doutrinário ou ético [...]” (PEREIRA, 2010, p. 68). Os estereótipos criados pela mídia, através dos programas de entretenimento, demonstram práticas de exclusão social, cujos efeitos se fazem presentes na sociedade brasileira. O destaque dado ao cabelo como elemento de revalorização da etnia negra, por exemplo, tem sido

esconde, na verdade, sua inclusão como objeto sexual. A autora revela ainda a ideologia escondida no termo: “forma pejorativa de se referir ao produto do acasalamento do branco com o negro. Comparação ao resultado do acasalamento de égua com jumento que resulta ‘mula’: animal de qualidade inferior por ser estéril”, Pereira (2010, p. 68, grifos do autor).

¹⁶ Segundo Oswaldo de Camargo, no livro **Solano Trindade, poeta do povo: aproximações** (2009): “Apesar do conceito moderno de que raça como diversificadora de povos e etnias não se sustenta, a palavra continua com trânsito sobretudo em nossa literatura. Permanece valendo, ainda, quase sempre, o índice epidérmico. Haja vista que a revista mais conhecida voltada para a gente negra em nosso país tem, desde o início, o nome Raça” (CAMARGO, 2009, p. 15, grifo do autor).

muito propagado pela mídia contemporânea. No entanto, ainda permanece no campo estético, não avançando para discussões políticas e sociais. Nesse ínterim, Pereira (2010) prossegue afirmando que:

[...] afrodescendentes que atingem uma posição destacada em suas atividades profissionais. Isso equivale a dizer que a valorização da identidade negra implica na admissão do afrodescendente – através do sucesso profissional, da assunção de padrões estéticos prefixados como ideais – nas esferas da sociedade às quais seu acesso foi historicamente negado. A modelo fotográfico de cabelos lisos, o jogador de futebol signatário de contratos de trabalhos vultuosos, o empresário bem-sucedido e a mulata admitida pela mídia como modelo de beleza estabelecem estereótipos novos para essa alteridade, na medida em que desviam a discussão em torno da valorização da identidade negra com base em valores estéticos, de certo modo, estabelecidos por uma lógica estético-mercado lógica [...] (PEREIRA, 2010, p. 68).

Pereira (2010) reforça, ainda, que no “[...] discurso de revalorização da identidade negra, os elementos estéticos como cor da pele e o tipo de cabelo sempre fizeram parte da luta que se travou no passado colonial [...]” (PEREIRA, 2010, p. 69).

[...] a importância do recente discurso midiático que se desenvolve no sentido de elevar a autoestima do afrodescendente por meio do resgate e da divulgação em publicações específicas de valores imanentes às suas origens étnicas e culturais. O destaque que tal discursos dispensa à questão da estética como instrumento de valorização da identidade negra revela antes uma forma de resistência do afrodescendente à ligação da identidade negra aos exemplos de estranheza que foram objeto de abordagem no presente [...] (PEREIRA, 2010, p. 69).

Por sua vez, o fundamento ideológico incutido na questão de um corpo afro e do alisamento dos cabelos crespos é demonstrado por Pereira e Gomes (2018). Assim asseveram os autores:

A análise da estética da mulata demonstra que a ética do capitalismo articula as noções de “profissão” e “produto mulata” para atender às novas demandas do mercado consumidor e, para isso, sustenta a ética patriarcal que reduz os direitos da mulher sobre si mesma. A mulata se torna propriedade do agente divulgador, passando a ser identificada pelo aposto que revela a identidade desse agente. A alienação da identidade da mulher, nesse caso, ocorre pela dupla personalidade que assume: como mulher-sujeito, ela é desconhecida do público; no entanto, como mulata-produto é amplamente desejada. (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 226, grifos dos autores).

É imprescindível para uma análise como a que aqui se propõe não perder de vista a historicidade do referido processo e as evidências do contexto social que permitem mostrar como as representações da imagem ilustram e refletem – e, portanto, revelam – as transformações sociais que levam a alterações e dirigem o sentido delas às quais serão submetidas as representações dos grupos em disputa no seio da sociedade. A representação participa em um jogo de poder no qual os grupos batalham para determinar ou influenciar o delineamento da representação da imagem que eles têm de si e dos outros, de modo que as imagens representadas permitem entrever as hierarquias de poder e o estado das disputas. Por meio da representação que conseguem publicitar de si e dos outros, os grupos operam um processo reiterativo que permite que aquela imagem que reflete o social também a reproduza. As alterações na representação da imagem, bem como a presença ou a ausência nos espaços de representação, são capazes de mostrar o lugar social atribuído aos grupos na hierarquia social e dizem muito sobre as mudanças ocorridas no terreno da disputa por essa representação: o próprio contexto social e histórico. É por isso que:

A mídia, embora não seja a sociedade, se apresenta como fruto da sociedade e nos permite observar que vários aspectos da representação dos negros, antes de chegarem aos meios de comunicação de massa, já estavam organizados e repercutiam no interior dos grupos sociais (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 50).

Nascimento (2016) salienta as outras formas de rejeição do negro, as quais geram dificuldades para o reconhecimento indenitário desse indivíduo na sociedade brasileira. Uma dessas dificuldades é decorrente da discriminação econômica. Segundo o autor:

Para a solução deste grande problema – a ameaça da “mancha negra” – já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem-de-cor, o fusco, e assim por diante, mencionados anteriormente. O crime de violação e de subjugação sexual cometido contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal ao longo das gerações (NASCIMENTO, 2016, p. 53, grifos do autor).

Os crimes supracitados tinham não apenas o caráter machista, como também racista. A mulher negra sofria, pois, ainda mais que o próprio homem negro. Além disso, é possível verificar que,

[...] até 1950, era uma prática recorrente a existência de anúncios de emprego com destaques para expressão “não aceitamos pessoas de cor para a vaga”. Porém, após a Lei Consuetudinária que passou a proibir esses anúncios na época, os mesmos se tornaram mais sofisticados e o racismo ainda mais velado, quando passou a ser frequente a exigência de um item crucial para uma pessoa conseguir um emprego, qual seja, ter boa aparência. Adicionalmente, empresas solicitam currículos com fotos anexadas, o que reforça o caráter velado de uma seleção excludente. O censo daquela época atesta essa diferença, visto que, na Bahia – estado onde grande parte da população é negra devido ao crescimento econômico na região que se deu com a plantação de cana-de-açúcar, durante a escravidão – a população negra ocupava em sua maioria atividades de subprodução, enquanto a população branca estava na condição de possuidores, ainda que fosse a população minoritária existente no Estado. (CALMON, p. 148, 2019. apud NASCIMENTO, 1978, p. 70).

Essa análise considera que a prática de genocídio, tal qual apontado por Nascimento (2016), é uma estratégia social de exclusão e de anulação da identidade negra na sociedade brasileira. O processo tem obtido um efeito devastador, um quadro que precisa de mudanças. Os movimentos sociais, atualmente, são constituídos por grupos que clamam por mudanças na sociedade acerca do tratamento a que a população negra é submetida.

As estruturas racistas edificadas secularmente no Brasil sob esses matizes têm-se disseminado com consequências irreparáveis. Portanto, a construção da identidade do povo negro sofre os influxos profundos, constantes e institucionalizados na sociedade através de orientações discriminatórias. A condição de diferente, na qual tem sido enquadrado o negro, não abriga a noção de neutralidade. Ao revés, define-o em relação ao outro, o branco, tomado como paradigma e único modelo identitário aceito.

Em razão dessa riqueza temática que pode ser levantada a partir da leitura de **Oboé** (2014), vislumbra-se a possibilidade de reflexão a respeito do talento profissional no campo da Administração de Empresas, tendo em vista a realidade que se instaura na área de recrutamento de pessoal. Sob esse ângulo, no campo das atividades empresariais, observa-se que, diante de um cenário competitivo, as corporações detentoras de grande concentração de capital buscam um diferencial competitivo. Nesse cenário, o talento de cada

profissional surge como diferencial e é um fator decisivo diante do mundo corporativo, e as grandes empresas tendem a captar indivíduos que fazem a diferença em seus postos de trabalho. Segundo Luis Adonis Correia, na obra **Riscos do capital humano: talentos, processos e crenças** (2012):

Obviamente, as organizações ainda têm algo a oferecer: o sentimento de pertencer a um grupo, de participar dos rituais da vida de escritório, um espaço de habilidades que dificilmente é replicado. O talento está no interior das pessoas, mas também é fomentado pelo espaço organizacional (CORREIA, 2012, p. 25).

Não obstante essa valorização das habilidades pessoais de cada indivíduo, de acordo com o autor, é “[...] interessante dizer que as empresas não têm a mesma definição sobre o que é talento” (CORREIA, 2012, p. 21). Deve-se observar que, mesmo nos ambientes empresariais, a discriminação e o preconceito se apresentam de forma avassaladora, o que torna premente a necessidade de trabalhos teóricos sobre o tema, a partir da observação dos diferentes ambientes organizacionais. Atento aos perigos incutidos na possível instauração de uma meritocracia no meio empresarial a partir da ideia de talento atribuído a cada pessoa, Correia (2012) afirma que:

A ascensão de uma meritocracia global pode até aumentar a produtividade, acelerar o processo científico e permitir o florescimento de outros talentos. Mas convém estar atento para as questões de mobilidade social nos diferentes contextos políticos para que a desigualdade não cresça (CORREIA, 2012, p. 28).

No Brasil, como se sabe, a valorização cultural é segmentada. Carlos César Ribeiro Santos e Graciela Guimarães de Jesus, no artigo **O preconceito racial dentro de multinacionais como impeditivo de crescimento profissional aos negros no Brasil** (2010), ressaltam que “O povo brasileiro valoriza suas origens. Estas estão presentes na música, na alimentação, no sincretismo religioso. Este mesmo povo se imagina em uma sociedade sem preconceitos de raça ou cor” (SANTOS; JESUS, 2010, p. 7).

Santos e Jesus (2010) ainda abordam o desenvolvimento do preconceito racial e da denominada ciência das raças, bem como a forma como isso se refletiu na história brasileira, vale, todavia, observar que a noção biológica de raça como elemento de reflexão sobre diversidade cultural e étnica humana

vem sendo considerada ultrapassada pelos teóricos empenhados no estudo do tema. Não obstante, ainda parece que, no Brasil, abordam-se certos aspectos do mercado de trabalho e também é possível se defrontar com o processo de constituição da ideologia racial, historicamente desenvolvido pelas classes dominantes e pelos intelectuais, o que revela mais um dos paradoxos existentes na sociedade desse país.

Josiane Silva de Oliveira, por seu turno, no artigo **Gestão da diversidade: o desafio dos negros nas organizações brasileiras** (2017), afirma que:

A gestão da diversidade no Brasil está sendo abordada juntamente ao movimento da responsabilidade social empresarial, no intuito de se repensar atitudes com relação ao mercado consumidor e de trabalho que estão cada vez mais diversificados (OLIVEIRA, 2007, p. 2).

As organizações são ecossistemas que vivenciam severas transformações ao longo de sua existência; em se falando de pessoas, não é diferente. Idalberto Chiavenato, em **Planejamento, recrutamento e seleção de pessoal: como agregar talentos à empresa** (2015), alerta-nos para o fato de que:

Pessoas e organizações convivem em um constante e interminável processo dialético. As pessoas e as organizações estão engajadas em um contínuo e interativo processo de atrair uns aos outros. Da mesma forma como os indivíduos atraem e selecionam as organizações, informando-se e formando opiniões a respeito delas, as organizações procuram atrair indivíduos e obter informações a respeito deles para decidir sobre o interesse de admiti-los ou não (CHIAVENATO, 2015, p. 63).

Para Chiavenato (2015), “[...] da mesma maneira, as organizações buscam recursos em seus ambientes, entre os quais pessoas capazes de oferecer talentos e competências necessários ao sucesso organizacional” (CHIAVENATO, 2015, p. 63). Assim, o teórico acrescenta que:

Modernamente, as organizações estão mapeando suas competências organizacionais necessárias para enfrentar um mundo de negócios altamente mutável, dinâmico e competitivo. Essas competências organizacionais são desdobradas em competências individuais que seus funcionários deverão construir e utilizar para que a organização seja bem-sucedida. Assim, o processo seletivo irá se concentrar no exame e avaliação das competências que o candidato deverá oferecer e que se coadunem com as competências que a organização pretende adquirir (CHIAVENATO, 2015, p. 111).

Inserido no espaço de reflexão, Chiavenato (2015) assevera que “[...] Muitas organizações estão substituindo o tradicional processo seletivo focado em cargos pelo processo centrado em competências individuais” (CHIAVENATO, 2015, p. 150). O autor também evidencia o fator competência, tendo em vista que o candidato, além de habilidades pessoais para determinadas práticas, aqui entendidas como talento, deverá ter, também, habilidades profissionais extras para conseguir sucesso em uma organização.

Considerado esse universo empresarial, que vem acentuando a valorização das habilidades pessoais dos profissionais como forma de progressão, e cientes das mazelas presentes em nossa sociedade em decorrência das profundas desigualdades que a marcam, acrescenta-se a essa discussão a reflexão em relação ao preconceito e à não valorização do negro, que, na maioria das vezes, vê-se privado das oportunidades de trabalho e de crescimento profissional em razão de sua origem étnica. Conforme argumentam Santos e Jesus (2010):

Abordar o problema do preconceito racial como impeditivo de crescimento profissional aos negros no Brasil é rebuscar um passado difícil e tentar entender as razões para ainda existir *[sic]* em pleno século XXI, atitudes que continuam excluindo e colocando o negro em uma posição desfavorável na sociedade contemporânea (SANTOS; JESUS, 2010, p. 1).

Com o processo de exploração das terras brasileiras, durante o período da colonização, a escolha da exploração da mão de obra escravizada pelos colonizadores levou a população negra a drásticas consequências, dentre elas, a exclusão de um processo educacional. Mesmo após a tardia abolição da escravidão, a cultura racista permanece, dificultando e quase impedindo a ascensão social do negro. Nesse sentido, mesmo no processo da economia moderna, o sujeito negro teve acesso à educação de forma tardia. O mesmo se deu em relação ao mercado de trabalho, vindo a ocorrer, como consequência de tudo isso, a imposição de um lugar desfavorável e desigual no cenário social e a deficitária distribuição de renda, educação e oportunidades de ocupação digna de postos de trabalho e de desenvolvimento profissional, mesmo para aqueles indivíduos agraciados com certo talento que se destaque no dia a dia. Importa ressaltar, no entanto, que de nada basta a presença do talento, quando

a ela se contrapõem a escassez de oportunidades, o reconhecimento indenitário como negro e a manutenção de um racismo estrutural arraigado. Em razão disso, deve-se insurgir contra a perigosíssima ideia de que, na tortuosa ideologia da meritocracia, o mérito se faz capaz de levar o indivíduo talentoso e hábil a suplantar as desigualdades sociais incrustadas na organização social do Brasil.

O que há na sociedade atual é que a estrutura hierárquica do mercado de trabalho privilegiou o homem branco, dificultando ou até mesmo excluindo o acesso a ele de negros, mulheres e de outros grupos que não se encaixam em parâmetros pré-estabelecidos. Verifica-se a inobservância da efetiva e real capacidade desses indivíduos, o que contribui para alargar as ações excludentes e legitimar a discriminação étnica no mercado de trabalho nacional. O que se pode observar é que a discriminação é uma realidade também nas organizações, as quais ainda alimentam as desigualdades de oportunidades em relação a esses indivíduos. Santos e Jesus (2010), tomando por base o desenvolvimento do preconceito racial e a equivocada ciência das raças, quando aplicada à raça humana, refletem sobre os efeitos desses itens na história brasileira. De fato, os autores se ocupam em estabelecer um paralelo a respeito das multinacionais no país e a inserção do negro, ou do afrodescendente, no mercado de trabalho. Nessa linha de raciocínio, os teóricos afirmam que:

[...] as razões da permanência dessa exclusão dos negros nos tempos atuais, analisando como as mazelas da escravidão e da falta de uma boa educação escolar, contribui para a exclusão dessa população no mercado de trabalho, bem como sua penetração nas organizações multinacionais, impedindo de forma acentuada o seu crescimento profissional (SANTOS; JESUS, 2010, p. 1).

Percebe-se que algumas profissões, principalmente aquelas consideradas de alto nível, são exercidas no mais das vezes por homens brancos. No processo histórico, ao longo da evolução das empresas, a maioria dos gestores à frente de suas organizações vinha optando por colaboradores que se enquadrassem nos padrões estéticos e comportamentais estabelecidos segundo a visão excludente e discriminatória das denominadas elites sociais, como se pode depreender das afirmações de Santos e Jesus (2010):

O preconceito em qualquer situação é uma barreira ao desenvolvimento e ao relacionamento da humanidade, pois denota uma opinião ou sentimento, desfavorável ou não, socialmente construídos dentro de uma dinâmica de relacionamentos sociais pautados por estereótipos, constituindo subjetividades referenciadas numa imagem inferiorizada em relação a alguém de características distintas (SANTOS; JESUS, 2010, p. 8).

As empresas, não obstante, por meio de seus gestores, atualmente, buscam montar times de trabalho que tenham uma premissa multidisciplinar e pluriétnica. As organizações têm observado, ao longo de um processo histórico marcado pelas reivindicações dos grupos minoritários, que as equipes formadas por colaboradores de forma multicultural e multirracial podem gerar vantagem competitiva frente ao mercado, em razão de sua concepção pluralizada. Dessa forma, os setores de recrutamento e seleção de pessoal vêm trabalhando esse conceito, contratando pessoas independentemente de sua cultura, etnia, gênero ou religião. Nas palavras de Chiavenato (2015).

O processo de recrutamento e seleção de pessoas para compor os quadros de vagas nas organizações é um dos principais fatores de diferencial competitivo, frente a um mercado cada vez mais concorrido (CHIAVENATO, 2015, p. 10).

Ao gerar oportunidade a candidatos culturalmente excluídos - seja devido à sua origem étnica, seja à sua opção sexual ou religião -, a empresa busca um resgate de prejuízos decorrentes da escravidão, da intolerância religiosa e de outras formas de exclusão sociocultural. Esse tipo de empresa reflete também sobre a inserção irrestrita e sobre o acesso a oportunidades sociais dos negros e de outras identidades excluídas do mercado de trabalho, cujas práticas segregacionistas, resquícios coloniais, continuam presentes ainda em nossa sociedade. Como afirmam Santos e Jesus (2010):

Numa era de globalização em que se exige das empresas um lado social, como fruto de ética profissional perante a sociedade, estas são cobradas pelas suas ações transparentes e socialmente responsáveis. Se ter ética é ter princípios, e tratar a todos de forma igualitária é um princípio, então a discriminação racial, como impeditivo de crescimento profissional aos negros, por seu caráter preconceituoso e degenerativo não é uma conduta ética das organizações (SANTOS; JESUS, 2010, p. 11).

Reparar esses prejuízos e permitir o acesso desses indivíduos excluídos às organizações é uma obrigação, uma vez que as empresas têm um papel de transformação muito importante no contexto de mudanças sociais.

Aparentemente, pode-se verificar o surgimento de uma percepção por parte dos gestores no sentido de que as empresas precisam ter uma participação ativa no ecossistema social e comunitário, incorporando novas tendências e praticando ações que estejam atualizadas com os novos e diversos padrões culturais que caracterizam a sociedade brasileira, inclusive os padrões estéticos. Mediante esse contexto, têm lugar as palavras de Pereira e Gomes (2018), segundo os quais, “[...] vale indagar até que ponto os padrões estéticos assumidos pelos negros têm sido exatamente aqueles permitidos pelo padrão estético dominante [...]” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 214).

As organizações são parte integrante desse padrão estético dominante a que os autores se referem. Todavia, elas vêm investindo em responsabilidade social, conquistando credibilidade e agregando, assim, valor aos seus produtos e serviços, de modo a se tornarem referência perante a sociedade. Sobre esse aspecto, vale levar em consideração que, de acordo com o professor Silvio Almeida, em entrevista intitulada **O racismo estrutural está evidente em comerciais como o da Perdigão**, concedida ao jornal **El País** (2018b), há uma estratégia de *marketing* social das próprias empresas nesse expediente. A partir das abordagens críticas de Almeida (2018b), vale destacar o posicionamento no sentido de que:

A desigualdade racial constitui o imaginário. De forma que naturalmente, a propaganda se utiliza desse imaginário para que as pessoas consumam. Comerciais como o da Perdigão evidenciam o [racismo estrutural](#) da nossa sociedade. Ele apela para um [sentimento de caridade](#) que se manifesta toda vez que nos deparamos com pobres. Em 30 segundos, precisa passar uma mensagem sucinta sobre compaixão que venda seu produto. Sendo assim, a imagem mais rápida é a dos negros como pessoas que merecem compaixão. Trata-se de uma visão tão arraigada, do negro em condição inferior, que a empresa ignora até mesmo os possíveis efeitos negativos que essa representação pode gerar sobre sua marca, incluindo a reação de pessoas brancas que rejeitam esses estereótipos (ALMEIDA, 2018b, n.p.)¹⁷.

¹⁷ O autor se refere à peça de propaganda de natal da Perdigão de 2018 em que, a cada chester adquirido, a empresa doaria um chester a uma família necessitada. A propaganda cai no lugar comum do racismo estrutural quando representa a família que adquire um chester a partir de atores brancos e a família que recebe o donativo representada por atores negros.

Ainda nessa entrevista concedida ao portal jornalístico, Almeida evidencia que “o racismo estrutural se materializa pelo próprio modo de ser da sociedade. A lógica do Estado se molda a partir do individualismo e com base na premissa questionável de que tudo se compra pelo dinheiro” (ALMEIDA, 2018b, n.p.). Sendo assim, a conclusão que é posta é a de que “o racismo não é algo anormal, visto que está inserido na estrutura social” (ALMEIDA, 2018b, n.p.).

Dessa forma, toda a subjetividade e áreas que compõem a vida da pessoa não-branca estão circunscritas a uma dinâmica racista. Esta vai desde a relação afetiva-sexual, com a hiperssexualização dos corpos negros – perpassando pelo âmbito da construção de suas identidades, com a dificuldade de se despir da noção hegemonicamente elaborada na sociedade, acerca do que é relativo ao negro, e a negritude converte-se de imediato em feio, desprezível e inferior – até atividades comuns, ordinárias do cotidiano, como evitar entrar em uma loja com a mochila, ou com as mãos no bolso, ou de boné, a fim de não ser ainda mais culpabilizado pela ação que se seguirá assim que colocarem os pés porta adentro. O segurança, que de uma forma ou de outra, os entenderão como assaltantes iminentes, perseguirá esses sujeitos a fim de defender a propriedade do patrão.

Ademais, evidentemente, há violência estatal, a qual materializa-se nas abordagens, tanto na rua como nas comunidades e nas próprias casas, de forma extremamente brutal e desproporcional ao comportamento do dito “suspeito”. Essa é a regra. Demarca-se para que contra argumentações do gênero “mas nem toda ação ocorre assim” sejam entendidas analiticamente como a exceção. Exemplo do acontecimento mais recente, que ilustra perfeitamente essa regra, é a Chacina do Salgueiro¹⁸. Exemplos sobre a violência do Estado contra esse grupo social, o qual também possui um marcador de classe, não faltam. Contudo, segue-se abordando esse assunto no presente trabalho, no quesito referente ao racismo na área profissional.

¹⁸ Reportagem na íntegra acerca da Chacina do Salgueiro. <https://ponte.org/chacina-no-salgueiro-tem-ao-menos-oito-mortos-apos-assassinato-de-pm-no-rj/>

Ante o exposto, a Economia e a Política Institucional, também estão atravessadas pelo racismo. As instituições, públicas e privadas, são os pilares mantenedores e reforçadores dessa estrutura. Ainda que o racismo não seja originário das instituições, às quais o reproduzem ainda na contemporaneidade (ALMEIDA, 2018b, n.p.).

Como nos explica, sobre a origem do racismo, o professor Kabengele Munanga da Universidade de São Paulo (USP).

Criado por volta de 1920, o racismo enquanto conceito e realidade já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmos conteúdo e significado, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, p. 4-5, n.p.).

Por isso, também fala-se de racismo institucional, que engloba o meio corporativo. O fato de a sociedade ser racista não significa que uma empresa tem de aderir à sua lógica racista. Pelo contrário, a empresa pode se contrapor ao racismo. Com isso, não só agregaria valor ao seu produto, mas também se estabeleceria como uma alternativa à sociedade (ALMEIDA, 2018b).

A discussão que se coloca no Brasil a respeito da especificidade do racismo aqui perpetrado enfatiza a importância da aparência como fator determinante nas práticas sociais, no que concerne à construção social do preconceito e da discriminação. Inúmeros autores discutem a qualidade particular do preconceito racial em nossa sociedade, denominando-o preconceito de marca em oposição ao preconceito de origem característico das relações raciais.

É de fundamental importância considerar a dimensão estética do preconceito, concebendo estética não no sentido da arte de apreciação do belo no que diz respeito a obras de arte, mas numa aplicação do conceito ao humano, como afirma Lilia Schwarcz (2000), na obra **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**: “[...] no Brasil, raça é mesmo uma questão de marca. Ou melhor, no país o critério fundamental é acima de tudo estético [...]” (SCHWARCZ, 2000, p. 115). Trata-se de uma aplicação do conceito de estética no sentido da avaliação de comportamentos e apreciações dos indivíduos uns em relação aos outros no contexto social, apreciações essas dirigidas ao corpo e que realizam uma forte associação entre bom e belo enquanto valores.

Camargo (2014) metaforiza a desvalorização da beleza negra e ressalta a valorização da beleza do branco, denunciando a forma como tal disparate é visto histórica, cultural e socialmente. No trecho a seguir, Cichinho descreve a aparência da mãe como uma mulher comum. Já o pai é descrito pelo protagonista com traços de branco, sendo, pois, mais “apessoado”:

Mãe era uma preta alta e magra, aparência comum de mulher trabalhadeira em cafezal, pano na cabeça e chapéu largo de palha, suor. **Meu pai era um tanto apessoado, jeito fino no rosto, de leve chegado no branco no nariz, no lábio.** Cabelo sim, era muito de preto, pixaim bem cerrado. Meu pai era mais vistoso que minha mãe (CAMARGO, 2014, p. 51, grifo nosso).

A comparação entre as figuras do pai e da mãe, vista pelo personagem como uma mulher comum por ter traços de trabalhadora negra do cafezal, marca aqui a relevância dessa discussão: os traços do negro são invisíveis, ou seja, não possuem nenhum valor para a sociedade. Percebe-se a intencionalidade do autor em denunciar o olhar da sociedade que valoriza a beleza branca, sendo o pai mais “apessoado” por seus traços brancos, finos.

As bases de valorização da beleza mulata são, portanto, comumente associações preconceituosas que justamente reforçam sua posição distinta e inferior em relação à mulher branca: trata-se da mulatinha e assanhada, sempre imitando as patroas, mas de maneira ridícula e pretensiosa, “[...] ainda que se lhe atribua um estatuto superior ao da negra preta: o país da discriminação silenciosa convive com a beleza mulata [...]” (SCHWARCZ, 2000,

p. 122). Assim, a consolidação da mulata como objeto de desejo nacional constitui-se, ao mesmo tempo, como uma negação da negritude e da mulher negra, como uma das expressões do ideal de branqueamento, supremacia e imposição “[...] de uma estética branca nas representações divulgadas no país [...]” (SCHWARCZ, 2000, p.122).

O ideal do branqueamento ganha força enquanto parte integrante de um projeto político nacional no pós-abolição; na forma de incentivo à imigração de brancos de origem europeia e por meio da crença no clareamento gradual da população nas gerações sucessivas, via casamentos inter-raciais em que prevaleceria a supremacia da raça superior – tanto biológica quanto culturalmente.

Deve-se levar em conta o fato de que as agências tentam fugir da rotulação como racistas ou da apresentação de algum tom negativo na representação do negro, do mesmo modo que a miscigenação historicamente procurou isentar o Brasil de qualquer acusação de discriminação racial, à medida que qualquer pessoa apontada por uma atitude considerada racista pode recorrer ao alibi de ter uma avó, uma tia, uma empregada ou um amigo negro que comprove sua suposta isenção.

Cotidianamente ainda se observam, por exemplo, rótulos de embalagens de cosméticos, nos quais há representações de mulheres com características que remetem a um padrão negro de beleza aceitável socialmente, como pele negra clara, nariz mais afinado e cabelo menos volumoso. Entretanto, esse tipo de mensagem, transmitida nas peças publicitárias, é oriundo de uma perspectiva racista. Ou seja, há um tipo de beleza negra tragável, quanto mais se assemelha ao biotipo físico e estético dos brancos, da branquitude. Ao mesmo tempo, em contrapartida, uma pessoa de pele retinta, traços faciais largos e cabelo volumoso, tende a ser preterida com mais facilidade, repetidamente.

Contudo, salta aos olhos a forma como a representação da humilhação na atitude aparentemente imatura como uma criança e que provoca riso, de fugir do vento, esconder-se, abaixando debaixo da mesa, ilustra ao mesmo tempo em que alimenta aquilo que Pereira e Gomes (2018) denominam como “[...] uma estética de alienação, na medida em que a mulher não é reconhecida

pelas suas características de agente social, mas é reduzida à condição de fórmula ‘consagrada como Globeleza’[...]” (PEREIRA; GOMES 2018, p. 227).

A estética do corpo e do cabelo crespo ainda é marca da experiência de ser negro e tem como uma de suas faces a vergonha e a baixa autoestima, geralmente representadas como mensagem subliminar nas propagandas. Tal conflito é o que constrói a mulher negra como não portadora ou portadora insegura de atributos de beleza, sendo isso para ela algo frágil, ilusório e, quando presente, temporário, podendo ser facilmente perdida, como acontece com os cabelos crespos quimicamente tratados que vão perdendo a beleza com o tempo. Os teóricos ainda acrescentam que:

A presença estereotipada do negro brasileiro nos meios de comunicação é tão acentuada que os próprios negros se esforçam para não se identificarem com esse padrão estético. As justificativas para esse procedimento da mídia são, entre outras: o racismo dos publicitários e dos clientes das agências de propagandas; a baixa aceitação das imagens do negro brasileiro; a falta de empenho dos negros para disputarem essa faixa do mercado de trabalho como publicitários ou *top models* (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 213, grifos dos autores).

Trata-se de um jogo do capitalismo que procura trabalhar a imagem do negro como objeto de consumo. Tanto a mulher negra e a erotização de sua imagem pela mídia, quanto o homem negro, trabalhado em seu aspecto viril, correspondem ao tipo de imagem trazido pelas estratégias capitalistas de consumo. Pereira e Gomes (2018) acrescentam:

A ética capitalista, que vende a estética do negão viril, tem de se desdobrar para resolver uma contradição: por um lado, é necessário criar e atender à demanda de um mercado ávido por produtos; por outro, é imperativo sustentar a ética patriarcal (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 227).

A partir das reflexões contidas no imponente estudo¹⁹ “**O que é racismo estrutural?**”, do professor e escritor Sílvio Almeida (2018a), obra e autor ocupam um lugar de significativo destaque no debate público a respeito

¹⁹ Sílvio Almeida, além de ter seu trabalho reconhecido na academia, possui também o respeito e a admiração das pessoas engajadas nas causas sociais e antirracistas. Suas obras são uma contribuição fundamental no movimento de análise da sociedade brasileira. Em seus trabalhos, o autor apresenta a constituição e o estabelecimento das relações raciais na sociedade brasileira. Ele empreende seu esforço analítico em três categorias centrais: a economia, a política e a subjetividade da pessoa não branca.

do racismo no país. No caminho teórico perpassado por Almeida (2018a), aparecem referências das mais relevantes para o ativismo e para a intelectualidade negra e antirracista na conjuntura vigente, o que acrescenta ainda mais densidade histórica à sua contribuição teórica e política.

Nesse ínterim, vale destacar que “a tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (ALMEIDA, 2018a, p. 20). Isso é fruto de uma luta histórica marcada pela perversidade do capital colonial em detrimento de uma maioria, quantitativamente, em busca da sua sobrevivência, da sua raça, do seu lugar de fala e do seu reconhecimento.

Versar sobre o racismo presente na sociedade brasileira é afirmar os mecanismos de manutenção de poder presentes em um tempo-espço, o qual ora se apresenta nitidamente, ora se manifesta de forma velada em concordância com a matização social vigente. Corroborando essa tese, Silvio Almeida afirma que

[...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2018a, p. 21).

Fato é que o racismo se encontra arraigado tanto no cotidiano dos sujeitos, quanto nas estruturas política, social e econômica da nossa sociedade, aprofundando uma ferida secular, latente e histórica, a qual urge ser combatida. No entanto, combater o racismo não se traduz em tarefa fácil, é necessário romper paradigmas impostos secularmente em um processo de desconstrução/afirmação de novos padrões.

É pelo fato de ser estrutural na sociedade que o racismo aparece no comportamento de indivíduos e na dinâmica prática de instituições sociais, mas uma abordagem que busque compreender o racismo a partir da circunstancialidade dos comportamentos individuais, ou mesmo, circunscrevendo-o à lógica interna das instituições, sem reportar-se ao lugar do racismo na estruturação da vida social como uma totalidade, não pode apreender criticamente sua profundidade como fenômeno social (ALMEIDA, 2018a, p. 36).

Almeida (2018a) aponta a necessidade de um combate ao racismo estrutural através da mobilização de pessoas e instituições, no sentido de

transformar o olhar e, conseqüentemente, as atitudes da sociedade. Trata-se, para o autor, de uma reformulação das ideologias dominantes, culminando no desenvolvimento de políticas e estratégias antirracistas. Movimentos coletivos precisam ser fortalecidos e criados nesse sentido, promovendo essas transformações estruturais, a fim de solucionar todo o problema histórico-cultural da sociedade brasileira.

A tolerância e o respeito às diferenças são alguns pressupostos para a efetiva inclusão do negro na sociedade. Ele deve participar ativamente dos espaços de poder e tomadas de decisões. Organizações empresariais necessitam efetivamente contribuir com esse compromisso social. Conforme reflexão de Santos e Jesus (2010), em um contexto diversificado e contraditório,

[...] o tema preconceito racial nas organizações multinacionais e impeditivos de crescimento profissional, oriundos desse mesmo preconceito, aos negros que no Brasil residem, deve ser estimulado e debatido, para que o país possa promover políticas públicas e sociais adequadas e condizentes com a realidade na qual se convivem todos os cidadãos brasileiros (SANTOS; JESUS, 2010, p. 7).

Mencionada a necessidade concreta da presença e da inclusão de pessoas negras em cargos de liderança e poder – alcançável somente mediante a efetiva transformação da igualdade em direito positivo – no mercado de trabalho existe “um desafio incansável na luta pela igualdade de direitos dos movimentos políticos e sociais que compactuam ajustes de inclusão racial e social no Brasil” (SANTOS; JESUS, 2010, p. 3), país em que o indivíduo negro, muitas vezes, independentemente de sua real capacitação e talento para o trabalho, não é agraciado com os mesmos acessos disponibilizados aos profissionais de cor predominantemente branca. Segundo Santos e Jesus (2010):

É fato real que no mercado de trabalho e na sociedade as pessoas de cor de pele negra são menos aceitas que pessoas de pele branca. É óbvio que a cor da pele não julga a competência de uma pessoa, contudo o preconceito existe no Brasil e deve ser combatido (SANTOS; JESUS, 2010, p. 16).

Essa discussão é apresentada pela obra **Oboé** quando aborda a temática de negros talentosos, como o pai de Cicinho, que não são valorizados pela sociedade devido à cor de sua pele. Ou seja, a competência não está em jogo, mas sim a cor da pele.

Da mesma forma, a desaprovação do negro na sociedade fica evidente em **Oboé**, que aponta claramente a segregação que o negro sofre. O trecho a seguir ilustra tal segregação:

E isso eu vi e também admirei, pois nos meus doze, treze anos, quando padre era chamado, e ia celebrar missa, a cada mês, Sinhazinha me convocava para tocar. Os colonos ficavam de fora, debaixo da cara do sol; Sinhazinha, acompanhantes do padre, um bando de convidados vindos de Tuim – parentes dela – e o administrador, naquele tempo um moço de nome Dr. Alberto Pereira, entravam na capela e sentavam-se em bancos almofadados com tecido de veludo amarelo (CAMARGO, 2014, p. 50-51).

Impedidos de assistirem à missa dentro da capela, os colonos (negros) não possuíam autorização para adentrar. O que os desqualificava para tal era a cor da pele, visto que o mesmo fato não acontecia, por exemplo, com imigrantes alemães, que podiam participar da missa dentro da capela.

A segregação permanece ainda hoje, mesmo que de forma subliminar. Ao buscarem candidatos para vagas de emprego, por exemplo, algumas empresas desaprovam seus candidatos a partir de prerrogativas que não medem a capacidade de trabalho do sujeito.

É cada dia mais frequente o hábito de as empresas vasculharem as [redes sociais](#) em busca de dados dos candidatos a [emprego](#). Não há nada de ilegal nessas pesquisas, tendo em vista que esses dados, na maioria das vezes, são postados pelo próprio candidato e, portanto, presumem-se verdadeiros. Ocorre, assim, de modo comum e em muitos casos, que o candidato não fica sabendo o motivo pelo qual não obteve a vaga de determinado emprego pleiteado, sendo que as justificativas para a recusa são sempre atribuídas a razões técnicas.

O que uma empresa não pode fazer, por exemplo, é pesquisar os cadastros de proteção ao crédito e recusar o candidato porque ele está negativado. Uma empresa também não pode investigar os dados sensíveis do candidato ao emprego, nem fazer uso deles para qualquer fim, além de não

poder utilizar o critério de colocar padrões de aparência como condição para a assunção de uma vaga. Santos e Jesus (2010) chamam a atenção para o fato que algumas empresas multinacionais deram início a uma campanha contra as atitudes de preconceito e, dessa maneira,

[...] seus departamentos de recursos humanos passaram a priorizar a admissão dessas chamadas "minorias", negros, especialmente. Eles estão sendo cada vez mais bem aceitos nas organizações, não ocupando apenas funções subalternas, mas em todos os níveis hierárquicos. Embora estas companhias estejam reservando apenas 10% das novas vagas para negros, homossexuais e deficientes físicos, pode-se considerar esta iniciativa um grande avanço para esta população, em particular a negra (SANTOS; JESUS, 2010, p. 13, grifo dos autores).

Para tanto, um país como o Brasil possui 50,7%²⁰ da população autodeclarada preta ou parda, de acordo com dados do último Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010. É no mínimo espantoso um cenário como o relatado neste trabalho, com o aporte teórico de respeitáveis pesquisadores e intelectuais. Nesse cenário, casos sistemáticos de violência racial ocorrem em todos os âmbitos da vida de uma pessoa não branca, além de não haver a representação desse grupo social na política institucional de maneira numericamente condizente com a expressividade desses sujeitos na constituição da sociedade brasileira.

Concomitantemente, a Constituição Federal Brasileira de 1988 tipifica o racismo como crime²¹ "XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais; XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei [...]." (CF/88, ART. 5º). Dessa forma, empresas que cometem ações discriminatórias perante ao processo ou ao momento de contratação são passíveis de sofrerem ações judiciais por incorrerem em uma ação ilegal e criminosa. Para título de reforço, a lei permanece em vigência após a contratação do trabalhador. Santos e Jesus (2010) ressaltam que:

²⁰ Os dados do Censo do IBGE de 2010 podem ser conferidos no site da Fiocruz no seguinte endereço eletrônico: <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-010/#:~:text=O%20Censo%202010%20detectou%20mudan%C3%A7as,e%20817%20mil%20como%20ind%C3%ADgenas>.

²¹ A Constituição Federal do Brasil pode ser acessada on-line através do seguinte link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

Os Governos do mundo inteiro, após a década de 90 que foi marcada contemporaneamente como a mais importante na luta política contra o racismo e a discriminação, após comprovar o racismo de Estado, entenderam que este não era uma responsabilidade individual, ou seja, apenas do Estado, e sim coletiva e de direito (SANTOS; JESUS, 2010, p. 14).

O advogado José Geraldo da Fonseca²² orienta empregadores e empregados acerca da legalidade da “recusa de um candidato [...] quando lhe faltar um requisito objetivo ligado diretamente à função ou cargo pretendido” Ele ainda reforça a necessidade do prévio conhecimento dos candidatos em relação às exigências necessárias para desempenhar a função através dos editais e nos anúncios de vagas. Resolvidas essas questões, o processo seletivo tende a ser mais equilibrado, justo e inclusivo.

Mesmo que já tenha ocorrido uma evolução com relação à inserção de pessoas não brancas, percebe-se que esse contingente de pessoas negras nas empresas ainda é um número muito baixo, permanecendo, ainda, uma carência (GASTIN, 2019). A ampliação da inserção desse público é ainda um grande desafio para as organizações empresariais.

Santos (2018) aponta, inclusive, que o contingente negro nas organizações empresariais é muito mais significativo no que diz respeito aos serviços braçais ou em que sejam exigidos menor grau de escolaridade. Essa realidade felizmente vem sofrendo mudanças, em vista da crescente inserção do negro em universidades, atingindo maior grau de escolaridade. Nesse sentido, o afrodescendente chega ao mercado de trabalho com maior qualificação e apresenta possibilidade de atingir melhores cargos. No entanto, ainda existe uma resistência com relação ao fato de pessoas negras atingirem cargos como gerência, diretoria, entre outros de alto escalão. Fruto do racismo estrutural, essa resistência sinaliza que a mudança na sociedade se faz a passos lentos e ainda existe um longo caminho para que possa efetivamente haver uma mudança estrutural no que diz respeito à questão racial.

Trata-se do efeito da senzala que no entendimento dos CEO's ainda impera que se reflete no momento da entrevista se deparam com a imagem não com a sua qualificação. Os negros têm buscado o seu espaço e se colocado no mercado com muita dificuldade porque

²² Matéria disponível em: <https://vocerh.abril.com.br/politicasepraticas/o-que-e-proibido-nos-processos-de-recrutamento-mas-muitas-empresas-fazem/>

conta do preconceito que existe e notório e sentido na pele literalmente (SANTOS, 2018).

Na obra de Camargo (2014), a metáfora a esse fato fica clara ao se perceber que o pai do personagem Cicinho apresenta grande talento musical, sem que, no entanto, seja reconhecido pela Sinhazinha. O fato de ser um negro, mesmo que talentoso, o fez seguir pelo trabalho braçal no cafezal. O pai somente apresenta reconhecimento de seu talento na cidade de Pretéu, junto à comunidade negra. Analogamente, algumas empresas muitas vezes deixam de valorizar um afrodescendente qualificado em vista de sua cor de pele.

Santos (2018) afirma, outrossim, que o racismo ainda é uma realidade no país:

Por definição, a palavra racismo mostra um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre os outros, preconizando, particularmente, a separação destes dentro de um país, o que chamamos de segregação racial, ou mesmo visando o extermínio de uma minoria. Podemos notar, a despeito da legislação que visa ao seu combate, que o racismo ainda existe no nosso país. Porém, isso ocorre de forma velada, e porque não dizer contida. Verificamos que a chamada segregação racial acontece de várias formas e a principal delas ocorre no ambiente de trabalho, que é o local em que as pessoas passam a maior parte do seu dia (SANTOS, 2018).

A despeito das barreiras historicamente estabelecidas em desfavor de sua configuração como indivíduos competentes e habilitados ao exercício da vida em sociedade como qualquer outro cidadão, os afrodescendentes têm resistido a esse padrão excludente que lhes é imposto, buscado o próprio espaço no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. Padrões de ordem arcaica haverão de ruir em razão da ideia de que diferenças, quaisquer que possam ser, não são impeditivas do direito à vida em sociedade.

Nesse sentido, serão retomados os questionamentos em torno das diferenças, aspecto inscrito na conformação do protagonista da novela de Oswald de Camargo, o que será feito na subseção a seguir.

3.1 CICINHO: UM AFRODESCENDENTE DE TALENTO

Ao Talento e à Vida

O Talento não foi feito
para se desperdiçar.

É a semente de vida
querendo desabrochar.
É pedra não lapidada
escondida por camada
pedindo para brilhar!
Talento afinal foi feito
para dar a expressão,
a canção que sempre ecoa
do fundo do coração.
É vida que vai fluindo,
beleza que vai surgindo.
Essência do ser em ação! (PORTELA, 2001, p. 5).

Talento é um conjunto de características com as quais a pessoa nasce e as quais se desenvolvem ou não ao longo das experiências vividas. Portela e Matos, na obra **Talento para a vida** (2001), ao tratar sobre essas características, observam que

Elas são o eixo em torno do qual devemos circular para sermos o melhor possível, aquilo que realmente somos. Podemos aperfeiçoá-las ou deteriorá-las. Elas definem o nosso papel na sociedade ou nossa missão de vida. Por meio delas nos realizamos pessoal e profissionalmente. No decorrer da nossa experiência, a educação que recebemos em nossos lares, na escola e a influência dos amigos, religião ou sociedade podem nos afastar do nosso eixo, levando-nos a desenvolver essas características de forma distorcida ou contribuir para que possamos potencializá-las e sermos pessoas felizes e de sucesso (PORTELA; MATOS, 2001, p. 20).

No caso de Cicinho, protagonista da novela **Oboé** (2014), essas características foram desenvolvidas ao longo de sua vida, a partir das oportunidades que vivenciou. Diante disso, pode-se verificar a ascensão social de um jovem negro, oportunizada por seu talento musical. No entanto, ainda se faz presente na narrativa a exclusão de outros afrodescendentes, mesmo sendo detentores de determinado talento, como é o caso do pai do protagonista. Essa obra camarguiana chama a atenção para a variabilidade, portanto para a diferença, de culturas e de indivíduos, que marcam a humanidade. Assim, por exemplo, em *Camargo* (2014), pode-se ler:

De repente, os apanhadores de café, empregados de Sinhazinha – meu pai, um deles —, perceberam a paisagem extraordinária que eram os teutos saindo cedo para examinar a terra, quase todos grandões, sorrindo, sem saber palavra de nossa fala, oferecendo chocolate pros molequinhos – exclamando **So schöne schwarze Kinder!** (Que lindas crianças pretas!), e os camaradas rindo da prosa deles (CAMARGO, 2014, p. 37-39, grifos do autor).

Mesmo sob as condições adversas, externadas na vida que se apresentava aos trabalhadores negros da fazenda Cristiana, o menino Cicinho preservava certa pureza própria da infância e sonhava com dias melhores, o que se pode depreender da leitura do excerto no qual o protagonista narra o contato com a filha de imigrantes alemães e, ao mesmo tempo, descreve a moradia e a rotina familiar na companhia dos pais, humildes apanhadores de café.

Parou diante de mim, tentou chegar mais perto de minha face e acariciar-me o pixaim de molequinho; corri. Ela exclamou algumas palavras lá na língua dela, creio que lamentando, mas eu corri pra casa, que reunia dois recintos — paredes barro; cobertura, folhas de zinco. Para espantar pulgas, minha mãe borrifava o chão com mistura de água e estrume de vaca, e espalhava com vassoura urdida com galhinhos de alecrim- do- mato. Na comida, dava às vezes mingau de fubá com folhas de taioba. Mas eu estava pensando na mãe de Liddy Anne, o cheiro perfumoso dela e a mão alva, sem nenhum calo (CAMARGO, 2014, p. 39-40).

O convívio do menino com os imigrantes culminou por ser o passaporte para o acesso à casa dos patrões, esfera social na qual, posteriormente, utilizando-se de seu revelado talento como oboísta, acabara por ter mais acesso à cultura e também às novas realidades.

Barbieri (2014), na obra **Gestão de pessoas nas organizações**, enfoca

[...] as trajetórias de pessoas que apresentaram um desempenho extraordinário em áreas e épocas diversas, mostrando que o êxito não é fruto apenas do mérito ou do talento individual. Ele também resulta de fatores que garantiram a esses indivíduos a chance de cultivar seu talento intensamente e de forma peculiar, destacando-se como personalidades fora de série. [...] todas as pessoas com esse perfil receberam ajuda de alguém da família ou da comunidade ou foram beneficiadas por circunstâncias específicas de sua geração, cultura ou meio (BARBIERE, 2014, p. 163-164).

Cicinho personifica esse pensamento, visto que ele apresenta o talento individual, mas não é apenas isso que o coloca em uma posição de ascensão e sim o encontro com o instrumento oboé e o envolvimento com a família alemã, o que não aconteceu com seu pai, por exemplo, que, igualmente talentoso, não viveu as mesmas oportunidades. Isso fica claro no seguinte trecho da obra de Camargo (2014):

Sem os alemães, não saberia de oboé. Sem eles, eu nunca entraria no salão da casa imensa de Sinhazinha, com ocasião para assistir ao despropósito que era viver no meio de tanta beleza, móveis de gente nobre, piano vistoso num dos cantos, luminárias muitas encimando peanhas lindas de metal dourado. Só mesmo por eu tocar oboé; mas, quando sucedeu isso de eu ser chamado pela Sinhazinha pra tocar no casarão dela, eu já ia nos meus doze anos, e um tanto sofrido, porque ninguém lá nem ligava para a música que meu pai inventava, só mesmo em Pretéu, nas festas como a de São Benedito ou na comemoração do passamento do Beato Nego Vito. E eu queria que ligassem (CAMARGO, 2014, p. 40).

Ainda que mediante o reconhecimento do seu talento, Cichinho não se esquecia de suas origens e questionava o fato de seu pai não ter a mesma consideração e, sua mãe, não ter o mesmo acesso a uma realidade que fosse díspare à experimentada pelos trabalhadores da fazenda.

Eu tinha seis anos. Absurdo eu ali, naquele ano em que vieram os alemães. Minha mãe apanhava café, e não me levava mais com ela; meu pai tinha sido escolhido para o trabalho de separador de grãos; com uma vassoura juntava as sementes, depois tirava as que não prestavam. Minha mãe achava mais digno eu ficar com meu pai – a mesma coisa que estar ao léu na fazenda, na barroca, solto, pois ele andava sempre, enquanto vassourava, distraído com imaginar alguma cantoria para apresentar nas festas em Pretéu, povoado adjacente a Cristiana. Meu pai inventava música, longe de pauta, sustentados e bemóis, mas inventava bastante (CAMARGO, 2014, p. 36).

Com a percepção da exclusão impingida ao pai, sempre deixado de lado, fundem-se, na formação do protagonista, a admiração e a conexão com a figura paterna, assim como o entendimento acerca da discriminação em relação ao genitor e às melodias que ele criava. Cichinho se abatia toda vez que o racismo contra os seus se tornava visível e perceptível.

As diferenças fenotípicas entre pai e mãe, esta última de negrura acentuada na cor e nos traços, ao contrário do pai, de certo modo também motivam as identificações subjetivas da criança, afeta mais ao pai que à mãe, mesmo quando adulto, e mesmo no relato, no qual a mãe aparece como imagem fugidia, problematizando, pela própria narrativa, os efeitos violentos do racismo e da discriminação na constituição interior do sujeito, suas afeições e escolhas (MARTINS, 2020, n.p.).

Em conflito com essa realidade, o protagonista sinaliza, durante toda a conversa com o **doutor**, o incômodo causado pelo racismo. Em constante

angústia, Cicinho demonstra sentir culpa por ter alcançado ascensão social, enquanto seu pai não o alcançou. Adentrar o casarão de Sinhazinha e “[...] assistir ao despropósito que era viver no meio de tanta beleza” (CAMARGO, 2014, p. 40) levaram o personagem ao misto de se sentir privilegiado e aflito por seu pai não ter conseguido o mesmo.

Martins (2020) aponta que na obra, o pai, diferentemente do protagonista, sofria com a invisibilidade e com a falta de oportunidades. Na sociedade branca, o negro sofre com a exclusão, o que deixa Cicinho indignado com a situação em que vive:

Quem sabe o que morava no íntimo da senhora Maria Emília do Santo Céu? Por que tão cega e surda em assunto de conhecer – além do humílimo trabalho deles- a vida dos pretos colonos? Por quê? E por que meu pai, até o final, não pôde cantar na capela, nem mesmo para oferecer gratidão à Imaculada? (CAMARGO, 2014, p. 121).

Dessa forma, o protagonista segue repetindo, com tom insistente, a consciência da segregação racial, que se apresenta e se torna uma tônica por toda a narrativa. O talento reconhecido que o faz galgar patamares; o talento ignorado do pai, por isso mantido em seu *status quo*. Essas diferentes possibilidades de apreciação do talento de um indivíduo poderiam gerar efeitos no âmbito das organizações empresariais?

Em busca de respostas para essa indagação, passa-se à próxima subseção.

3.2 O TALENTO COMO APORTE NAS ORGANIZAÇÕES EMPRESARIAIS

Segundo Chiavenato (2015), gestão de pessoas é a denominação atribuída à função que busca a colaboração eficaz das pessoas, empregados, funcionários, recursos humanos, talentos, ou qualquer outra nomenclatura cabível a esses partícipes, com a finalidade de alcançar os objetivos organizacionais e individuais. Designações como departamento de pessoal, relações industriais, recursos humanos, desenvolvimento de talentos, capital humano ou intelectual são utilizadas para descrever a unidade, departamento

ou equipe relacionado com a gestão de pessoas, sendo que cada uma delas reflete na maneira específica de se lidar com os indivíduos.

Nesse contexto, as organizações estão em busca de profissionais diferenciados, com talento e capacidade de crescimento dentro da empresa, e que possam trazer resultados positivos no que tange ao sucesso dos empreendimentos empresariais. Esses profissionais constituem o **talento humano de uma instituição**, agregando valor ao seu portfólio de produtos e ou serviços, ao mesmo tempo em que são geradores de vantagem competitiva, tornando a concorrência irrelevante. Segundo Chiavenato (2015):

Modernamente, as organizações estão mapeando suas competências organizacionais necessárias para enfrentar um mundo de negócios altamente mutável, dinâmico e competitivo. Essas competências organizacionais são desdobradas em competências individuais que seus funcionários deverão construir e utilizar para que a organização seja bem-sucedida. Assim, o processo seletivo irá se concentrar no exame e avaliação das competências que o candidato deverá oferecer e que se coadunem com as competências que a organização pretende adquirir (CHIAVENATO, 2015, p. 111).

Nessa perspectiva, o mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais exigente quanto às competências básicas dos profissionais, no que diz respeito a conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, interesses, entre outras características. Chiavenato (2008) demonstra que os colaboradores precisam apresentar um conjunto de competências básicas para que possam desenvolver seu trabalho em uma empresa.

Ademais, quando um colaborador possui um perfil de competências mais elevado, ele demonstra mais qualidades para levar adiante determinadas metas e objetivos. Nesse sentido, Chiavenato (2008) reafirma a importância de as empresas buscarem agregar mais competências a seu capital humano, bem como investir em programas sistematizados de gestão de competências, a fim de desenvolver e “definir perfis profissionais que proporcionem maior produtividade e adequação ao negócio” (CHIAVENATO, 2008, p. 423).

Nesse sentido, empresas que trabalham com a gestão por competências procuram substituir o tradicional levantamento de necessidades de treinamento por uma visão das necessidades do negócio e pela valorização de pessoas que agregam valor a ele. Tal importância se dá em função das pessoas serem um dos grandes diferenciais dentro das empresas. Muitas

organizações estão substituindo o tradicional processo seletivo focado em cargos pelo processo centrado em competências individuais (CHIAVENATO, 2015, p. 150).

Portanto, faz-se necessária uma reestruturação da cultura empresarial e da maneira operacional com a qual os seus dirigentes e funcionários atuam. Isso leva em conta mudanças nos perfis dos trabalhadores que ocupam e ocuparão cargos relevantes, através de uma capacitação profissional exigida e ofertada pelo contratante. Assim, aqueles que estão em cargos de deliberação e capacidade real de tomada de posição para modificações expressivas na lógica interna da empresa devem comprometerem-se com um posicionamento antirracista.

Não são satisfatórias apenas a contratação e a não discriminação de pessoas negras nesses espaços, mas também um movimento instrutivo, um projeto educativo constante para os funcionários já contratados e para aqueles que integrarão a equipe futuramente, de todos os escalões e escolaridades. Tal perspectiva deve ocorrer atentando-se para uma educação antirracista focada na educação de pessoas brancas, levando em conta as demais especificidades de mercado da área de atuação da empresa.

Isso demanda a contratação de um pessoal fixo ou a contratação de serviços de agentes ou empresas que sejam focados na educação empresarial, e/ou a contratação de palestrantes e institutos formativos que atuam nesse nicho educativo. Nenhum desses seria excludente, ou seja, pode haver a contratação de mais de uma forma de empreender esse projeto. Nesse caso, como afirmam Pereira e Gomes (2018), a atenção em relação ao conteúdo a ser abordado deve estar voltado para a

[...] análise do estereótipo de exclusão que incide sobre os indivíduos negros e que faz valer a representação de negros como sinônimo de inferioridade étnica, baixa condição socioeconômica e ausência de padrão estético (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 218).

Não obstante a clareza da necessidade de atenção para a mitigação da prática de ações com padrões estereotipados que tenham como alvo os afrodescendentes, conforme preconizam Pereira e Gomes (2018), podem ocorrer conflitos na adoção de programas de gestão da diversidade nas empresas, pois não é um processo rápido e fácil colocar os próprios

colaboradores e as organizações em situações de enfrentamento direto com seus valores étnicos.

No caso da narrativa camarguiana que constitui o *corpus* literário deste trabalho de dissertação, o conflito é representado e se delinea nos limites sobre os quais nos escreve o professor Édimo de Almeida Pereira na resenha **A metonímica identidade do oboé na novela de Oswaldo de Camargo** (2017),

[...] em contraponto a este instrumento erudito [o oboé] que garante ao protagonista o acesso ao meio social que estranhamente era para repelir a ele próprio tal como excluía aos de sua origem, o narrador expõe as reflexões de um personagem que se mostra intrigado pelo fato de a mesma chance não ser oferecida aos seus iguais, inclusive ao próprio pai, cantador nato, cujo talento nunca fora reconhecido pelos patrões, senão pelos membros da comunidade a que, tal qual o protagonista, o trabalhador pertencia (PEREIRA, 2017, p. 142).

Diante da reestruturação interna, portanto, é preciso também externar essas modificações acarretadas com o novo regime administrativo, cultural e ético adotado pela empresa. Dessa forma, no que se refere à lógica de funcionamento externo da empresa, é interessante prosseguir no caminho da conscientização. Tal ato é possível com peças publicitárias ligadas à defesa dessa população e seus direitos, assim como por meio do destaque equivalente à população negra durante todas as etapas do processo de fabricação do produto ou realização do serviço, expondo isso de maneira pública.

Às empresas, cabe se posicionarem de maneira incisiva perante a sociedade com o compromisso de trabalhar em direção à igualdade racial no quadro de funcionários, parceiros comerciais e sócios. Elas também devem sempre assumir posição relativamente a uma situação polêmica e conflituosa, não escondendo da população e do seu mercado consumidor as contradições presentes no cotidiano da empresa. Dessa forma, cria-se laço interativo e de confiança com o consumidor. Seus advogados e sua parte de marketing devem estar atentos e recebendo a devida formação para lidar com os diversos cenários postos. Contudo, Josiane Silva de Oliveira (2007) adverte

Ocorre que somente nesses enfrentamentos poderá ser demonstrada a polarização étnica no país, o que produziu fronteiras étnicas tênues e

dificuldades notórias no relacionamento entre as diversas faces que compõem sua população. Somente observando diretamente as ações da gestão da diversidade será possível observarmos sucessos e fracassos na implementação destes programas, sendo as experiências relatadas fontes de muitas propostas e de superação de conflitos, como está ocorrendo, por exemplo, com os portadores de deficiência e com as mulheres, segmentos para os quais passa a existir uma legislação específica de integração nos ambientes sociais e organizacionais (OLIVEIRA, 2007, p. 11).

Dentre a diversidade que marca a população brasileira, há que se ter especial atenção às especificidades e à capacidade que cada indivíduo possa trazer consigo dentro de uma lógica de que todos são importantes para o desenvolvimento do país. No universo empresarial, em conformidade com Maria Tereza Flores-Pereira e Cláudia Sirangelo e Eccel, na obra **Diversidade nas organizações: uma introdução ao tema** (2010), o talento

[...] é importante para o crescimento do ecossistema empresarial e por isso o mercado o valoriza. As empresas partem do princípio de que se para competir é necessário ter talentos, vence a competição quem tiver mais ou melhores talentos. E declaram aberta a temporada de caça (FLORES-PEREIRA; ECCEL, 2010, p. 25).

Os programas de gestão da diversidade podem ser utilizados no contexto brasileiro como medida prática para se quebrar paradigmas e situações que, ao se reproduzirem, promovem, contrariamente, mecanismos de manutenção da discriminação e da falta de participação dos negros nas esferas de poder de maior amplitude social e nas organizações. Tem-se, assim, o que Pereira e Gomes (2018) afirmam ser

[...] a preparação para o nascimento de um outro sujeito, menos negro e mais identificado com outras questões. Por isso, o atleta vencedor se torna conhecido não tanto por seu nome de origem, mas pelo outro nome que a ética capitalista lhe impôs ao criar a estética do vencedor. Pelé, João do Pulo e Ronaldinho incorporam o espírito do herói coletivo, de alcance nacional ou local, como se pode observar na maneira pela qual a mídia os identifica (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 231).

Compreende-se, assim, que todos esses esforços e ações concretas demandam o necessário investimento financeiro. Este não deve ser visto como gasto, mas sim como efetivo investimento, porque seus frutos renderão não apenas lucros financeiros, mas também morais e éticos, no sentido de tornar-

se uma empresa com prestígio social e relevância política. Dessa forma, capitaliza-se não apenas o produto final, mas todos os processos de produção do produto. Nesse sentido, Pereira e Gomes (2018) asseveram:

A ética capitalista que reifica a mulata e o negão viril não se arrisca a reificar o homem vencedor, ainda que ele tenha uma identidade negra. A estética a ser elaborada para ele enfoca outros aspectos de sua identidade, como por exemplo a capacidade de superar obstáculos. Nesse caso, não se considera a questão étnica, dando-se ênfase à sua trajetória dos ambientes sociais pobres até o reconhecimento público por causa das façanhas esportivas (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 229).

Há muitos anos que as pessoas afrodescendentes vêm ocupando apenas as funções destinadas à mão de obra barata para as empresas. Assim, uma parte extremamente importante da organização não passava de massa operária que realizava trabalhos repetitivos. Josiane Silva de Oliveira, no artigo intitulado **Gestão da Diversidade: o desafio dos negros nas organizações brasileiras** (2007), analisa como os aspectos de inserção dos negros na sociedade brasileira e como a formação da imagem do trabalhador negro causaram baixa representatividade dessa população nos altos níveis hierárquicos das empresas brasileiras. A autora afirma que “a gestão da diversidade no Brasil pode ser um instrumento utilizado pelas organizações no auxílio da diminuição de injustiças sociais históricas, com relação à população negra” (OLIVEIRA, 2007, p. 1).

A importância das pessoas é enfatizada por Chiavenato (2004, p. 5), na afirmação do autor de que “as organizações funcionam por meio das pessoas, que delas fazem parte e que decidem e agem em seu nome”, ou seja, são as pessoas que dão vida ao dia-a-dia da instituição. São elas que fazem os processos funcionarem e que levam à empresa ao crescimento e desenvolvimento, realizando isso por meio das tomadas de decisão, dos planejamentos de curto, médio e longo prazo, da inovação dos processos, da criação de novos produtos e serviços, das análises de mercado, da identificação de oportunidades de crescimento empresarial, da ampliação das atividades da corporação, e de todas as demais áreas que necessitem de que a mente humana seja colocada em ação a fim de viabilizar o progresso da empresa (NUNES, 2017, p. 3. apud. CHIAVENATO, 2004, p. 5)

A desvalorização das pessoas negras nas organizações e na sociedade também é enfatizada por Pereira e Gomes (2018). De acordo com os autores:

A representação do negro como objeto implica a aplicação de juízos de valor que desqualificam a pessoa como sujeito social. A reificação desqualifica a pessoa, mas ao transformá-la em objeto, ressalta as qualidades que a tornam um objeto interessante para os agentes da discriminação (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 193).

De fato, ainda não são todas as empresas que têm a visão de que as pessoas podem ser um dos principais diferenciais para que a organização se destaque no mercado ante as demais. Diante disso, Chiavenato (2015) mostra que as pessoas têm diferentes graus de importância dentro dos diversos tipos de empresa, argumentando no sentido de que:

Vários termos são utilizados para definir as pessoas que trabalham nas organizações. Elas são chamadas de funcionários, empregados, pessoal, trabalhadores, operários quando as organizações as tratam como tal, ou podem ser chamadas de recursos humanos, colaboradores, associados, se as organizações as tratam dessa maneira. Ou ainda talento humano, capital humano, capital intelectual se as pessoas têm um valor maior para a organização. A denominação dada às pessoas reflete o grau de importância que elas têm para as organizações. Dessa forma, vemos que, de organização para organização, existe uma visão distinta da importância das pessoas dentro das atividades da empresa, visão esta que vai desde locais em que os talentos humanos são extremamente representativos, até empresas que dão muito pouca ênfase ao papel desempenhado pelos seus operários (CHIAVENATO, 2015, p. 130).

A busca para composição das equipes está voltada aos talentos humanos, profissionais com potencial e capacidade para se desenvolverem e crescerem dentro da organização, pessoas que se identifiquem com missão, visão e valores da organização, a fim de que empresa e colaborador possam alcançar o sucesso empresarial e profissional, respectivamente (CHIAVENATO, 2015).

Nessa busca por talentos, Chiavenato (2015) afirma que “gerir talento humano está se tornando indispensável para o sucesso das organizações” (CHIAVENATO, 2015, p. 52), ao que o teórico acrescenta a ideia de que, “na Era da Informação, lidar com as pessoas deixou de ser um problema e passou a ser a solução para as organizações. Deixou de ser um desafio e passou a ser a vantagem competitiva para as organizações bem-sucedidas (CHIAVENATO, 2015, p. 38).

Ter competência para a realização de uma tarefa implica que a pessoa tenha conhecimentos, habilidades e atitudes compatíveis com o desempenho

dela e seja capaz de colocar esse potencial em prática sempre que for necessário. Vê-se, dessa maneira, a importância de se ter não apenas pessoas, mas profissionais com diferencial, com algo a mais a ser oferecido à empresa, ou seja, verdadeiros talentos para fazerem parte do quadro de colaboradores das organizações. Nessa esfera empresarial, segundo Chiavenato (2015):

A tarefa do recrutamento é a de atrair com seletividade, mediante várias técnicas de divulgação para candidatos que possuam os requisitos mínimos do cargo a ser preenchido, enquanto a tarefa da seleção é a de escolher e filtrar, entre os candidatos recrutados, aqueles que tenham maiores probabilidades de se ajustar aos cargos vagos. Assim, o objetivo básico do recrutamento é abastecer o processo seletivo de sua matéria-prima básica: os candidatos a serem processados. O objetivo básico da seleção é escolher e classificar os candidatos adequados às necessidades da organização (CHIAVENATO, 2015, p. 99).

Quando a empresa desenvolve o quesito de talentos humanos, também aperfeiçoa seu capital humano. O conceito de talento humano, portanto, conduz necessariamente ao conceito do capital humano – o patrimônio inestimável que uma organização pode reunir para alcançar competitividade e sucesso. Como afirma Chiavenato (2015):

Para cada cargo a ser preenchido há vários candidatos que o disputam, sendo que apenas um deles poderá ocupá-lo, se vier a ser aprovado. O modelo de classificação parte do conceito ampliado de candidato, ou seja, a organização não o considera como especificamente voltado para determinado e único cargo, mas como um candidato das organizações que será posicionado no cargo mais adequado às suas características (CHIAVENATO, 2015, p. 108).

Diante da importância que o capital humano vem ganhando no cenário empresarial, as corporações têm buscado formas de atrair pessoas com alto potencial profissional para integrarem suas equipes de atuação. Muitas organizações estão substituindo o tradicional processo seletivo focado em cargos pelo processo centrado em competências individuais (CHIAVENATO, 2015).

Na obra aqui analisada, é o talento do protagonista Cicinho que o leva a uma ascensão social e ao acesso à casa-grande. Trata-se de uma competência individual que foi vista e valorizada. Nesse sentido, em uma

analogia à seleção de colaboradores em uma empresa, é o talento que oportuniza o acesso à oportunidade.

Dentro dessa maneira de agir, todavia, vale ressaltar as palavras de Oliveira (2007), no sentido de que, nos processos de seleção centrados em competências individuais, seja observado que é preciso

[...] reconhecer que, acima de ser brancos ou negros, somos pessoas, somos brasileiros e, auxiliar na ascensão social e econômica dos negros é ajudar o Brasil a crescer e a diminuir a pobreza e marginalização de nossa sociedade. Para que isso aconteça, brancos, negros, índios, amarelos todos devem trabalhar para a inclusão social (OLIVEIRA, 2007, p. 9).

As novas formas de atração de pessoal adotadas pela empresa acabam por ser bastante focadas em talentos, pois, dessa forma, é possível treiná-los e capacitá-los de acordo com a missão, a visão e os valores da organização. Nessa busca, os programas de captação de talentos têm-se destacado como ferramentas de identificação e atração de colaboradores com grande potencial profissional.

Ao se considerar o talento, é necessário chamar a atenção para o fato de que, historicamente, no Brasil, ainda permanece arraigada a ideia de que a diferença de capacidades das pessoas decorre de suas posições sociais, mantendo a lógica colonialista de pensamento. Estagnada que é, essa cultura meritocrática potencializa a desigualdade que resulta de aspectos históricos e sociais. Nessa linha de pensamento, o talento é visto como segregador, já que intensifica as situações de desigualdade. Destaca-se o talentoso, e separa-se o sujeito dos demais. Como bem alertam Santos e Jesus (2010):

A permanência e o sucesso das organizações estão cada vez mais associados à adoção e aperfeiçoamento de condutas éticas refletidas pela seriedade, humildade, justiça e pela preservação da integridade e dos direitos das pessoas, caracterizando um conjunto de valores pautados na verdadeira responsabilidade social (SANTOS; JESUS, 2010, p. 12).

Essa atitude gera uma tendência de os sujeitos talentosos formarem comunidades nas quais eles se reúnem, segregando cada vez mais. Ao trabalhar nesse sentido, longe de promover situações equânimes de condições para os trabalhadores, fortalece-se a competitividade dentro do regime de

meritocracia. Alguns efeitos colaterais dessa seleção baseada na meritocracia são apontados por Flores-Pereira e Eccel (2010)

A contratação apresenta também efeitos colaterais. Trazer alguém para a empresa, envolto no discurso de talento, com a aura de solução para o sucesso, fomenta no profissional contratado, em inúmeros casos, um comportamento de arrogância. Esse profissional, com a expectativa de ser a salvação, quer apresentar ele próprio seu resultado (FLORES-PEREIRA; ECCEL, 2010, p. 30).

No entanto, para Correia (2012), ao contrário de erodir a conexão entre lugar e talento, a melhor forma de impulsionar a vida das pessoas mais pobres é intervir em suas vidas bem mais cedo, colocando-as em ensino de qualidade desde os anos iniciais em sua alfabetização, no ensino fundamental e no médio, oportunizando uma pavimentação que as leve a uma faculdade que lhes garantirá oportunidades de competir de igual para igual com os concorrentes (CORREIA, 2012).

O acesso a condições adequadas para que as pessoas possam desenvolver seus talentos é fundamental para que elas alcancem reconhecimento, valorização e novas oportunidades. É o que se observa com o protagonista de **Oboé**. Pode-se observar que o talento e a música modificam a condição pessoal e o *status* social do personagem, como expõe o professor Édimo de Almeida Pereira na resenha crítica **A metonímica identidade do oboé na novela de Oswald de Camargo** (2017). Pereira (2017) argumenta que:

A chegada dos imigrantes altera, pelo menos para Cicinho, o menino/protagonista lembrado, a oportunidade de quebra de paradigmas étnicos, culturais e sociais, tendo em vista que o inesperado contato do personagem com um oboé, instrumento erudito e delicado por excelência, viabiliza ao filho de simples trabalhadores negros da lavoura cafeeira a transposição das barreiras da indiferença e da segregação, de maneira a inseri-lo no âmbito da casa sede da fazenda Cristiana e do convívio social de seus habitantes (PEREIRA, 2017, p. 141).

Por outro lado, refletindo sobre a condição do afrodescendente na sociedade brasileira, Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães, na obra **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira** (2018), assinalam que, mesmo com todo o talento e a ajuda do destino que possa ter, pode-se perceber que, no Brasil, o

negro é historicamente tratado como objeto e alvo de discriminações, tendo em vista que “[...] a reificação desqualifica a pessoa, mas ao transformá-la em objeto, ressalta as qualidades que a tornam um objeto interessante para os agentes da discriminação [...]” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 193).

A partir dessa concepção, a detenção do talento por parte do afrodescendente surge como maneira de acesso a determinados quadros sociais que, não fora de outra forma, ser-lhe-iam e ainda lhe são frequentes e historicamente negados. O talento também pode ser colocado na esfera da resistência do afrodescendente frente aos obstáculos que se antepõem à sua trajetória na sociedade, resistência essa que também pode ser observada na escrita de Camargo (2014), ao evidenciar a exclusão por que passa o pai de Cicinho quanto ao reconhecimento de suas habilidades e talento como exímio cantador. De fato, de acordo com Kárprio Márcio de Siqueira, no artigo intitulado **Oswaldo de Camargo: o lugar de identidade, resistência e afirmação de uma poética de autoria negra na literatura brasileira** (2013), “[...] a busca de projetar imagens de resistência, identidade, subjetividade e afirmação ecoa no verso camarguiano, na ressignificação de figuras do negro na esfera da arte e da literatura” (SIQUEIRA, 2013, p. 45).

Além disso, pode-se observar de acordo com Josiane Silva de Oliveira, no artigo a que dá o título de **Gestão da diversidade: o desafio dos negros nas organizações brasileiras** (2007), que os movimentos negros têm procurado “[...] repensar atitudes com relação ao mercado consumidor e de trabalho que estão cada vez mais diversificados e influenciados pelas demandas provocadas por movimentos sociais organizados [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 2). Ainda segundo a pesquisadora:

No Brasil este processo está sendo realizado no mesmo momento em que os movimentos negros organizados promovem uma discussão nacional em relação a sua situação social, iniciada a partir de 1990, com organizações de movimentos de características culturais e até mesmo organizações de empresários negros, como a ANCEABRA (Associação Nacional dos Coletivos de Empresários e Empreendedores Afro-brasileiros) (OLIVEIRA, 2007, p. 2).

Carlos César Ribeiro Santos e Graciela Guimarães de Jesus, no artigo **O preconceito racial dentro de multinacionais como impeditivo de**

crescimento profissional aos negros no Brasil (2010), por sua vez, afirmam que:

[...] o problema do preconceito racial como impeditivo de crescimento profissional aos negros no Brasil é rebuscar um passado difícil e tentar entender as razões para ainda existir, em pleno século XXI, atitudes que continuam excluindo e colocando o negro em uma posição desfavorável na sociedade contemporânea (SANTOS; JESUS, 2010, p. 1).

No entanto, segundo Correia (2012), ao promover situações de igualdade de condições, é possível favorecer a equidade e valorizar os talentos de cada indivíduo, formando quadros de pessoal que se somam e se valorizam entre si. O autor acrescenta algo sobre a meritocracia, enaltecendo, por outro lado, a prática democrática, ao afirmar que:

A lógica na disputa por talentos é meritória: os mais talentosos ganham mais. Mas a base democrática é a da igualdade: as pessoas podem usar de força política para derrotar a curva de Gauss²³. A democracia é uma corrida na qual todos partem juntos. O regime igualitário é uma corrida na qual todos chegam juntos (CORREIA, 2012, p. 27).

A estratégia de trabalhar com os talentos em uma nova lógica busca valorizá-los sem segregá-los. É possível valorizar o talento de um determinado indivíduo utilizando-o de forma que possa compartilhar seus conhecimentos com os demais. Os gestores são responsáveis pela gerência da informação, e, a partir desse pressuposto, deve-se ressaltar que o compartilhamento da informação é fator decisivo para um melhor ambiente e para a transparência na gestão. Nesse sentido, a disseminação do conhecimento deve ser condição primeira como fonte geradora de vantagem competitiva diante um mercado cada vez mais exigente. Segundo Santos e Jesus (2010):

²³ “A equação da curva normal de Gauss, que é uma curva matemática teórica, baseia-se em dois parâmetros: a média e o desvio-padrão que são os elementos que definem uma determinada população em relação a uma característica qualquer, estudada e medida em integrantes dessa população. Na verdade, porém, em Estatística, quando se usa o termo população, esta se refere mais ao conjunto de valores numéricos que serviram para estudar essa característica, do que propriamente ao conjunto de indivíduos nos quais ela foi investigada e medida. Como na maior parte das vezes é impossível estudar toda a população, essa avaliação se faz a partir de um número reduzido de elementos a ela pertencentes, e é a esses pequenos subconjuntos do universo populacional que se dá o nome de amostras” (CAMPOS, 2000).

Diante deste fato, as empresas se viram obrigadas a entrar na discussão e iniciaram a criação de medidas em resposta às cobranças da sociedade e/ou em função da disseminação de políticas e práticas de diversidade, oriundas de suas matrizes localizadas em países estrangeiros. Essas políticas de diversidade têm como metas criar e adotar iniciativas, atividades e medidas que reconheçam e promovam a distinção entre pessoas ou grupos como um valor positivo a ser desenvolvido, tornando-se instrumento de integração social, beneficiando a produtividade da empresa e democratizando as oportunidades de acesso e tratamento no mercado de trabalho. Aderir a medidas específicas, sustentadas na discriminação positiva daqueles que perderam seus legítimos direitos em processos históricos é um mecanismo jurídico criado pelas Nações Unidas (SANTOS; JESUS, 2010, p. 5).

Portanto, o talento nas empresas deve ser fonte de engajamento e de criação de valor nos processos de transformação do indivíduo.

As organizações estão em busca de profissionais com competência, as pessoas também estão preocupando-se cada vez mais em ser profissionais com perspicácia. Nos próximos anos, as empresas que não contratarem e mantiverem profissionais qualificados terão dificuldade para manterem-se no mercado, e o problema que poderá arrasar as empresas nos novos anos estará na falta desse grupo de funcionários capacitados para a tomada de decisão, o que pesará sobre o profissional. Aquele que estiver bem preparado vai enfrentar algumas dificuldades, mas vai conseguir chegar ao sucesso; ao contrário daquele que não estiver preparado, que tende a ficar fora do mercado de trabalho.

O Talento é importante para o ecossistema empresarial e por isso o mercado o valoriza. As empresas partem do princípio de que se para competir é necessário ter talentos, vence a competição quem tiver mais ou melhores talentos (CORREIA, 2012, p. 21).

O talento precisa ser considerado presente em todos os níveis e posições organizacionais, sendo papel dos gestores descobrirem essas pessoas, frequentemente ocultas, e criar as condições para que elas possam se manifestar e demonstrar o seu potencial intrínseco.

Já com relação à competência, pode-se compreendê-la como a capacidade de as pessoas mobilizarem múltiplos saberes, habilidades, atitudes, experiências, a própria aptidão, com vistas a gerar resultados. Nesse sentido, o talento, diferentemente da competência, é um meio e não um fim. Daí a importância da noção de competência, já que as organizações não

buscam indivíduos com esse perfil sem objetivos, sem resultados; na lógica da competitividade, do acirramento da concorrência, da busca por diferenciação e resultados, a competência é fundamental.

Para Edivaldo Costa (2010), no artigo intitulado: **Enquanto o talento não vem** (2010), o talento é algo que pode sim ser desenvolvido. Basta persistir e trabalhar duro para tornar-se alguém admirável. No entanto, ele por si só, não garante sucesso; para vencer, é necessário usar as energias de forma direcionada e inteligente.

Segundo o médico e consultor em gestão desse tipo de profissional, Press (2010):

[...] existem centenas de tipos de talentos já classificados e, ao que parece, todo mundo tem, apesar da maioria o desperdiçar. São capacidades inatas para manifestar paixão e facilidade no desempenho de determinadas atividades, atitudes e comportamentos. Os talentos são ativados por certos ambientes, temas e circunstâncias favoráveis. Quando se desenvolvem através do conhecimento, técnica e experiência se convertem em talentos de alto desempenho, produzindo excelência, plenitude e inovação (PRESS, 2010, p.14).

O que as empresas mais valorizam é a capacidade que o colaborador tem para gerar resultado para a organização, isto é, o lucro. E a importância de ter profissionais talentosos na organização vincula-se à sua própria sobrevivência e à sua sustentabilidade como negócio. O que verdadeiramente diferencia uma organização da outra é o seu capital humano, ou seja, a capacidade de inovação, criatividade e comprometimento, uma vez que as pessoas são a diferença, e a gestão de talentos é a estratégia.

Segundo Chiavenato (2015), para uma empresa ser bem-sucedida, deve-se pensar em toda sua estrutura organizacional; para isso acontecer, o capital humano é de fundamental importância. Com a crescente globalização dos negócios e com a gradativa exposição à forte concorrência mundial, as palavras de ordem passaram a ser produtividade, qualidade e competitividade. “Da mesma maneira, as organizações buscam recursos em seus ambientes, entre os quais pessoas capazes de oferecer talentos e competências necessários ao sucesso organizacional” (CHIAVENATO, 2015, p. 63).

Essa é uma maneira de as empresas criarem alianças, que é uma das coisas que mais importa hoje em dia para os grupos de não negros. Já que é

uma construção social, é preciso entender esse ecossistema para desconstruí-lo.

No tocante aos negros, percebe-se a existência de uma orientação ideológica dominante, que estimula a construção de representações baseadas no sentido conservador do senso comum. Os negros são representados de maneira estereotipada como se isso fosse uma verdade dada a priori e aceita pela sociedade como justificativa para admitir que a inferioridade dos negros parece ser incontestável. O aspecto conservador do senso comum restringe as possibilidades de contestar os estereótipos sociais, pois lhes atribui um caráter de fato natural. Em outras palavras, as ideologias dominantes, por meio do senso comum, fazem com que um fato socialmente construído adquira *status* de fato natural. Na prática, isso significa dizer que a exclusão por motivos étnicos está baseada na orientação ideológica que faz parecer natural um fato criado a partir de interesses de determinados grupos e divulgado como verdade inerente à própria sociedade (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 51).

Nesse sentido, o trabalho dos gestores é o de ir pelo caminho da integração do talento ao processo produtivo, reintegrando o negro nesse processo, a fim de desmistificar o senso comum de inferioridade do negro, conforme analisado por Pereira e Gomes (2018). Até então, a ideia de inclusão de pessoas dentro de um conceito de raça, criado ao longo do tempo, repete-se como algo que não precisa ser alterado. No entanto, a despeito dessa insidiosa construção, precisa-se entender o que de fato é a natureza do ser humano. Conforme reflexões de Stuart Hall em **A identidade cultural na pós-modernidade** (2001):

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2001, p. 63).

Essa noção racialista e todas as distorções dela decorrentes são algo digno de contundente crítica. Faz-se necessária a luta pela igualdade, pela justiça, por colocar o negro no seu devido lugar, como cidadão, haja vista que, ainda hoje, pessoas insistem em não aceitar o acesso e o crescimento do negro às organizações e a todos os setores da sociedade. A maioria dos gestores e organizações, ao invés de lutar para que a prevalência de noções de diferenciação racial entre os humanos caia por terra o mais cedo possível,

fica indiferente ao fato de que a raça humana é apenas uma: a raça humana. De acordo com Hall (2001).

[...] quando o conceito de "raça" é usado dessa forma discursiva mais ampla, as nações modernas teimosamente se recusam a ser determinadas por ela. Como observou Renan, "as nações líderes da Europa são nações de sangue essencialmente misto: a França é [ao mesmo tempo] céltica, ibérica e germânica. A Alemanha é germânica, céltica e eslava (HALL, 2001, p. 64, grifo do autor).

A educação pode mudar a visão da sociedade em relação aos negros, pois, a partir de uma base conceitual e teórica sobre a origem das raças, pode-se compreender que somos todos iguais em todos os sentidos e que não há distinção entre raças, qualificando-as quanto às suas características.

A concepção de identidade está atrelada a um caráter mutável, ligado aos aspectos da construção de sentido e aos efeitos da globalização. Diante do movimento da pós-modernidade, a identidade é submetida "ao processo de mudança conhecida como 'globalização' e seu impacto sobre a identidade cultural" (HALL, 2005, p. 14).

Por outro lado, Castells (2002, p. 22-23) indica que toda e qualquer identidade é construída, um processo de construção de significado com base em um atributo cultural. Hall (2005, p. 48) ampara seus discursos no argumento de que "as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação" (HALL, 2005, p. 49). A nação seria, além de política, uma instituição que produz sentidos, um sistema de representação cultural.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (CASTELLS, 2002, p. 23).

Explorando ainda mais a noção de Hall (2005) sobre a construção das identidades:

Hall (2005, p. 50) parece corroborar com essa ideia quando diz que as culturas nacionais são compostas de instituições culturais, mas

também de símbolos e representações. A cultura nacional seria, então, um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Para Hall (2005, p. 51), o fator preponderante de construção das identidades estaria na cultura. Elas promovem sentidos com os quais nos identificamos. E com isso nós teríamos uma boa rede para captar esses peixes céleres da cultura, as histórias contadas e recontadas sobre um lugar, sobre seus personagens, sobre as manifestações culturais. Por isso esses sentidos estariam contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. A identidade, para Hall (2005, p. 13-12), não estaria contida numa confortável “narrativa do eu”, mas em uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Sendo assim, as narrativas produzidas pelas crianças, poderia celebrar a mobilidade do conhecimento, posto que as narrativas têm como uma de suas vestes o inacabamento (ARAÚJO, 2009, p. 50-54).

O modo como nossa identidade é criada e compreendida não é dissociado de um fenômeno mundial, poderoso e calcado no tempo e no espaço, atrelado ao desenvolvimento de novas tecnologias e suas utilizações. A globalização é um fator que não apenas contribui no forjar da nossa identidade, como também está associado ao processo de transformação da nossa realidade, das comunidades, dos territórios e dos espaços que agregam um grande número de pessoas, como no caso das empresas. A globalização tem como consequência a criação do novo, de novas demandas e soluções a serem pensadas e elaboradas.

A globalização com sua aceleração e aumento da proximidade entre organizações e classes sociais, que somadas a tecnologia da informação e a rapidez com que as coisas acontecem, fizeram as organizações mudarem a maneira de olhar para seus profissionais. Com o surgimento do novo mercado, o modo de olhar o colaborador e o perfil requerido está em constante mudança. Esse novo olhar das empresas tem por objetivo apresentar as novas condições de exigências no mercado de trabalho e entender qual o perfil que as organizações vêm buscando para seus profissionais (FERREIRA, p. 20 - 21, 2018).

Nesse sentido, percebe-se uma nova organização das empresas no que diz respeito à contratação, bem como a valorização de seus profissionais. O olhar sobre o colaborador passa a ter um caráter diferenciado a partir do momento em que se busca profissionais mais qualificados e habilidosos.

De acordo com o consultor em gestão de talentos, o autor Mauro Press (2010):

[...] existem centenas de tipos de talentos já classificados e, ao que parece, todo mundo tem, apesar da maioria o desperdiçar. São capacidades inatas para manifestar paixão e facilidade no desempenho de determinadas atividades, atitudes e comportamentos. Os talentos são ativados por certos ambientes, temas e circunstâncias favoráveis. Quando se desenvolvem através do conhecimento, técnica e experiência se convertem em talentos de alto desempenho, produzindo excelência, plenitude e inovação (PRESS, 2010, p. 8).

Esse talento está sendo buscado a todo o momento por grandes organizações, no entanto o preconceito de alguns líderes, destoa em meio à era em que os consumidores buscam novas experiências de consumo e exigem das empresas um direcionamento mais humano. Os candidatos potenciais procuram constantemente se adaptar ao mercado, que, por sua vez, busca mais inovações e criatividade. Essa procura se tornou um desafio. Segundo Peter Drucker 2003:

Só se pode fazer duas coisas para atrair e reter talentos na sua empresa. Primeiro monte um tipo de organização para a qual as pessoas queiram trabalhar. A segunda é que toda a organização deve desenvolver talentos, entendendo que eles não são empregados e sim pessoas (DRUCKER, 2003, p. 22).

A valorização do profissional dentro das empresas passa a ser um diferencial, ao mesmo tempo em que o olhar sobre a pessoa como um mero operário perde cena para o reconhecimento do profissional talentoso.

Além da busca por novos talentos, há também o movimento de ofertar a formação desses profissionais de maneira mais incisiva e concreta e contribuir para tal formação, para, assim, estabelecer uma melhor dinâmica e produtividade entre os trabalhadores das empresas.

No mundo competitivo em que se encontram as empresas atualmente, o foco na gestão de talentos está cada vez mais elevado e valorizado. Porém não existe uma fórmula matemática para atração e retenção de talentos. Para que isso seja possível as organizações têm procurado cada vez mais manter o clima organizacional agradável, estimulando a motivação de seus colaboradores. O fato de atrair talentos não se resume apenas a buscar pessoas fora da organização, mas também descobrir e desenvolver talentos dentro da sua própria organização, e mais, desenvolver e não somente treinar e dar conhecimentos técnicos para o desempenho da função, mas dar formação básica para que aprendam novos conceitos, atitudes e

ideias, que modifiquem seus hábitos e comportamentos e se tornem mais eficazes naquilo que fazem (FERREIRA, p. 26, 2018).

Diante desse cenário, o recrutamento ganha espaço primordial nesse aspecto destacado. Para tanto, os Recursos Humanos das empresas devem estar atentos não apenas às modificações do perfil do contratado, mas também às mudanças do mercado de trabalho, o qual vem sofrendo modificações estruturais e estruturantes, de maneira acelerada, de difícil previsibilidade das ações seguintes operacionalizadas pelo mercado.

Este é o papel do recrutamento, divulgar no mercado as oportunidades que a organização pretende oferecer para as pessoas que possuam determinadas características desejadas. O mercado de trabalho é dinâmico e sofre contínuas mudanças. As características estruturais e conjunturais do mercado de trabalho influenciam as práticas de recursos humanos das empresas (CHIAVENATO, 2004, p. 102).

Pode-se perceber que a contratação de pessoal tem relação direta com as necessidades sempre mutáveis do mercado. As empresas oferecem vagas de acordo com as novas necessidades para atender à demanda do mercado.

Assim, para que haja pessoas com talento interessadas em compartilhar seus saberes e trabalhar de maneira comprometida, é necessário plantar um ambiente de bem-estar, para que, dessa maneira, haja a possibilidade de colher os frutos oriundos desse ambiente, o qual será moldado e pensado para um contentamento basilar dos empregados. Nesse espaço de trabalho, é importante o diálogo transparente e honesto, criando pontos de concordância e divergências, elevando, assim, a produção e o trabalho a um nível superior. Não se trata de uma política de fácil implementação ou realização. Pelo contrário, exige-se comprometimento das pessoas que gerenciam a empresa, assim como esforço dos que nela trabalham. As empresas devem agir e se manter nesse caminho, pois, ao erguer esse tipo de construção, terão um diferencial de mercado. E não apenas externo, mas também interno. Esse fator é agregador no valor do trabalho produzido e é valor agregado à própria empresa. É válido destacar esse ponto, porque, afinal, é preciso manter os talentos na empresa. Não basta apenas recrutá-los. É nesse sentido que a proposição desse pilar de direção empresarial se fundamenta.

Portanto, os superiores dos talentos também devem ser integrados a essa política de assistência e desenvolvimento das habilidades, uma vez que fazem parte do mesmo ambiente de trabalho e têm um papel essencial na formação dos novos contratados.

Os líderes podem conceber e articular metas que colocam as pessoas acima das preocupações individuais; elevem-nas acima dos conflitos que são capazes de desintegrar a organização e as engajem na luta por objetivos que recompensam esses esforços, a todo o momento a harmonia entre os interesses da organização e seu capital humano a viabilidade de ações para melhoria dos processos internos só são possíveis devido a essa sintonia. Essa habilidade facilita a auto realização e a motivação dos funcionários e é capaz até de contribuir para a permanência deles nas suas respectivas empresas (LACOMBE, 2005, p. 16).

A oferta de treinamento técnico e específico realizada pelas instituições é desejável para efetivar a manutenção e a elevação produtiva dos talentos descobertos. É preciso atentar para que haja a oferta dos cursos e dos treinamentos condizentes com o perfil de cada sujeito, em consonância com as necessidades da empresa, considerando o setor do qual o talento faz parte; e quais são as áreas de expertise dos trabalhadores que já compõem esse setor. Assim, é possível concentrar esforços em promover e impulsionar não apenas o novo talento angariado, mas o seu entorno e sua equipe de trabalho, no intuito de agregar não apenas no produto final, e sim em todo o processo formativo e produtivo dos trabalhadores e da própria empresa. Pode-se até levantar a hipótese de que, se for utilizada essa metodologia, também serão encontrados talentos outros já nos antigos contratados.

As áreas de enfoque do treinamento têm se expandido nos últimos anos. O treinamento costumava concentrar-se no ensino de habilidades técnicas, como o treinamento de montadores na soldagem de fios e o treinamento de professores na preparação de aulas. Hoje em dia, treinamento também pode significar educação complementar, porque os programas de melhoria de qualidade partem do pressuposto de que os funcionários sabem produzir tabelas e gráficos e analisar dados. Os funcionários de hoje podem também necessitar de treinamento em formação de equipes, tomada de decisões e capacidade de comunicação (DESSLER, 2003).

Fundamenta-se esse ensejo na seguinte condição: ao se sentir valorizado e importante para o funcionamento da empresa, o funcionário é capaz de vislumbrar um horizonte de expectativa. Ou seja, ele é capaz de

elaborar seu futuro na empresa, na perspectiva de um projeto de carreira nesse ambiente, com crescimento pessoal e profissional. Com isso, o indivíduo cria raízes e estima pela empresa, sendo investido não somente dinheiro nele, com a política educacional técnica da empresa, como também sendo investido credibilidade e crença no seu potencial intelectual e profissional. Esse conjunto de práticas que, ofertadas pelas instituições, despertará no trabalhador o sentimento de valorização, de necessário àquele lugar, assim,

[...] a partir do momento que a organização apresenta perspectivas de desenvolvimento às pessoas, elas se sentem motivadas a prosseguir na própria organização gerando uma diminuição da rotatividade (turnover) de pessoas (ARAUJO; GARCIA, 2009, p. 27).

No mundo competitivo em que se encontram as empresas atualmente, o foco na gestão de talentos está sendo cada vez mais elevado e valorizado. Souza (2001) comenta que as empresas só conseguirão ser competitivas se conseguirem atrair e reter esses profissionais talentosos. Uma empresa que realiza essa prática sempre se manterá atualizada, tendo, assim, mais oportunidades e novas ideias em tempos de dificuldade.

Os setores de recrutamento e seleção de pessoas das empresas se tornam, a cada ano, mais estratégicos, utilizam o treinamento e o desenvolvimento a seu favor, isto é, para capacitar, motivar e desenvolver talentos dentro da própria organização: “Estes contribuem para atrair pessoas de melhor nível e para retê-las na empresa, reduzindo a rotatividade e perda do investimento feito nos profissionais” (LACOMBE, 2005).

O talento deve ser definido como somatório de atributos, dentre eles o reconhecimento de opiniões e a eficácia no alcance de resultados. Os profissionais de talento são funcionários que por meio de opiniões e, principalmente, das ações desenvolvidas por eles, impulsionam a empresa no sentido da eficácia e do lucro. É aquela pessoa que se destaca nas diversas áreas de atividade humana, e se destaca por possuir um domínio de competências superiores às da maioria. A cada ano que passa novos indicadores são considerados e cada vez fica mais difícil achar este capital humano. Neste mundo de conhecimento e capital intelectual, talentos são pessoas inteligentes, capazes de realizar grandes feitos, ampliar a produtividade, desenvolver novos produtos e serviços, e com rapidez cada vez maior. Cabe a cada instituição buscá-lo onde ele estiver, seja na escola em casa ou até mesmo dentro da empresa. Para que haja uma boa competição a empresa vai precisar destes talentos onde quer que estejam (SOUZA, p. 6, 2013).

Portanto, com o mercado cada vez mais dinâmico, é necessário utilizar também outras práticas para reter os talentos já existentes na organização e aqueles que foram desenvolvidos internamente; é necessário criatividade na busca por esse talento. Além de sensibilidade daquele que efetiva a busca. Na atualidade, não basta apenas um olhar treinado de quem analisa qual a necessidade da empresa e do mercado que, naquele momento, precisa ser suprida. É preciso ousadia e inovação na observação da solução dos problemas e na criação de soluções inteligentes, capazes de oferecer outras possibilidades para a empresa. E esse movimento perpassa no processo de busca e integração desse novo talento.

Perpassaremos, então, para a explanação do talento do personagem Cicinho, sua conseqüente ascensão social e sua posição axiológica diante dos paradoxos que vivencia.

4 COM O QUE MAIS NOS TOCA O TALENTOSO OBOÉ

O artista negro, quando volve para si, a fim de criar, é em muitos aspectos um estranho. Existe algo que não bate com sua herança, para criar, se poderia afirmar que ele é um ser cindido. Mas eu direi a você que a ferramenta usada não é negra nem branca. O conteúdo, a intenção, sim porque necessariamente vem de dentro, e esse dentro é negro (CAMARGO, 2021, n.p.).

Conforme verificado anteriormente, Oswaldo de Camargo realiza, por meio da novela **Oboé** (2014), uma abordagem singular da história de vida de Cicinho, personagem que, em razão de seu talento para a música, muda sua condição pessoal e seu *status* social perante a comunidade em que vive. Ao longo dessa trajetória, o protagonista parece dar conta de que o preconceito torna sua ascensão um paradoxo e também um desafio diante de um cenário totalmente desfavorável.

Nesse sentido, a leitura permite refletir acerca da memória e da identidade que aparecem reiteradamente no decorrer da obra, as quais se entrelaçam em um movimento singular, como bem relata Camargo (2014, p. 31), “percebem-se, nas histórias narradas, como vestígios, semelhanças entre fragmentos da vivência e experiências do narrador com as do próprio escritor [...] a memória do texto tinge-se também de história. Texto, lugar do encontro”.

Ao resgatar as velhas lembranças de sua infância e juventude, Camargo possibilita trazer para o debate Eliot e o seu texto **Tradição e Talento individual** (1989), haja vista que um dos pontos principais da sua obra consiste no fato de que todo poeta deve escrever com a consciência de seu passado. Assim, na tentativa de aproximar os dois autores, percebe-se que, ao relatar a história de sucesso de Cicinho, Camargo o faz de forma crítica e consciente do seu passado e dos seus antepassados. Apesar disso, **Oboé** (2014) não se constitui uma obra autobiográfica.

As adversidades a que Cicinho fora submetido na fazenda Cristiana, onde nascera e vivia com a família de humildes catadores de café, são ultrapassadas por força de seu talento, de sua versatilidade, o que resulta, na maturidade do personagem, em uma consciência da própria identidade.

Veja: sou hoje um homem desbotado, mas tive minha cor. O oboé mostrou a minha cor, de preto que se alçou e, então, foi notado; eu

luzi, brilhei por cinquenta anos, na fazenda de Sinhazinha, em Pretéu, Vila Morena, em Mundéu, Tuim, aqui no triste dia do enterro do Antoninho que perdeu a vida pela mão do mestre por ter matado o pavão dele; depois, na capital (CAMARGO, 2014, p. 37).

Apesar do cenário hostil, imigrantes alemães são contratados para trabalhar na fazenda Cristiana. Estes, e dentre eles a família da pequena Liddy Anne, estabelecem uma nova ordem ao local, quebrando paradigmas. De acordo com Pereira (2017):

Fato é que, contextualizando a narrativa no ano de 1934, quando vinte e cinco imigrantes alemães chegam a uma fazenda cafeeira chamada Cristiana, no estado de São Paulo, Camargo (2014), por meio do narrador, revela as memórias de um narratário de oitenta e seis anos, oferecendo ao leitor a oportunidade de estar em contato com aspectos das diferenças sociais estabelecidas entre fazendeiros e trabalhadores rurais, ocasião em que o escritor de Bragança Paulista recria esferas distintas de convívio social, cujas fronteiras se mostram de difícil transposição (PEREIRA, 2017, p. 141).

Nesse contexto, cabe ressaltar que a convivência de Cicinho com os imigrantes alemães com os quais aprendeu a tocar o Oboé, somada ao gosto pela música herdado de seu pai, fez o personagem trilhar caminhos opostos aos da maioria dos outros meninos negros da sua idade, mas isso não o fazia diferente dos demais.

Não raras eram as demonstrações de opressão e de pouca tolerância com os negros. Ao menino Cicinho, eram impostas várias provações. A obra de Oswaldo de Camargo, nesse sentido, recria a realidade da época, e, por intermédio da escrita do autor, os leitores são conduzidos ao pensamento de que, de certo modo, os enfrentamentos impingidos aos afrodescendentes nela narrados persistem até os dias atuais. De acordo com Pereira (2017):

Oboé já não é mais um lançamento recente, pois tendo chegado ao mercado editorial em 2014, por intermédio da Editora COM ARTE de São Paulo, a obra alcança por ora, o seu triênio de existência. No entanto, devido à importância de seu autor e à representatividade da temática para o cenário sociocultural brasileiro, as linhas dessa novela carmaguiana não de merecer sempre um lugar de destaque (PEREIRA, 2017, p. 140, grifo do autor).

Mesmo sendo sempre tratados como diferentes, os negros tentam preservar seus valores e suas culturas, utilizando o seu talento e as suas habilidades para minimizar os efeitos da condição que as elites da sociedade

lhes tentam impor. Assim, Pereira e Gomes (2018) argumentam que “a ‘representação do negro’ não expressa o que os negros são, mas expõe uma concepção – forjada sob os influxos da discriminação – que se tenta impor como a realidade do que os negros são” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 202, grifo dos autores). Buscando justificar o preconceito, a sociedade nega a existência própria do preconceito, utilizando-se, contraditoriamente, de discursos estéticos carregados de demagogia, racismo e soberba.

Em uma sociedade marcadamente preconceituosa, a compensação que parece ser favorável para uma ou outra admissão do afrodescendente em seus quadros é repleta de simbologia, e, nesse tema, pode-se perceber a construção de heróis, que, embora negros, colocam-se como indivíduos sem cor ou desbotados, por seus feitos, talentos, dinheiro e outras formas de preenchimento de fórmulas de sucesso. Segundo Pereira e Gomes (2018, p. 230), “em outras palavras, tem-se o herói burguês que se transforma em paradigma ao término de sua trajetória vitoriosa”.

Nessa cadeia de palavras, cores e sons, está o nosso herói, ora Cicinho, ora Camargo, misturado nas tessituras da palavra dita, de forma potente comum aos grandes heróis. Camargo faz esse movimento de “se colocar de fora”, em um excedente de visão na lógica bakhtiniana, que lhe permite um olhar valorativo do personagem/autor.

Assim sendo, Bakhtin (2018) defende uma perspectiva mais racional da consciência autoral, conforme é possível constatar no trecho abaixo:

O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas inteiramente diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas – que com ele participam do acontecimento ético aberto e singular da existência - apreende-a em um contexto axiológico inteiramente distinto (BAKHTIN, 2003, p.13).

Vale mencionar Camargo (2014), ao expor na fala do personagem Cicinho, a consciência de que, se não fora o virtuosismo na execução do oboé, seriam outros os mares do destino a serem singrados por ele, menino pobre e negro: “E olhe, eu era só um menininho, de porte apequenado como a maioria dos molequinhos; todos à espera de crescimento, a fim de aspirar hálito que dessa força para singrar o mar do seu destino. No meu, o oboé me secundou, decidiu” (CAMARGO, 2014, p. 26).

Nesse sentido, é necessário retomar Pereira e Gomes (2018), os quais denunciam a presença de uma ética capitalista em nossa sociedade, que, reificando a figura da mulata ou a do homem negro como símbolo de virilidade,

[...] não se arrisca a reificar o homem vencedor, ainda que ele tenha uma identidade negra. A estética a ser elaborada para ele enfoca outros aspectos de sua identidade, como por exemplo a capacidade de superar obstáculos. Nesse caso, não se considera a questão étnica, dando-se ênfase à sua trajetória dos ambientes sociais pobres até o reconhecimento público por causa das façanhas esportivas (PEREIRA; GOMES, 2001, p. 232).

Somos, assim, mesmo que inconscientemente, levados a acreditar na máquina capitalista, que, cada vez mais globalizada, trata o ser humano de pele negra de forma humilhante, mesmo negando sua prática.

Tamanhos embates a que se submete o indivíduo afrodescendente revelam a constante necessidade de afirmação de sua identidade em uma realidade que, a todo momento, parece querer excluí-la ou transformá-la, como já verificamos, naquilo que ela não é. Em se tratando do tema identidade cultural, não se pode deixar de recorrer aos aportes teóricos de Stuart Hall (2001), o qual distingue três concepções muito diferentes de identidade, quais sejam as concepções de: i) sujeito do Iluminismo, ii) sujeito sociológico e iii) sujeito pós-moderno” (HALL, 2001, p. 10).

O sujeito do Iluminismo, de acordo com Hall (2001), é aquele indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão. Já o sujeito sociológico é aquele que é presente no mundo moderno e que não é independente, uma vez que se forma pela relação que estabelece com os outros. Por fim, o sujeito pós-moderno é caracterizado por não possuir uma identidade fixa. Destaca-se que, para auxiliar as reflexões sobre a obra de Oswaldo de Camargo que constitui o *corpus* literário do presente texto dissertativo, vale eleger a concepção do sujeito sociológico como instrumento de leitura e crítica da inserção do afrodescendente Cicino, na relação de sua subjetividade com a alteridade que o circunda, no âmbito social em que se encontra.

Considerando um quadro social que mais se aproxima da realidade, verifica-se que as argumentações que a sociedade moderna transmite buscam demonstrar um misto entre as diferentes culturas e suas tradições, produzindo

uma forma criativa de contestar as identidades do passado. Nas palavras de Hall (2001):

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" – e isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados (HALL, 2001, p. 17, grifos do autor).

É imprescindível registrar a diferença entre o sujeito negro e o sujeito branco, que mostra o caráter implícito e o automatismo do preconceito não são sinônimos de irreversibilidade, tampouco escusam o comportamento das sociedades na modernidade, mas auxiliam na compreensão da dificuldade de enfrentamento do racismo e no entendimento de porque o negro também assimila a rejeição à categoria que integra. É nesse quadrante que se circunscreve a amputação ou a limitação do “eu possível”, restrição às esferas de projeção do “eu negro” em posições de destaque e poder. Essa ausência de movimento é explicada pela inexistência de representatividade, ainda quando a capacidade do sujeito é manifesta e não há mensagem expressa proibitiva do acesso e da inclusão.

A fala camarguiana traz à tona o espaço crítico e de desconstrução de símbolos que, por vezes, foram impostos à sociedade negra, e, considerados positivos, mesmo sendo elementos de negação da própria identidade negra. Logo, através desse movimento de configuração transcende um sentimento de negritude, uma ideia de pertencimento que ganha força no discurso literário, poético e da própria Cultura Negra. A expressividade de Camargo retoma o espaço histórico oficial como modelo de silenciamento das classes tidas como menores, e o espaço da cultura negra, que fora sufocada secularmente, ganha espaço vital na poesia do autor, fortalecendo os discursos de identidade, cultura e reparação do negro. As apresentações poéticas de Camargo sugerem uma reflexão ao texto, “o indivíduo, ao dirigir a sua vida para uma determinada direção formula a sua identidade. A história em andamento do indivíduo é, portanto, a formulação da identidade, que dá sentido ao que está sendo. [...] ao se lançar para o futuro, o indivíduo busca realizar o sentido da sua própria existência como identidade” (SIQUEIRA, 2013, p. 43.).

Sendo assim, a literatura negra de Oswaldo de Camargo tem se apresentado como espaço em que se pode trazer a público um universo de personagens afrodescendentes cheias de singularidades e peculiaridades “[...]”

e segue nessa via de versos, laureando os miseráveis, rotos; o doutor sabe [...]” (CAMARGO, 2014, p. 57). Os lamentos, as angústias, tormentos e flagelações existenciais abundam o tom do lirismo camarguiano. Homens e mulheres vivem e transitam por espaços literários possíveis de representações similares ao plano real. Conforme acrescenta Camargo (2014),

– Sim, com essa gente convivi: Veríssimo, já bem idoso, memória carunchada, e o Noé, de quem fui, ainda moleque, aluno de Teoria, admirador e Amigo.

Tocando oboé, especialmente quando já na capital, porção grande de eu soprava e a seguir doía no sentimento dos que me ouviam, pretos ou brancos, era escorada pela lembrança de Noé e de Veríssimo. Sou isso que está vendo, muito devido a eles (CAMARGO, 2014, p. 56).

A partir dessa reflexão, o sentimento de negritude se constitui em uma rede de forças e sonhos voltados para a promoção do negro brasileiro à luz da libertação cultural e da promoção de valores históricos e étnicos cujas marcas estejam nas raízes da cultura negra em diáspora.

A reconstrução da memória africana, a recontextualização dos antepassados e dos ancestrais negros, a afirmação dos elementos identitários como forma de desalienação e, conseqüentemente a reeducação do ser negro e do branco são alguns dos elementos defendidos. Como assevera o autor,

Talvez me expresse melhor assim:

Imagine navio sem norte em mar proceloso, imagine. Exemplo, por velhíssimo e conhecido, a Nau Catarineta, hospedada no folclore luso, no daqui. Sei da Nau por interesse muito particular, respeitante a entendimento de naufrágios, soçobros... Esquisito, não? Mas, realidade, a Catarineta continua a vogar na lembrança graças a registro de naufrágio de certa saída do Brasil, século XVI. Brumas, doutor, mas ouvi de Veríssimo. Então agora, ajeitando o eixo do que conto – muito descentrado –, digo, com prazer, que alguns versos dessa passagem guardei de memória, que na mocidade foi muito firme. (CAMARGO, 2014, p. 97-98).

Os escritores afrodescendentes têm, na linguagem literária, um espaço de expressão de desejos, capazes de revelar um universo não só ligado ao campo de construção de identidades negras, como também estruturador de uma cultura negligenciada e obliterada. A linguagem não pode ser dissociada do poderio ideológico, e isso a faz nada inocente. Portanto, o escritor negro se empenha na expressão de um universo cultural do qual ele faz parte, vale-se,

principalmente, de uma memória linguística carregada de significados ligados ao espaço cultural negro. O escritor afrobrasileiro exprime o desejo de inscrever no corpo do texto uma axiologia representativa de vocabulários de matrizes africanas, possíveis de revelação de experiências culturais negras.

Na novela **Oboé**, há toda uma inspiração, voltada para a invenção e para a reinvenção das relações travadas pelo ser social e comunitário na luta diária pela sobrevivência e pela acessão econômica. O escritor negro tem em suas próprias experiências um acervo singular na fermentação do texto literário. Suas experiências de fragmentação identitárias, a desterritorialização, a perda do corpo como matéria humana e, conseqüentemente, a vitimização pelos sistemas de escravização e exploração na diáspora fazem com que o negro tenha na autoria, no eu-que-escreve, uma instância vinculada ao processo de reconfiguração não só do sujeito negro, como pessoa física, mas também espiritual e cultural.

Ao assumir a condição de negro na obra literária, o escritor expressa o desejo de construir um terreno capaz de transmitir as dores, os sofrimentos, as lutas pela reumanização e a reconquista de si como instância humana. A partir dessa ótica, a autoria, mesmo não fazendo parte intrínseca do texto literário, vincula-se ao sentido do texto como elemento constitutivo da semântica discursiva e, principalmente, das estratégias e do desejo do autor negro em fazer do tecido textual um espaço de atuação político-cultural. Nesse sentido,

Então, saindo da barroca, da companhia do Ninico, Zizi e Zé Pávio, ia, sem tino, até a escada do casarão. Queria que sinhazinha me visse, disse:

– E você, molequinho, que faz aqui, quietinho, sentado nessa escada?

Só isso.

Mas ela nunca me viu, nem do nome de meu pai tomou nota, nem perguntou da cantoria dele, nem desejou saber como era a face dele.

– Instinto de ascensão social? Mesmo, doutor? (CAMARGO, 2014, p. 77).

Assim, a literatura de autoria afro-brasileira se diferencia do ponto de vista estético e da abordagem da literatura negrista e da etnocêntrica, considerada canônica e de influência europeia.

Nesse sentido, a literatura afrodescendente veicula o desejo de construir um *corpus* capaz de revelar as capacidades dos escritores negros e suas

dimensões políticas e criativas. Portanto, a escrita negra extrapola o campo literário para alcançar outros espaços de atuação, no caso o artístico e o cultural.

Não é minha vida, doutor; não possuo brio para extensão de escrita. Sou apenas um homem que aprendeu, em pequeno, a tocar oboé. E oboé abriu via para outros conhecimentos: Literatura e história dos povos, pela aproximação de Veríssimo, que visitei bastante antes de seu desaparecimento; música e religião com Noé. Depois, na capital, enfrentei alegrias e tormentas no meio de pretos juntados em associações de cultura, de baile, até uma certa imprensa que eles mantinham para dar rumo de respeito ao povo da nossa raça. Hoje, sou resto (CAMARGO, 2014, p. 121).

Esses elementos temáticos presentes na literatura afro-brasileira são reveladores de uma escrita empenhada, sobretudo, na construção de um universo narrativo capaz de expressar as demandas de um segmento social ligado, principalmente, à recuperação da imagem do negro. Nesse sentido, a literatura negra constitui um espaço de atuação de vozes que reivindicam o direito à experiência dos desfavorecidos social e culturalmente.

Nesse contexto, a escrita afro-brasileira transmite o desejo de homens e mulheres negros em fazer parte não só dos aspectos econômicos, mas sociais, políticos e, sobretudo, estético-culturais. Em vista disso, o próprio fortalecimento e a afirmação da literatura negra passam pelo reconhecimento de singularidades, especificidades e peculiaridades reveladoras de dimensões próprias e ligadas a eventos concernentes ao universo cultural dos negros no Brasil e suas contribuições na formação da identidade nacional.

Nesse mesmo caminho, encontra-se a autora Conceição Evaristo, por exemplo, cuja obra dialoga com a camarguiana no sentido de resgate e reafirmação da construção de uma literatura afro-brasileira.

Conceição Evaristo vem, já há algum tempo, afirmando não só a presença de uma literatura negra, como também, um corpus voltado para a valorização de grupos silenciados e desprestigiados pela história e pela literatura oficial (EVARISTO, 2009): “Esse corpus se constituiria como uma escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2009, p. 17). A escritora aponta elementos peculiares a essa escrita que distinguiriam a literatura de autoria negra da obra de autores

não negros. Convém ressaltar uma vinculação explícita ao sentimento de etnicidade, que seria, para a romancista, reveladora de dimensões culturais de matrizes africanas.

Considero como elementos constitutivos de um discurso literário afrobrasileiro: a afirmação de um pertencimento étnico; a busca e a valorização de uma ancestralidade africana, que pode ser revelada na própria linguagem do texto, na estética do texto; a intenção de construir um contradiscurso literário a uma literatura que estereotipa o negro; a cobrança da reescrita da História brasileira no que tange à saga dos africanos e seus descendentes no Brasil; a enfática denúncia contra o racismo e as injustiças sociais que pesam sobre o negro na sociedade brasileira (EVARISTO, 2011 apud DUARTE; FONSECA, 2011, p. 114).

Conceição Evaristo (2011 apud DUARTE; FONSECA, 2011) salienta que um elemento vital da literatura afro-brasileira é a presença de “uma autoria” que, no entendimento da escritora mineira, soa como lugar de resistência e de desejo de expressar, a partir dos lugares do negro, o próprio ponto de vista.

Um dos compromissos da literatura negra é trazer para o campo da literatura não só as angústias internas, psicológicas dos negros, mas, também, forjar uma legenda capaz de expressar os dramas, as experiências vivenciadas histórica e cotidianamente, principalmente aquelas causadas pela cor da pele. Nesse contexto, a definição de Oswaldo de Camargo privilegia não só o lidar com a história específica do sujeito étnico-social, como também a auto vivência, a autorreflexão, o lembrar da primeira pessoa, do eu-autoral. A experiência da despersonalização e a consequente perda da posse humana e a transformação em escravizado abrem a possibilidade de expressão de uma experiência singular, porém dolorosa e traumática. O olhar de escritor volta-se para dentro da realidade negra, na reverberação de experiências próprias, que só o negro conhece e pode transfigurar.

Conceição Evaristo afirma que.

Tendo sido o corpo negro, durante século, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço negro individual e social pelo sistema escravocrata do passado e, hoje ainda por políticas segregacionistas existentes em todos, se não em quase todos, os países em que a diáspora africana se acha presente, coube aos descendentes de africanos, espalhados pelo mundo, inventar formas de resistência (EVARISTO apud PEREIRA, 2010, p. 134).

A busca por uma África Mãe explicita uma espécie de movimento de volta ao lugar primeiro, ao território de nascimento. Isso ocorre pelo sentimento de desterritorialização vivenciado pelo negro quando deslocado pelas forças colonizadoras. Ao mesmo tempo em que acontece esse movimento regressivo, surge também a possibilidade da reconstrução das identidades negras no presente, só que em outro lugar, em outro território, o da escravização e do sofrimento.

Nesse sentido, autores como Abdias Nascimento, idealizador do Teatro Experimental do Negro, Solano Trindade, criador do Teatro Popular Brasileiro, Oswaldo de Camargo, um dos fundadores da Associação Cultural do Negro, entre outros, foram, a seus tempos e em lugares, as vozes que gritavam em defesa dos direitos dos negros.

Merece destaque a figura de Oswaldo de Camargo, escritor herdeiro de buscas culturais de negros, sobretudo, aquelas reveladas através da escrita literária. Pode-se ver, nesse autor, um sujeito consciente dos seus deveres como escritor, crítico literário, jornalista, ativista negro e músico. Oswaldo de Camargo tem sido visto pela crítica como uma figura que liga os jovens poetas negros do presente aos grandes nomes dos movimentos e ativismo negros do passado, ou seja, o poeta é um curador, porta-voz, guardador de um saber, e tem procurado repassar esse saber através de seus trânsitos, passagens, caminhadas e travessias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cicinho, protagonista da novela **Oboé**, revela-se um menino talentoso e que, por seu talento musical, esforço e acesso à educação, consegue lugar de destaque na sociedade branca. No entanto, inconformado com a desigualdade social, com o preconceito e com a sociedade racista, ele reflete sobre o processo que se pode configurar como sendo de embranquecimento social, apontando sua indignação quanto à forma como outros negros são tratados.

Na novela, é perceptível que nem mesmo outros personagens afrodescendentes talentosos conseguiram uma ascensão social, como é o caso do pai do protagonista, talentoso cantor e compositor que só conseguia um reconhecimento na cidade de Pretéu, vilarejo onde os negros viviam.

O instrumento oboé é francês. A novela é, pois, uma metáfora que mostra o sucesso proveniente do mérito mais a oportunidade que Cicinho teve e o faz ascender socialmente, lugar de acesso das classes sociais dominantes e brancas. Essa oportunidade é oferecida pelo branco, que já está nessa posição social dominante, representada pelo instrumento musical francês. Já seu pai, mesmo com “mérito”, não teve as mesmas oportunidades.

Os caminhos percorridos pelo autor buscaram a compreensão da literatura afro-brasileira, revelando, sobretudo, traços temáticos como negritude, identidades, engajamentos político e social. As obras de Oswaldo de Camargo mostram um autor comprometido em tematizar as práticas do racismo, da discriminação e do preconceito protagonizados pelo status, na intenção de condenar tais situações.

Ao longo da pesquisa, foi possível notar o quanto a literatura negra tem desenvolvido estratégias no sentido de mostrar as situações que, antes dela, não seriam compreensíveis. O negro, na literatura afrodescendente, reveste-se de uma voz própria e que se faz ouvir a partir do individual, do singular e, ao mesmo tempo, como expressão do sujeito coletivo, do plural.

O negro idealiza e forja um espaço para si, como revelação de suas dores, angústias, de sentimentos de alegrias de que só ele, por senti-los, pode representá-los e expressá-los. Na literatura negra, um sujeito étnico toma para si a vida que lhe fora usurpada, revela o que pensa da invasão de seu território no continente africano, sua experiência como escravizado e, posterior a isso, como tem sido a vida em um mundo adverso, que o discrimina e o marginaliza.

Na literatura de autoria afro-brasileira, o negro examina as práticas da escravização, reprovando essas práticas e denunciando as consequências deixadas pelas marcas no corpo negro, assim como aponta para a persistência do passado no presente.

O negro revela também o que passa dentro de sua alma, de seu coração, como se sente diante de um mundo que ajudou a construir, mas não é reconhecido como parte dele, nem desfruta de suas riquezas. A literatura negra surgiu como forma de expressão do desejo do negro em revelar para o mundo o quanto ele é dotado das capacidades humanas, como o branco.

De posse da arte literária, o negro abre uma porta para que se possa entrar e habitar um universo cultural e humano repleto de singularidades e pluralidades. Na literatura de autores negros, que reclamam para si a missão de revelarem-se negros, fica visível como essa arte expressa a luta de fazer do espaço estético um terreno repleto de memórias, lembranças, imaginação, pelas questões sociais e políticas, envolvendo as léguas tiranas percorridas pelo negro.

Como forma de expressão artística, reveladora de questões sociais, políticas e ideológicas, a arte literária negra tem procurado se fazer conhecer a partir de autores, obras, temas, linguagens, pontos de vista e, mais recentemente, de leitores interessados em compartilhar essa conquista.

Como consequência de sua revelação, organização e ampliação, surgiu a necessidade de chamar para si a responsabilidade de sua própria definição e nomeação, como forma de demarcação de espaço não somente específico, mas também possuidor de características estéticas e sociais ligadas ao universo negro, buscando, com isso, representar mais um segmento da sociedade brasileira.

Ao percorrer os caminhos já construídos e sonhados pela literatura negra, percebe-se como tem sido difícil romper o bloqueio em torno da aceitação de uma literatura fruto dos anseios e das experiências de homens e mulheres negros. Ademais, tem sido mais difícil ainda escalar a montanha de discursos contrários ao reconhecimento do negro como sujeito dotado das habilidades para a escrita e para outras artes. Foram esses os caminhos desbravados e trilhados nos corpos desta pesquisa.

Ao pesquisar a literatura afro-brasileira, não se pode negligenciar, também, como os movimentos artísticos, sociais e culturais criam e desenvolvem estratégias

no intuito de incluir o negro dentro de um quadro que lhe fosse favorável social e politicamente.

O negro que desembarcou no Brasil como escravizado sofreu os males da escravização neste país, disso não se pode dissociá-lo. Essa condição geográfica faz do negro brasileiro um homem possuidor de realidades e experiências distintas de outros africanos que desembarcaram em outras partes das Américas.

No entanto, tal fato não permite classificá-lo como pior ou melhor do que outros africanos escravizados em outras terras. Entretanto, isso viabiliza demarcar pontos que levam ao reconhecimento de uma Negritude Brasileira e, por isso, singular.

É de suma relevância essa pesquisa ao mostrar o quão os autores da literatura afro-brasileira são vitais para os movimentos de conscientização e na promoção do negro brasileiro em um momento em que o Brasil passava por profundas transformações políticas, estruturais e sociais.

No entanto, esse quadro governamental não via, e ainda não vê, o negro como sujeito para o qual se poderiam canalizar projetos que trouxessem algum tipo de mudança social mais consistente. Ou seja, o negro não entrava nos projetos políticos, sociais e educacionais do governo brasileiro.

Na contramão, Camargo lutou e ainda luta, através de sua obra, para a reafirmação do negro enquanto sujeito de direitos e protagonista da história do Brasil. A vida de Oswaldo de Camargo não pode ser dissociada da história do negro no Brasil, principalmente, pelo que sonhou, viveu, passou, construiu, publicou, lutou e ainda pública. Ele foi um dos fundadores do Movimento Negro Unificado, contribuindo para a consolidação da Imprensa Negra Brasileira, e foi um dos idealizadores e coordenadores da Associação Cultural do Negro. Seu projeto literário tem se revestido de um universo poético revelador de lugares, cenários, enredos, passagens percorridas pelas personagens negras que não deixam nada a desejar na comparação com a realidade vivida pelos negros no mundo real. Sua poesia se reveste de múltiplas faces.

Em algumas dessas faces, pode-se perceber a presença de negros possuidores de uma negritude carregada de crises. Sujeitos em aflição, deslocados, desestruturados, sobretudo, por ter consciência de fazer parte de uma cultura estranha, fendida, obliterada. Todas essas personagens percorrem os versos da poesia de Oswaldo de Camargo, assim como sua prosa. Ao mesmo tempo,

apresentam-se sujeitos negros possuidores de desejos, sonhos e anseios, porém há ainda situação que submetem o negro a condições de constrangimento.

As práticas do racismo, da discriminação e do preconceito são expostas, na obra de Oswaldo de Camargo, como resistência contra as sequelas ainda não saradas pela escravização. No livro **Oboé** (2014), que serviu como corpus para esta pesquisa, notam-se alguns poemas, e pode-se analisá-los procurando entender como o poeta paulista instituiu uma negritude, forjou identidades e uma possível consciência estética nessa obra, em que o talento ajuda o personagem a ter acesso à Casa Grande.

No entanto, muitos negros talentosos não conseguem lugar de destaque na sociedade e no trabalho. Apesar de existirem algumas empresas que valorizam os profissionais, sem distinção de etnia, gênero, credo, entre outros aspectos, muitas empresas ainda não valorizam o profissional afrodescendente. É notória a disparidade entre a quantidade de profissionais bem-sucedidos brancos e negros.

Ainda dominada, em razão do ranço da colonização, a sociedade capitalista valoriza os trabalhadores brancos em detrimento dos negros, gerando alta taxa de desigualdade socioeconômica no país. A desigualdade racial é secular no país. As ações afirmativas vieram como políticas assistencialistas de Estado. Depois de muita luta social do movimento negro brasileiro, essa conquista foi alcançada, compondo-se como medidas paliativas para fomentar a discussão sobre qual o papel relegado às pessoas negras na sociedade brasileira. Tais políticas contribuem momentaneamente para uma ascensão social tímida, por meio da educação formal, de uma parcela ainda pequena desse grupo. Contudo, apenas essa política não é suficiente para erradicar os problemas causados pela escravização e pelo racismo.

Em relação às corporações, muitas adotam a nomeada Política de Diversidade como valor e diretriz empresariais. Esse princípio é voltado para seleção, contratação e inclusão de pessoas negras, indígenas, pessoas com deficiência, mulheres e LGBTQIA+ em seu quadro corporativo. Trata-se de um esforço para a promoção da pluralidade étnico-racial, de gênero e sexual dos trabalhadores que constroem a empresa. A Política de Diversidade é adotada com o intuito de expandir o chamado Capital Humano da instituição, conceituado da seguinte forma: o conjunto de indivíduos capacitados educacionalmente e profissionalmente, que trabalham em equipe visando a entregar os melhores e mais produtivos resultados, focando em obter a excelência do empreendimento. Por fim,

engloba habilidade, competência, técnica, conhecimento, inovação, proatividade, bagagem cultural, tempo de experiência no mercado de trabalho, criatividade para a resolução de conflitos e problemas, desenvolvimento pessoal e boa relação interpessoal.

A questão da importância do talento foi, ao longo deste trabalho dissertativo, suscitada pela narrativa contida na novela **Oboé** (2014), de Oswaldo de Camargo, pois, entrelaçada às reflexões em torno da afrodescendência, a existência do talento musical do personagem Cicinho levou a importantes questionamentos acerca da exclusão e da inserção do afro-brasileiro no contexto da sociedade, dentre os seus diversos setores, nas próprias organizações empresariais.

Quando uma empresa deixa de lado candidatos com competências e habilidades por qualquer critério, essas pessoas perdem a chance de se incluir no mercado de trabalho, mas a organização perde mais ainda. Além de desperdiçar talentos, essas organizações não inclusivas têm perdas econômicas e sociais, sem saber abrem mão de uma enorme vantagem competitiva.

Cabe aos responsáveis por esse processo um papel de liderança através do exemplo, uma vez que “também devem ter noção de que inclusão não é só uma questão de responsabilidade social, mas é algo que vai gerar resultados e melhorar a produtividade e, por isso, deveria estar na estratégia da instituição” (VICENTE apud ARAÚJO; LISBOA, 2020, n.p.).

A pesquisa aqui realizada possibilita conhecer uma série de ações voltadas para a promoção do negro a partir da valorização da arte, da cultura e da educação como formas de desmarginalização e reinserção cultural do negro.

A obra camarguiana ditou os passos, os caminhos, e, assim, chego ao final desta pesquisa consciente de ter realizado não só um projeto, mas uma travessia dentro do sujeito humano, assim como no sujeito pesquisador. Não posso deixar de revelar as transformações por que passei nesse pequeno espaço de tempo, mas longo percurso no aprendizado e no amadurecimento. É com esse sentimento, não sei se de dever cumprido, mas consciente de que houve transformações no pensar, agir e sonhar, que se instaura este estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018a.

_____. O racismo estrutural está evidente em comerciais como o da Perdigão. **El País O Jornal Global**. Entrevista concedida ao jornalista Breiller Pires. [S. l. : [s.d.]. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543354521_912615.html. Acesso em: 15 maio 2021.

ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Edusc, 1998.

ARAÚJO, A. L.; LISBOA; A. P. **Empresas ainda desperdiçam talentos negros por causa do racismo**. Brasília, DF: Correio Braziliense, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2020/11/4887475-empresas-ainda-desperdicam-talentos-negros-por-causa-do-racismo.html>. Acesso em: 17 nov. 2021.

ARAUJO, L. C. G.; GARCIA, A. A. **Gestão de pessoas: estratégias e integração organizacional**. 2. ed. Atlas: São Paulo, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. The Problem of Content, Material, and Form in Verbal Art (1924). *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Art and Answerability** Ed. by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Trans. and Notes by Vadim Liapunov. Austin: Texas University Press, 1995, p. 257-325.

BARBIERI, U. F. **Gestão de pessoas nas organizações: o talento humano na sociedade da informação**. São Paulo: Atlas, 2014.

BORGES, P. “O sucesso embranquece”, afirma Oswaldo de Camargo em debate sobre Mário de Andrade. **Portal Alma Preta Jornalismo Preto Livre**, São Paulo. Publicado em 02 abr. 2020. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/o-sucesso-embranquece-afirma-oswaldo-de-camargo-em-debate-sobre-mario-de-andrade>. Acesso em: 04 abr. 2020.

CALMON, M. S. O genocídio do povo negro no Brasil: de Abdias do Nascimento ao mapa da violência. **Caderno Sisterhood**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 145-156, 2012. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/negras/article/view/2012>. Acesso em: 02 abr. 2020.

CAMARGO, O. S. **Trindade, poeta do povo: aproximações, com-arte-editora laboratório do curso de editoração**: Ed. USP, 2009.

_____. Literafro entrevista. **Portal Literafro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2021. Entrevista [Depoimento concedido a] Eduardo de Assis Duarte e Thiara Vasconcelos

de Filippo. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/360-oswaldo-de-camargo>. Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. Literafro entrevista. **Portal Literafro**. Belo Horizonte: TV UFMG, 26 nov. 2018. Entrevista concedida a Soraya Fideles. [Mediação] Maria Nazareth Soares Fonseca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mzc2uDBf1MI>. Acesso em: 07 jun. 2020.

_____. **Oboé**. 21. ed. São Paulo: Com-Arte, 2014.

CAMPOS, G. M. A importância da cursa norma. *In*: CAMPOS, Geraldo Maia. **Estatística prática para docentes e pós-graduandos**. São Paulo: Ed. USP, 2000. Disponível em: http://www.forp.usp.br/restauradora/gmc/gmc_livro/gmc_livro_cap08.html. Acesso em: 03 nov. 2020.

CARRANÇA, F. Oswaldo de Camargo: elo entre gerações. São Paulo: **Ciclo Contínuo Editorial**. 19 nov. 2017. Disponível em: <http://ciclocontinuoeditorial.com/oswaldo-de-camargo-breve-perfil-biografico-flavio-carranca/>. Acesso em: 10 maio 2020.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. Volume II. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHAGAS, C. C. **Negro, uma identidade em construção**: dificuldades e possibilidades. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas**: o novo papel de recursos humanos nas organizações, 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. **Planejamento, recrutamento e seleção de pessoal**: como agregar talentos à empresa. 8. ed. Barueri: Manole, 2015.

_____. **Recursos humanos**: o capital humano das organizações. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Construção de talentos**: coaching & mentoring. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2002.

CORREIA, L. A. **Riscos do capital humano**: talentos, processos e crenças. Rio de Janeiro: Brasport, 2012.

COSTA, E. **Enquanto o talento não vem**. [S. l.], 2010. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/enquanto-o-talento-nao-vem/48169/>. Acesso em: 14 set. 2020.

CUNHA, B. F. **Memória e identidade na literatura afro-brasileira**: um estudo sobre oboé, de Oswaldo de Camargo. Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52800/R%20-%20D%20>

%20BRUNA%20FERNANDES%20CUNHA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 07 jun. 2020.

DESSLER, G. **Administração de recursos humanos**. 2. ed. Prentice Hall, São Paulo, 2003.

DRUCKER, P. F. **Uma conversa com Peter Drucker**. Revista Exame, 2003.

DUARTE, E. A.; FONSECA, M. N. S. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. v. 4. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. *In*: ELIOT, T.S. **Ensaio**. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte: **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FERREIRA, N. A. R. **A retenção de talentos no RH**: um estudo aplicado na empresa X. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Administração e Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11829/1/NARFerreira.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

FLORES-PEREIRA, M. T.; ECCEL, C. S. Diversidade nas organizações: uma introdução ao tema. *In*: BITENCOURT, C. (org). **Gestão contemporânea de pessoas**: novas práticas, conceitos tradicionais. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 21. ed. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio, 1981.

GASTIN, V. O negro e o esporte: talento é a principal arma contra o preconceito. *In*: **A VOZ da serra**. Friburgo, RJ, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/o-negro-e-o-esporte-talento-e-principal-arma-contr-o-preconceito>. Acesso em: 6 dez, 2021. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009. 111 p.

HALL, S. **A cultura na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ITAÚ C. **Oswaldo de Camargo – Diálogos Ausentes (2017)**. São Paulo, maio. 2017. YouTube: Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nqR5ndrBVNo>. Acesso em: 11 out. 2021.

JUSTI, K. R. K. **O Oboé e a representação da confiança nas árias das cantatas sacras de J. S. Bach.** Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2007.

LACOMBE, F. **Recursos humanos: princípios e tendências,** São Paulo: Saraiva, 2005.

MARTINS, L. M. Quando a memória se tinge de música. *In: Literafro.* Belo Horizonte. 27 mar. 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/91-oswaldo-de-camargo-oboe>. Acesso em: 11 out. 2021.

MATOS, J.; PORTELA, V. **Talento para a vida: o que fazer para descobrir e potencializar seus talentos e ter uma vida produtiva e prazerosa.** Rio de Janeiro: Human Learning, 2001.

MELO, A. C. **Saudosismo e crítica social em Casa grande e senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia.** v. 23 n. 67. São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300031. Acesso em: 05 ago. 2020.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: Inclusão social: um debate necessário?.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, [20-?] Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 05 dez. 2021.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASSIF-PIRES, L.; CARDOSO, L.; OLIVEIRA, A. L. M. Gênero e raça em evidência durante a pandemia no Brasil: o impacto do Auxílio Emergencial na pobreza e extrema pobreza. Nota de Política Econômica nº 010. **Made centro de pesquisa em macroeconomia das desigualdades.** São Paulo: Ed. USP. 22 abr. 2021.

NUNES, A. L. P. F. As pessoas como talentos na organização. *In: Revista Transversal.* São Paulo: Ed. Uniesp, n. 8, 2017.

OLIVEIRA, J. S. Gestão da diversidade: o desafio dos negros nas organizações brasileiras. *In: ENCONTRO DA ANPAD,* 31. 2007, Rio de Janeiro **[Trabalhos...]**. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR-A1917.pdf>. Acesso em: 11 set. 2019.

OLIVEIRA, L. H. S. Das Máscaras Africanas Ao Romance Brasileiro Do Século XX - trajetórias, usos e sentidos do negrismo. **Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana,** Ano VII, nº XIII, Jul. 2014.

PEREIRA, E. A. (org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. M. Um não é todos. *In*: PEREIRA, E.A; GOMES, N. P. M. **Ardis da imagem**: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PEREIRA, É. A. A metonímica identidade do oboé na novela de Oswald de Camargo. **Leitura em revista**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, dez. 2017. p. 140-145. Disponível em: <http://iiler.puc-rio.br/leituraemrevista/index.php/LER/article/view/159/10>. Acesso em: 03 set. 2019.

_____. **Metamorfoses do abutre**: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PORTELA, V.; MATOS, J. **Talento para a vida**: o que fazer para descobrir e potencializar seus talentos e ter uma vida produtiva e prazerosa. Rio de Janeiro: Human Learning, 2001.

PRESS, M, 2010. **A Era dos Talentos**. [S. l.: [s. d]. Disponível em: <http://www.guiarh.com.br/x41.htm>. Acesso em: 14 set. 2020.

RIBEIRO, I. L. B.; FERREIRA, M. D.; JÚNIOR, J. C. Racismo sem racistas: entendendo o racismo estrutural. *In*: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFMG, 7, 2019, Ribeirão das Neves. **Anais...** Ribeirão das Neves: Instituto Federal de Minas Gerais. – 12 a 14 de agosto de 2019. 5 p.

SANTOS, C. C. R.; JESUS, G. G. O preconceito racial dentro de multinacionais como impeditivo de crescimento profissional aos negros no Brasil. *In*: SIMPÓSIO DE EXCELENCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 16. 2010, Resende, **Anais...** Resende: SEDB, 2010. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/402_ArtigoPreconceitoRacialnasMultinacionais.pdf. Acesso em: 05 set. 2019.

SANTOS, G. S. **Racismo nas organizações**. *In*: Centro de estudos das relações de trabalho e desigualdades. [S. l.], 26 jan. 2018. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/20983/racismo-nas-organizacaoes>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SCHWARCZ, L. K. M. No país das cores e nomes. *In*: QUEIROZ, R. S (org.). **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Senac, 2000.

_____. Uso e abuso da mestiçagem da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. **Afro-Ásia**, n. 18. 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20901>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SCHWARCZ, L. M.; SANTOS GOMES, F. (ed.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SIQUEIRA, K. M. Oswald de Camargo: o lugar de identidade, resistência e afirmação de uma poética de autoria negra na literatura brasileira. **Opará**: etnicidades, movimentos sociais e educação, [S. l.]: Paulo Afonso, a. 1, v.1, jan./jun.

2013. p. 36-46. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/download/ART0003/954>.
Acesso em: 05 set. 2019.

SOUZA, C. L. **Recrutamento e retenção de talentos como gestão estratégica**. [S. l.], 23 out. 2013. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/recrutamento-e-retencao-de-talentos-como-gestao-estrategica/114439/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SOUZA, C. **Talentos e competitividade**. Rio de Janeiro, Qualitymark, 2001.

SOUZA, J. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo social. Rev. Sociol.* São Paulo: USP, v. 12, 2000, p. 69-100.

SOUZA, V. S.; SANTOS, R. V. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, dez. 2012, p. 745-760.

VACCARI, P. R. O Padre José Maurício Nunes Garcia e o mulatismo musical: embranquecimento histórico? In: **Revista Música**, Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, v. 18, n. 1, 2018. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/145563/146549>. Acesso em: 30 nov. 2021.